

EDIÇÃO ESPECIAL
40 ANOS DE TRABALHO
SOCIAL COM IDOSOS

VOL. 14 Nº 28 SETEMBRO DE 2003

ISSN 1676-0336

ATERCEIRIDADE

SESC
SAO PAULO

A TERCEIRA IDADE - VOLUME 14 - Nº 28 - 2003

o tempo sem env...

É o tempo da vida sem restrição,
um tempo inconcebível nos
limites da condição humana

Este tempo não nos pertence nem nos concerne

o tempo sem envelhecimento
será o da eternidade

o tempo sem envelhecimento é um sonho do homem

O tempo sem envelhecimento...
é o tempo da vida sem restrição,
um tempo inconcebível nos
limites da condição humana.

o tempo sem
envelhecimento será o da
eternidade. É o tempo da vida
sem restrição,
um tempo inconcebível
nos limites da condição humana

Tide Hellmeister
ARTE COLLAGE TIDE HELLMESTER

entrevista



Danilo Santos de Miranda

**A NOVIDADE NA AGENDA SOCIAL
CONTEMPORÂNEA: INCLUSÃO DO CIDADÃO
DE MAIS IDADE**

SESC
SAO PAULO



ATERCEIRIDADE

VOLUME 14 - Nº 28 - SETEMBRO 2003

Publicação técnica editada pelo SESC

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

SESC
SÃO PAULO

A Terc. Id.	São Paulo	v.14	n.28	p. 1 - 104	setembro 2003
-------------	-----------	------	------	------------	---------------

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP

Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social

Joel Naimayer Padula

Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade

Rui Martins de Godoy

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (Coordenação)

Lília Ladislau

Maria Lucia Del Grande

Regina Sodré

Maria Aparecida Ceciliano de Souza

Valter Vicente Sales Filho

Marcos Prado Luchesi

Marcos Ribeiro de Carvalho

Maria Silvia de Souza Mazin

Marta Lordello Gonçalves

Claudio Alarcon

Projeto Gráfico

Eron Silva

Equipe: Marilu Donadelli, Cristina Tobias, Cristina Miras, Euripedis Silva, Lourdes Teixeira, Sérgio Afonso, Kelly Santos, Roberta Alves, Daniel Silva.

Fotografias

2a. capa, páginas 10, 42, 56 e 67: Lenise Pinheiro

Páginas 4, 14, 18, 29, 32, 36, 46, 60, 72 e 74: Gal Oppido

Páginas 77, 82, 86, 90 e 94: Nilton Silva

Artigos para publicação podem ser enviados para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista A Terceira Idade Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) Av. Paulista, 119 – 9  andar - CEP 01311-903 – Fone: (011) 3179-3570 Fax: (011) 3179-3573 e-mail: ferrigno@paulista.sescsp.org.br

A Terceira Idade/Serviço Social do Comércio. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)- .-São Paulo: SESC-GETI, 1988-

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)

Sum rios Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID - Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva - Escola de Educação Física - UFMG)

A Novidade da Agenda Social Contemporânea: A Inclusão do Cidadão de mais Idade

Renato Veras

6



A Educação da Terceira Idade para o Empreendedorismo

Ofélia Gomes Machado

30



O Idoso e a Representação de Si

Hilca Barros de Santana e Kaline Leite Sena

44



Dançando com a Terceira Idade

Adriano Volnei Zago e Aline Soares da Silva

54



Os Anos que saem da gente

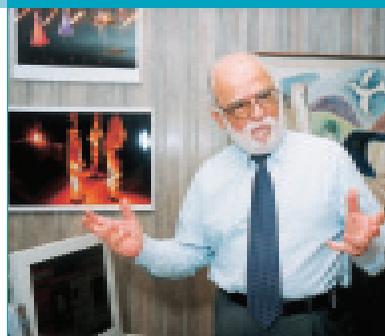
Ignácio De Loyola Brandão

74



ENTREVISTA

Danilo Santos de Miranda





O 40º Aniversário de um Programa Pioneiro na América Latina

Criado, mantido e administrado pelo empresariado do comércio e serviços, o SESC vem protagonizando, ao longo de seus 57 anos, iniciativas inovadoras em campos diversificados da cultura, do lazer e do tempo livre. Exemplo desse pioneirismo foi a criação, em 1963, do primeiro grupo de convivência de idosos do Brasil. Esse foi o início do trabalho que atualmente traz diariamente ao SESC milhares de idosos, que exercem e desfrutam o direito de serem reconhecidos e valorizados, num processo permanente de desenvolvimento cultural e social.

Atualmente o SESC desenvolve trabalhos sociais com idosos em cerca de 50 cidades do Estado de São Paulo e conta com mais de 55 mil participantes inscritos. A abrangência e significado desse trabalho tornaram-se referência nacional e internacional e têm gerado ações similares, empreendidas por diversas instituições.

Essa realização expressa o sentido de responsabilidade social dos empresários do comércio e serviços, comprometidos em contribuir para a promoção da qualidade de vida das pessoas. Para isso, em vez das formas exauridas do amparo e proteção, a entidade optou por ações que promovessem o desenvolvimento das pessoas.

Ao consolidar sua vocação como agência educativa não-formal, o SESC elegeu o lazer sociocultural como campo prioritário de trabalho.

As atividades artísticas e intelectuais, esportivas, recreativas, de turismo social ou educação ambiental são plenas de possibilidades no que tange à formação e desenvolvimento do ser humano, pois possibilitam a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades, a interação pessoal e o exercício do pensamento crítico e criativo, sempre de forma voluntária e prazerosa.

Mas esse trabalho não teria qualquer sentido se não agregasse a condição essencial da inserção social.

O trabalho social com idosos realça esse propósito, pois, contrário aos paradigmas que relegam ao idoso o abandono e o isolamento, cria e amplia as possibilidades de participação ativa desse segmento na dinâmica social.

Neste setembro de 2003, com muita satisfação comemoramos 40 anos desse empreendimento e esperamos assim contribuir para a edificação de uma sociedade mais aberta aos cidadãos da Terceira Idade, cuja participação é imprescindível na transmissão de valores fundamentais às gerações mais jovens, como a tolerância e a solidariedade.

Abram Szajman

Presidente do Conselho Regional do SESC no Estado de São Paulo



**“Uma nova reforma da Previdência, nas próximas décadas, será
recolocada em pauta e novos embates virão.**

**(...) O desafio que agora se coloca é o de começar
a traçar novos cenários nos quais os avanços da biotecnologia,
aliados à consciência da importância
de um estilo de vida mais saudável, permitirão ao ser humano
ampliar o limite do tempo de vida para além
dos 100 anos, de forma independente, sem fragilidades
e livre de muitos agravos, graças ao monitoramento
adequado de suas doenças crônicas”.**

A Novidade da Agenda Social Contemporânea: A Inclusão do Cidadão de Mais Idade

Introdução

“Em um estudo realizado pelo Centro de Documentação da UnATI/UERJ relativo à produção científica brasileira de pós-graduação, através de trabalhos de dissertações de mestrado e teses de doutorado, sobre o tema “terceira idade”, foram identificados, até a presente data, 941 trabalhos, sendo 75% correspondentes a dissertações de mestrado e 21% de teses de doutorado (as demais são de livre docência e obras para as quais não foi possível saber o grau da qualificação). As primeiras obras catalogadas referem-se à década de 1970 e estima-se que devam existir em torno de 150 trabalhos a serem desvendados.”

RENATO VERAS

Médico.

Professor de Medicina Social e Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. PhD pela Guy's Hospital da Universidade de Londres.

Autor de “País Jovem com Cabelos Brancos” e “Gestão Contemporânea em Saúde”.



Após a análise dos trabalhos já identificados, essas referências foram organizadas em duas grandes áreas: ciências sociais e humanas (sociologia, antropologia, psicologia, serviço social, educação e comunicação social) e saúde pública e área biomédica (políticas de saúde, serviços de saúde, epidemiologia, medicina, nutrição, enfermagem e educação física).

A maioria quase absoluta da produção pesquisada, desde aquelas de abordagem mais estereotipada e marcada pelos rótulos dominantes que julgam o envelhecimento um problema de Estado ou de saúde a ser regulado ou “tratado”, até aquelas que propõem uma reflexão sugerindo ações alternativas em que as perdas comuns a este segmento etário não sejam associadas como aspectos negativos da velhice, não induz a uma reflexão com a dimensão e contemporaneidade que julgo necessárias ao tema. A meu ver, existe ainda uma preocupação muito pequena com a perspectiva futura das transformações sociais profundas que serão decorrentes não apenas da ampliação numérica dos idosos na sociedade, mas particularmente das mudanças biológicas advindas da ampliação dos conhecimentos da engenharia genética. Esses fatos mudarão, em um porvir muito próximo, a organização social que conhecemos.

Muito antes do que se imagina, teremos indivíduos se aposentando perto dos 60 anos de idade e iniciando um novo ciclo de vida que perdurará por mais 30 ou 40 anos. Novas áreas profissionais e educacionais se abrirão especificamente para absorver esse grupo etário ainda em plena capacidade laboral e intelectual. Um novo mercado de trabalho e uma nova sociedade estarão em formação.

Uma nova reforma da Previdência, nas próximas décadas, será recolocada em pauta e novos embates virão; cada vez mais se ampliará a diferença do percentual demográfico de homens e mulheres na sociedade e suas conseqüências ainda pouco discutidas e projetadas; os avanços tecnológicos dos fármacos produzirão medicamentos cada vez mais potentes que, além de evitarem mortes por causas hoje ainda inevitáveis, revolucionarão os aspectos da sexualidade, de uma forma sem precedentes, possibilitando a atividade sexual com prazer até próximo ao limite biológico humano, ou em outras palavras, ultrapassando os 100 anos de vida; todas estas mudanças e avanços fantásticos farão parte de uma pauta macroeconômica de reorganização da sociedade.

Possivelmente teremos, também em um futuro próximo, o convívio familiar de cinco ou seis gerações. E em muitos destes núcleos, devido ao processo de globalização e ao crescente desemprego, será provável que o grande sustentáculo do clã seja o mais idoso, que o proverá através de sua aposentadoria, adquirida nos bons tempos da integralidade, ou ainda por conta de sua nova inserção no mercado de trabalho. Os cenários são infundáveis.

O desafio que agora se coloca é o de começar a traçar estes novos cenários nos quais os avanços da biotecnologia, aliados à consciência da importância de um estilo de vida mais saudável, permitirão ao ser humano ampliar o limite do tempo de vida para além dos 100 anos, de forma independente, sem fragilidades e livre de muitos agravos, graças ao monitoramento adequado de suas doenças crônicas.

É necessário, portanto, conhecer corretamente o perfil do idoso de hoje para que possamos traçar as estratégias adequadas ao enfrentamento destas importantes transformações que se avizinham, já bem configuradas e próximas de se tornar realidade.

O envelhecimento humano

A espécie humana necessitou de milhões de anos para atingir um bilhão de pessoas, o que teria ocorrido em 1830. Em 1927 este número dobrou. Em 1960 chegou aos três bilhões de habitantes no planeta. De lá para cá, a aceleração cresceu. Em 14 anos a marca dos quatro bilhões foi atingida, o quinto bilhão veio em 1987 e, 12 anos após, em 1999, alcançamos o sexto bilhão.

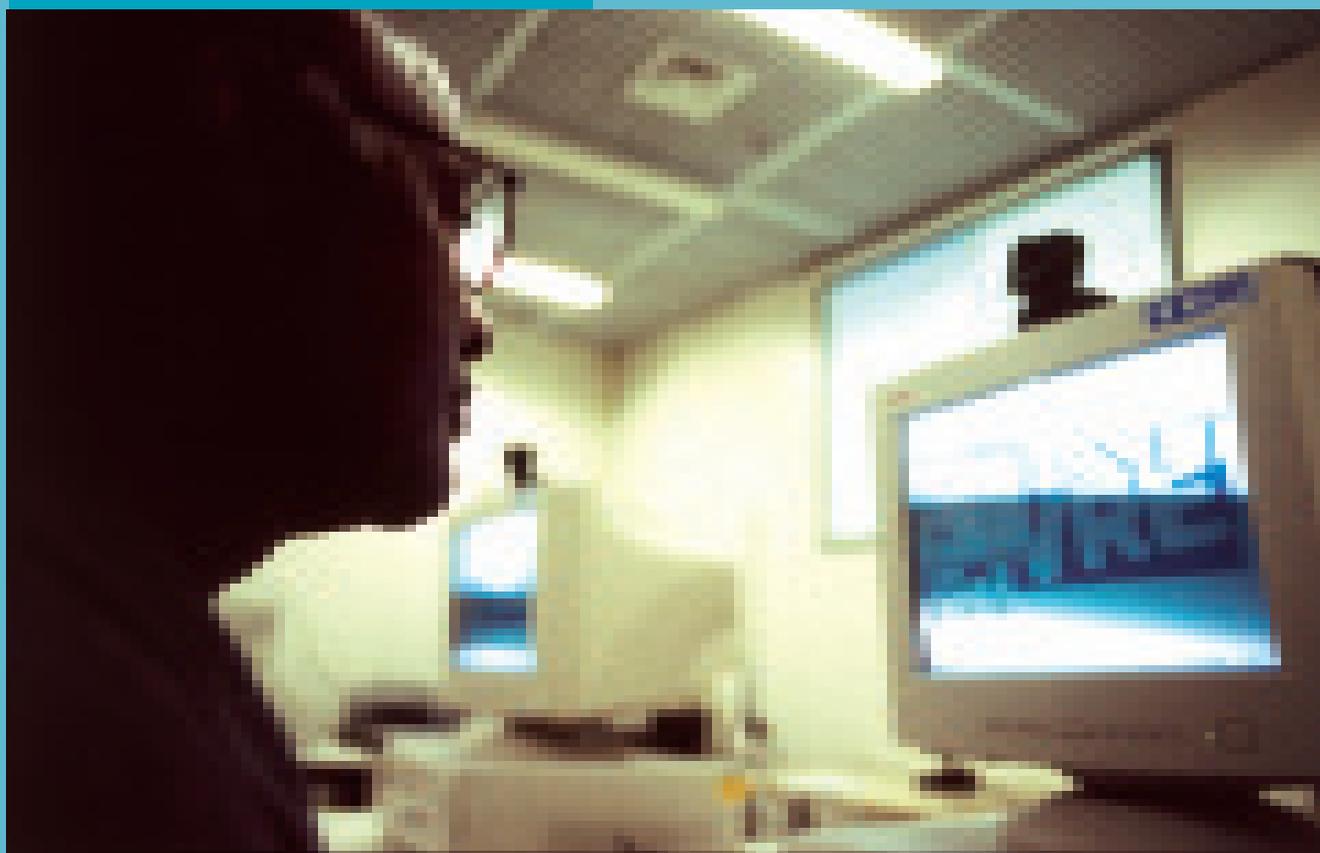
Paralelamente a este incremento populacional, a longevidade humana estendeu-se a limites até então inimagináveis, colocando a questão do envelhecimento da população como um dos maiores desafios das agendas sociais contemporâneas. A atual sociedade vem se caracterizando por imensas transformações; a esperança de vida cresceu mundialmente cerca de 30 anos, neste último século. O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, está ocorrendo a uma velocidade -sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões o número de idosos no mundo. Em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente de pessoas já alcançava 579 milhões, o que significou um crescimento de quase 8 milhões de idosos por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à faixa da população infantil de 0 a 14 anos de idade.

Outros aspectos importantes demonstram a magnitude deste fenômeno mundial do envelhecimento humano, senão vejamos:

- Desde 1950, a esperança de vida ao nascer em todo o mundo aumentou 19 anos.
- Hoje em dia, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais; para 2050, estima-se que a relação será de um para cinco para o mundo em seu conjunto, e de um para três para o mundo desenvolvido.
- Segundo as projeções, o número de centenários - de 100 anos de idade ou mais - aumentará 15 vezes, de aproximadamente 145 000 pessoas, em 1999, para 2,2 milhões em 2050.
- Entre 1999 e 2050 o coeficiente entre a população ativa e inativa - isto é, o número de pessoas entre 15 e 64 anos de idade por cada pessoa de 65 ou mais diminuirá em menos da metade nas regiões desenvolvidas, e

“Muito antes do que se imagina, teremos indivíduos se aposentando perto dos 60 anos de idade e iniciando um novo ciclo de vida que perdurará por mais 30 ou 40 anos.”

**“Novas áreas profissionais
e educacionais se abrirão
especificamente para absorver
esse grupo etário ainda em plena capaci-
dade laboral e intelectual.
Um novo mercado de trabalho
e uma nova sociedade
estarão em formação.”**

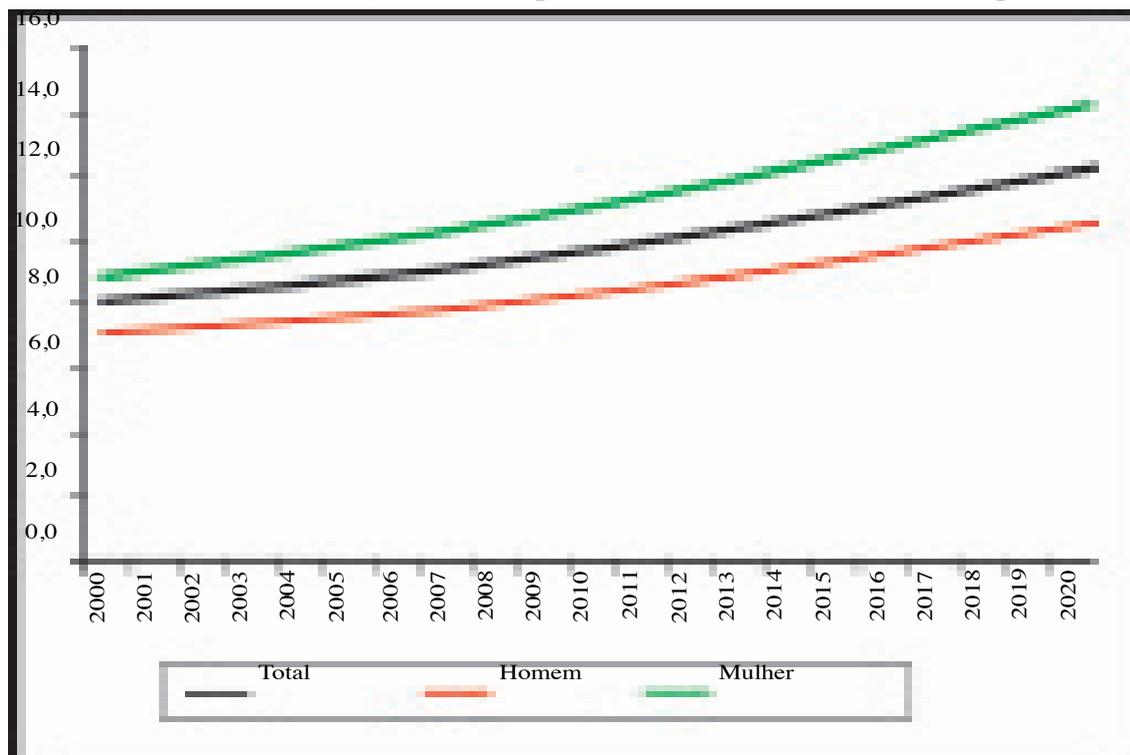


O Brasil de cabelos brancos

O Brasil é um país que envelhece a passos largos. As alterações na dinâmica populacional são claras, inexoráveis e irreversíveis. No início do século XX, um brasileiro vivia em média 33 anos, ao passo que hoje a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros atinge os 68 anos. Entre 1960 e 1980, observou-se, no Brasil, uma queda de 33% na fecundidade. A diminuição no ritmo de nascimento resulta, em médio prazo, no incremento proporcional da população idosa. Nesse mesmo período de vinte anos, a expectativa de vida aumentou em oito anos (gráfico 1)

GRÁFICO 1 - Projeção de crescimento da proporção da população de 60 anos

No Brasil, a população idosa passou de 2 milhões, em 1950, para 6 milhões em 1975 e, para 15,4 milhões, em 2002, significando um aumento de 700%². Estima-se, ainda para 2020, que esta população alcance os 32 milhões. Em países como a Bélgica, por exemplo foram necessários 100 anos para que a população idosa dobrasse de tamanho.



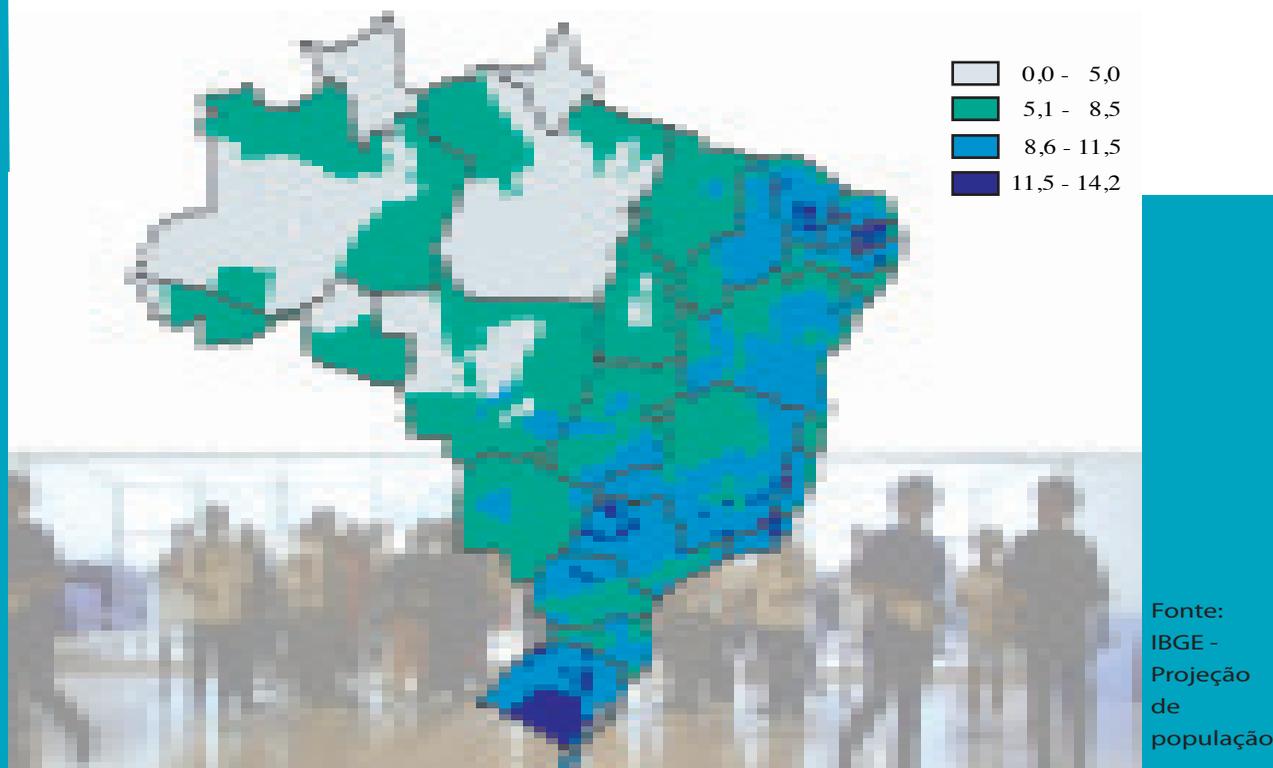
Fonte: Projeto IBGE/Fundo de População das Nações Unidas. Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sociodemográficos. Projeção preliminar da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2000.

lhões em 1975 e, para 15,4 milhões, em 2002, significando um aumento de 700%². Estima-se, ainda para 2020, que esta população alcance os 32 milhões. Em países como a Bélgica, por exemplo foram necessários 100 anos para que a população idosa dobrasse de tamanho.

1 Define-se população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade. No Brasil, existem dois documentos oficiais, a Lei 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, no seu artigo 2º diz “considera-se idoso, para todos os efeitos desta lei, a pessoa maior de 60 anos de idade”, e a Política Nacional de Saúde do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 1999, que define a idade a partir dos 60 anos para designar idoso.–

2 No Brasil, segundo o censo de 2000, a população total era de 169.590.693.

GRÁFICO 2 - Proporção de idosos na população total, por micro regiões - Brasil, 2002.



No Brasil, o processo de transição demográfica vem se desenvolvendo de forma heterogênea e está associado, em grande parte, às desiguais condições sociais observadas no país. A população idosa se constitui como um grupo bastante diferenciado, entre si e em relação aos demais grupos etários, tanto do ponto de vista das condições sociais quanto dos aspectos demográficos.

Na distribuição espacial da proporção de idosos na população brasileira em 2002, por microrregiões, observa-se (*gráfico 2*) que a maior concentração de idosos ocorre nas áreas litorâneas, desde o Rio Grande do Sul até o Piauí, em contraste com a região norte, onde a população ainda é muito jovem. No interior das grandes regiões do país, a distribuição da composição etária deve ser analisada em função do aumento da expectativa de vida e das migrações de população em idade produtiva na busca de melhores condições de trabalho.

O gráfico 1 mostra que a proporção de idosos na população total tem aumentado progressivamente nos últimos 100 anos, especialmente a partir da década de 1970, em contraposição ao decréscimo percentual do segmento etário de menores de 15 anos de idade.

Observou-se um crescimento em todos os grupos de idade, com um aumento maior nos grupos mais avançados de 70 a 74 anos, que de 1991 para 2002, passou de 1.3 para 1.7%, e de 75 ou mais que passou de 1.6 para 2.2% da população total de idosos. Esses percentuais são ainda maiores no estado do Rio de Janeiro, com 2.6% em 2002 no grupo de idade de 75 anos ou mais e ainda mais elevado no

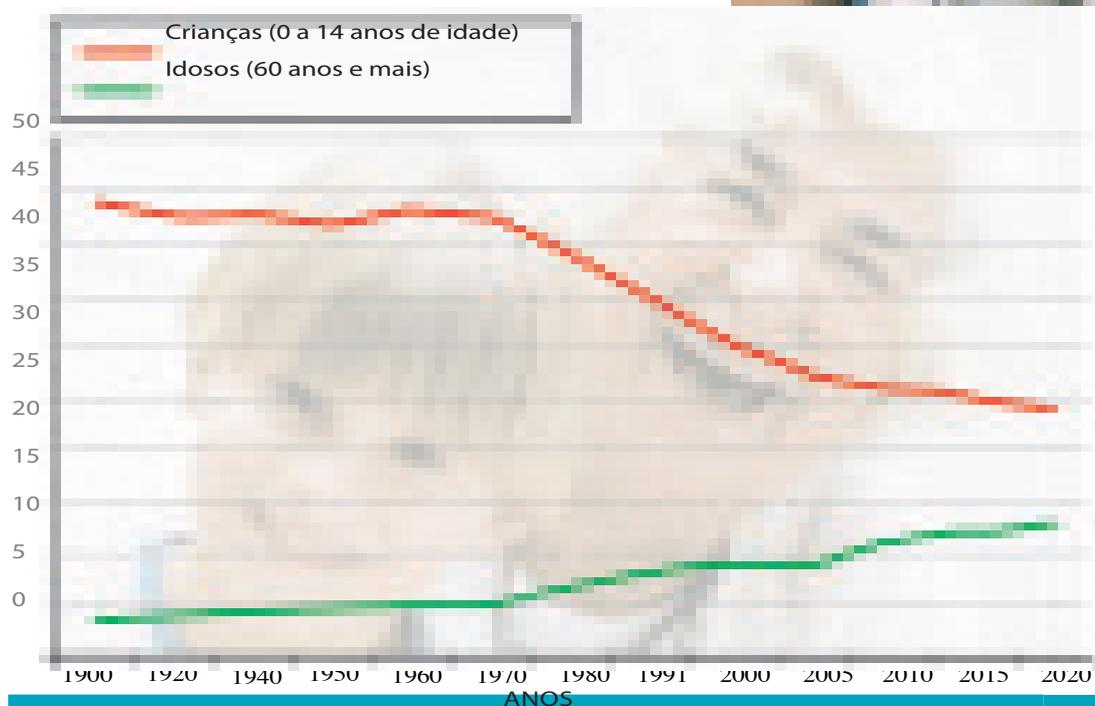
município do Rio de Janeiro, 3.5% em 2002 para a mesma faixa de idade.

Portanto, ocorre não somente um aumento da população idosa, mais também um envelhecimento desta população, com um número maior de idosos nas faixas etárias mais elevadas.

A análise da evolução da relação idoso/criança³ mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças: de 15,9% em 1980, passou para 21,0% em 1991, e atin-



GRÁFICO 3 - Proporção de crianças e de idosos na população total - Brasil, 1900 a 2020.



Fonte: IBGE - Censos demográficos e projeções de população

giu 28,9%, em 2000. Em outras palavras, se em 1980 existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, 20 anos depois essa relação praticamente dobra, passando para quase 30 idosos por cada 100 crianças (*gráfico 3*).

A desigualdade de renda é uma característica marcante de toda a sociedade brasileira e é encontrada, também, entre os idosos. Segundo a PNAD de 2001, 41,4% dos idosos brasileiros tem uma renda familiar per capita inferior a 1(um) salário mínimo. A região Nordeste apresenta os mais baixos níveis de rendimento, onde aproximadamente 63,3% dos idosos não alcançam renda familiar per capita superior a 1(um) salário mínimo.

³ Relação (idoso/criança) = (Pop 60+ / Pop 0-14)*100)



Grupo de idosos em visita a exposição "Guerra de Chiang": roteiro cultural presente na agenda cotidiana

Quando especialistas afirmam que o Brasil se torna cada vez mais um país de idosos, a despeito de sua ainda grande massa de jovens – o que me levou a intitulá-lo, em um dos meus livros, de “um país jovem de cabelos brancos” –, observa-se que esta distribuição demográfica não é uniforme. Em 2002, os idosos representavam 8.8% do total da população brasileira⁴, enquanto que no estado do Rio de Janeiro, o percentual de idosos era de 11% e no município do Rio de Janeiro de 13.2%, índices bem superiores ao da média nacional (*tabela 1*).

TABELA 1: População geral e de idosos, para o Brasil, Estado e Município do Rio de Janeiro, para o ano de 2002.

2002	População Total	População Idosos	%
Brasil	174 904 436	15 383 434	8,8
Estado do RJ	14 743 188	1 620 345	11,0
Município do RJ	5 941 712	781 713	13,2

Para se ter a exata noção da magnitude deste crescimento no Rio de Janeiro, basta verificarmos a população de algumas de suas áreas, em especial, a do bairro de Copacabana, com 27% de idosos, uma proporção superior a regiões de países que contam, há muito, com uma importante parcela de idosos em sua população.

A repercussão do envelhecimento populacional no setor de saúde

Sem dúvida, um dos maiores feitos da humanidade foi a ampliação do tempo de vida, que se fez acompanhar de uma melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações. Ainda que estas conquistas estejam longe de se distribuírem de forma equitativa nos diferentes países e contextos socioeconômicos, o que antes era privilégio de poucos, hoje passa a ser realidade mesmo nos países mais pobres. Viver mais é uma aspiração natural de qualquer sociedade, mas é importante que se consiga agregar qualidade a esses anos adicionais de vida. Neste contexto estão alguns desafios do século que se inicia: como manter a independência e a vida ativa com o envelhecimento? Como fortalecer políticas de prevenção e promoção da saúde, especialmente aquelas voltadas para os idosos? Como manter e/ou melhorar a qualidade de vida com o envelhecimento?

Fica patente que o investimento em políticas de saúde é uma diretriz prioritária para que o idoso possa usufruir a ampliação dos anos de vida, de forma autônoma, saudável e com qualidade. No entanto, é reconhecido que o custo da saúde é muito alto (*vide tabela 2*), apesar de ser fundamental para qualquer sociedade. Por este motivo, as políticas precisam ser eficientes, contemporâneas e elaboradas por profissionais qualificados e experientes.

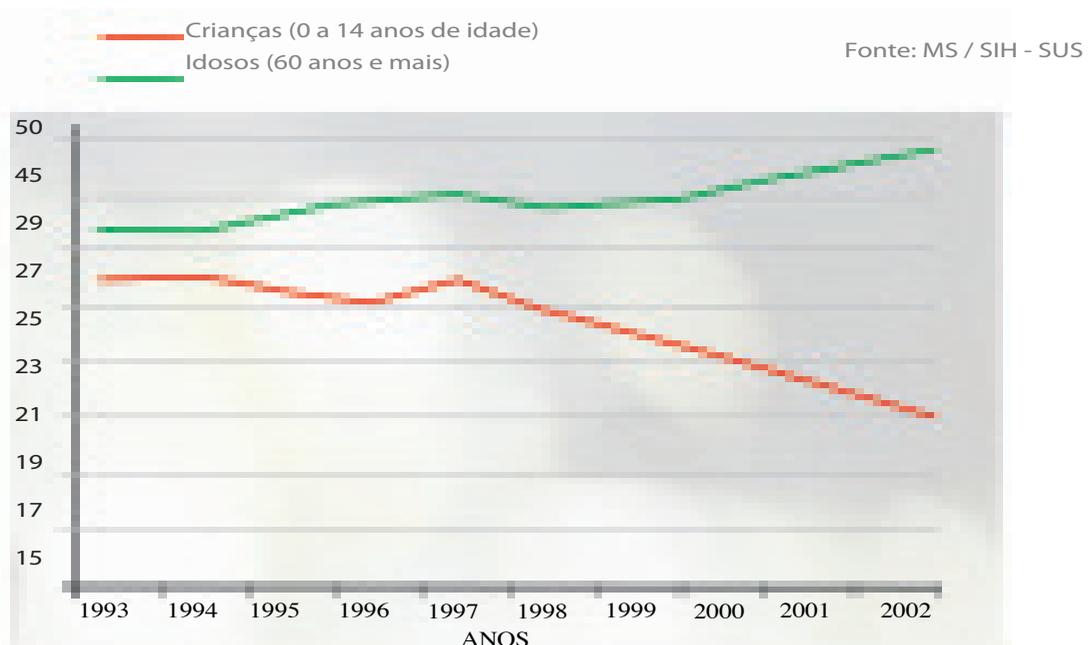
⁴ Observa-se um aumento da população total de idosos brasileira, que em 2000 era de 14.536.026, contra 10.722.705 observados em 1991, e com 15.383.434 no ano de 2002, vindo a representar 8.8% da população brasileira total.

Maximizar recursos é algo a ser buscado. É sabido, por exemplo, que a escolaridade é um dos fatores relevantes para a manutenção da capacidade funcional do idoso, condição indispensável para garantir um envelhecimento com boa qualidade de vida. Um melhor nível educacional pode influenciar em diversos aspectos: i) permitindo maior acesso a cuidados médicos; ii) aumentando o conhecimento sobre comportamentos de saúde mais apropriados; e, iii) estimulando a atividade mental e as funções cognitivas, e retardando, por exemplo, o desenvolvimento da doença de Alzheimer. Em outras palavras, investimento em educação traz benefícios que ultrapassam o campo restrito desse saber.

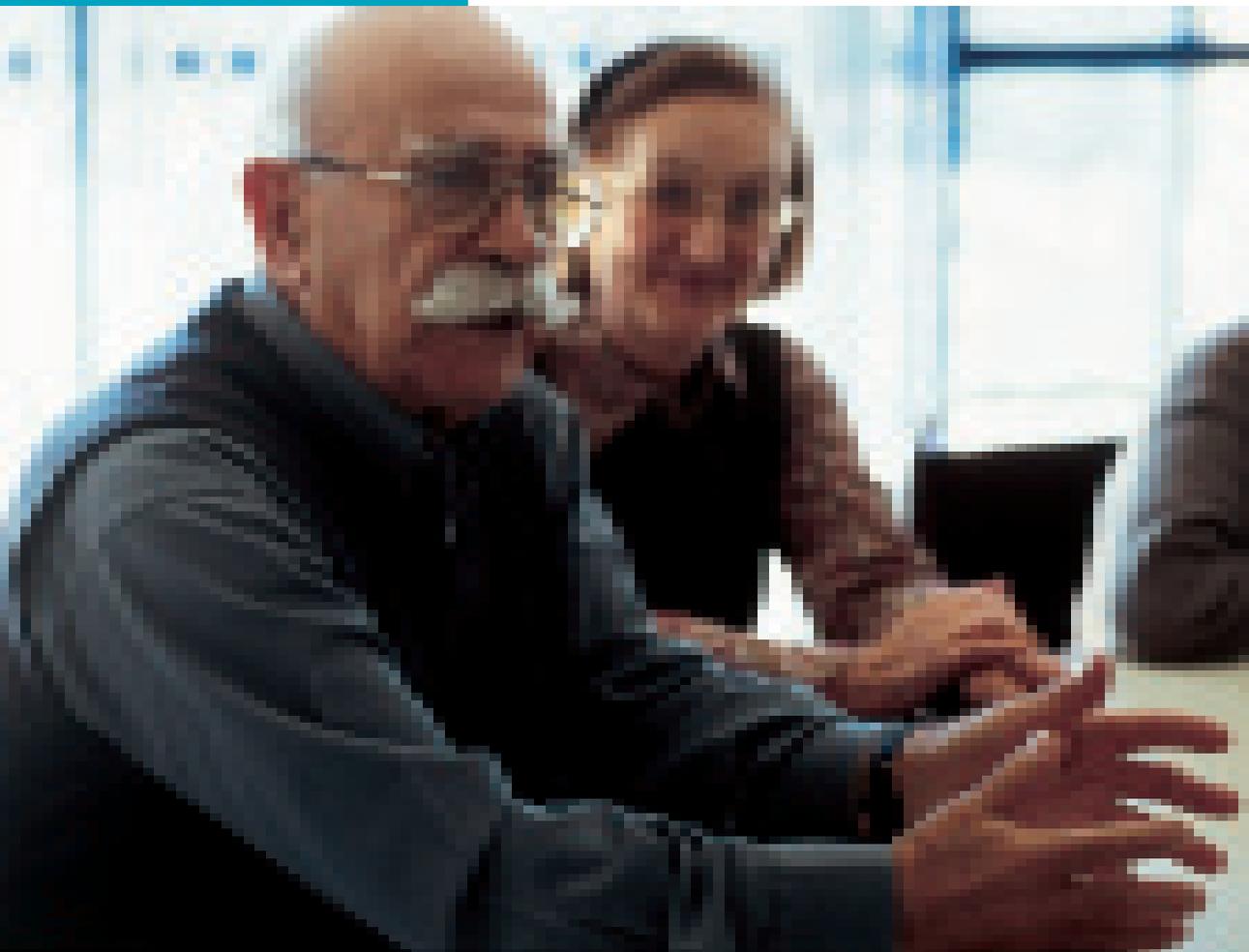
Este tipo de preocupação precisa estar presente no pensamento de nossa elite política: redução de custos acompanhado da ampliação do cuidado oferecido de uma forma inovadora, que fuja dos tradicionais modelos de restrição ou de penalização daqueles que mais precisam. Esta é a preocupação central que deve dominar o gestor e/ou formulador de políticas sociais ou de saúde.

As modificações observadas na pirâmide populacional, onde as doenças próprias do envelhecimento ganham maior expressão, trazem como resultado uma demanda crescente por serviços de saúde. Aliás, este é um dos desafios atuais: escassez de recursos para uma demanda crescente. O idoso consome mais serviços de saúde, as internações hospitalares são mais frequentes e o tempo de ocupação do leito é maior quando comparado a outras faixas etárias. Consomem-se mais recursos sem que necessariamente se obtenham os resultados esperados em termos de recuperação da saúde e melhoria da qualidade de vida. Em geral, as doenças dos idosos são crônicas e múltiplas, perduram por vários anos e exigem acompanhamentos constantes, cuidados permanentes, medicação contínua e exames periódicos (*gráfico 4*).

GRÁFICO 4- Proporção de gastos com hospitalização de crianças e de idosos, no SUS - Brasil,



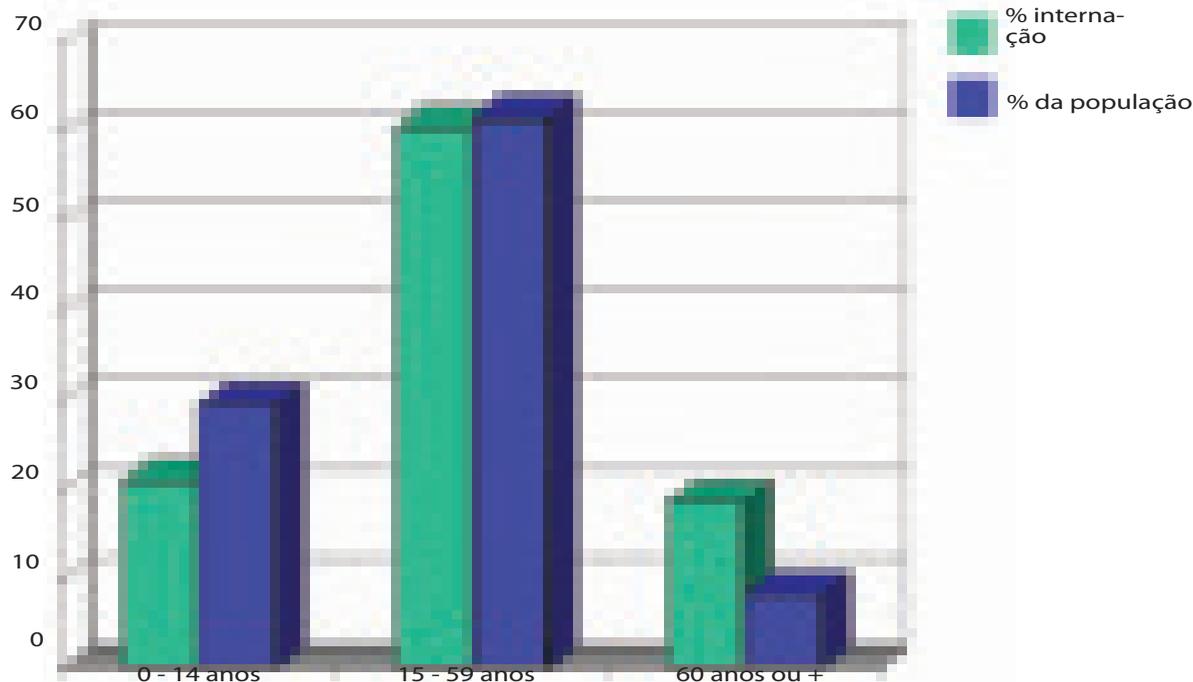
“... em muitos destes núcleos, devido ao processo de globalização e ao crescente desemprego, será provável que o grande sustentáculo do clã seja o mais idoso, que o proverá através de sua aposentadoria, adquirida nos bons tempos da integralidade, ou ainda por conta de sua nova inserção no mercado de trabalho. Os cenários são infundáveis.



“Possivelmente teremos, também em um futuro próximo, o convívio familiar de cinco ou seis gerações.”

Acompanhando essa tendência, os gastos hospitalares no Sistema Único de Saúde (SUS) estão se concentrando cada vez mais no atendimento ao idoso (*gráfico 5*).

GRÁFICO 5 - Relação entre a proporção da população e internação hospitalar - 2002.



Fonte: MS / SIH - SUS

Tomemos por base, os recursos investidos em internações hospitalares. Segundo dados fornecidos pelo SUS, em 2002, 18,6% do total de internações apuradas pelas AIHs (Autorizações de Internação Hospitalar) foram registradas na faixa etária de 60 anos ou mais de idade, para uma população de idosos de apenas 8,5%, em comparação com 20,9% de internações na faixa de 0 a 14 anos para uma população de 29,6% e 60,5% de internações na faixa de 15 a 59 anos (61,8% da população total).

Todos os demais indicadores mostram um panorama semelhante para a população idosa: a taxa de hospitalização por 1000 indivíduos foi de 47,2 na faixa de 0 a 14 anos; 65,6 no segmento de 15 a 59 anos e, 146,8 no grupo de 60 ou mais anos de idade. O tempo médio de permanência hospitalar foi de 7,6 dias para o grupo de 60 anos ou mais e de 5,8 dias nos demais. O índice de hospitalização (número de dias de hospitalização consumidos, por habitante, a cada ano) foi igualmente maior no grupo de idosos: 1,11 dia em comparação com 0,23 e 0,40 dia, nas faixas de 0 a 14 e 15 a 59 anos, respectivamente. Em relação ao custo total das internações, 17,7% foi relativo aos pacientes de 0 a 14 anos; 57,8%, de 15 a 59 anos e 24,5% entre os idosos. O custo médio, por internação, foi de R\$ 605,37 para os mais idosos; R\$ 391,06, dos 0 aos 14 anos e R\$ 440,75 de 15 a 59 anos. Finalmente, o índice de custo (custo de hospitalização por habitante /ano) foi de R\$ 18,48 para o segmento de 0 a 14 anos; de R\$ 28,91 para a faixa de 15 a 59 anos, e de R\$ 88,90 para aqueles com mais de 60 anos.

Quaisquer que sejam os indicadores observados, os custos e utilização dos serviços são sempre maiores para os idosos. No documento oficial do Governo sobre a

Política Nacional de Saúde do Idoso⁵ também foram apresentados indicadores de utilização dos serviços de saúde e custos e verificou-se semelhante tendência. Se olharmos historicamente, é possível observar que enquanto alguns indicadores melhoram nas demais faixas etárias, tal comportamento não se reflete entre os idosos.

Estes fatos atestam algo já conhecido, porém ainda sem capacidade política de gerar mudanças no modelo assistencial. Apesar do Ministério da Saúde possuir o maior orçamento do governo, algo em torno de 28 bilhões de reais/ano, em relação ao PIB do país, seu gasto é ainda muito pequeno, particularmente quando comparado com outros países (vide tabela 2). Mas ainda mais grave é quando se observa a relação dos custos e a importância conferida as políticas para com os idosos. Em todos os indicadores analisados, como tempo de permanência hospitalar, utilização dos serviços ambulatoriais, consumo de medicamento, realização de exames complementares, entre outros, a participação dos idosos se situa entre 25 a 30% do total dos dispêndios do Ministério da Saúde. Isto quer dizer que o grupo etário dos idosos, composto de menos de um décimo da população, utiliza em torno de um quarto do orçamento do Ministério da Saúde, ou algo próximo a 7 bilhões de reais/ano, valor superior ao somatório da receita de vários Ministérios, como Cultura, Turismo, Esporte, Ciência e Tecnologia, entre outros. Observa-se uma relação inversa entre o tamanho da conta e a prioridade das políticas para com os idosos.

TABELA 2: Países selecionados, para o ano de 2000, indicadores demográficos e de gastos em saúde.

Países	População total (000)	População de 60 anos ou mais (em%)	Gasto total em saúde, % do PIB	Gasto total em saúde, per capita (em US\$)
Afganistão	21.923	4.9	3.2	28
Argentina	36.577	13.3	8.2	823
Bélgica	10.152	21.6	8.0	1.738
Brasil	167.988	7.6	6.5	428
Canadá	30.857	16.7	8.6	1.836
Chile	15.019	10.0	6.1	581
China	1.273.640	10.0	2.7	74
Cuba	11.160	13.4	6.3	109
França	58.886	20.5	9.8	2.125
Índia	998.056	7.5	5.2	84
Itália	57.343	23.9	9.3	1.824
México	97.365	6.8	5.6	421
Moçambique	19.286	5.1	5.8	50
Portugal	9.873	20.8	8.2	1060
Federação da Rússia	147.196	18.3	5.4	251
Serra Leoa	4.717	4.8	4.9	31
Suça	7.344	19.3	10.1	2.644
Reino Unido	58.744	20.9	5.8	1.193
Estados Unidos	276.218	16.4	13.7	4.187

Fonte: Organização Mundial de Saúde, The World Health Report, 2000.

5 A Política Nacional de Saúde do Idoso foi sancionada pelo Ministro da Saúde, sendo publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 1999.

Gasta-se muito e mal em hospitalização e internações de longa permanência em detrimento de cuidado ambulatorial, em bases mais contemporâneas, ou em instâncias intermediárias como Centros-Dia, Programas de Internação Domiciliar e Assistência Domiciliar, ou de espaços alternativos, tipo Centros de Convivência, como o modelo desenvolvido pela UnATI.

Vamos abordar duas das inúmeras propostas que não vem recebendo a prioridade devida: o ambulatório hierarquizado em complexidade e a internação e o cuidado domiciliar. Ênfases que propõem, na verdade, uma mudança no paradigma do cuidado, rompendo com a tradição da assistência orientada para a doença, em direção a uma abordagem orientada para a prevenção e ações que em muitas das vezes ultrapassam o campo específico de saber da área da saúde.

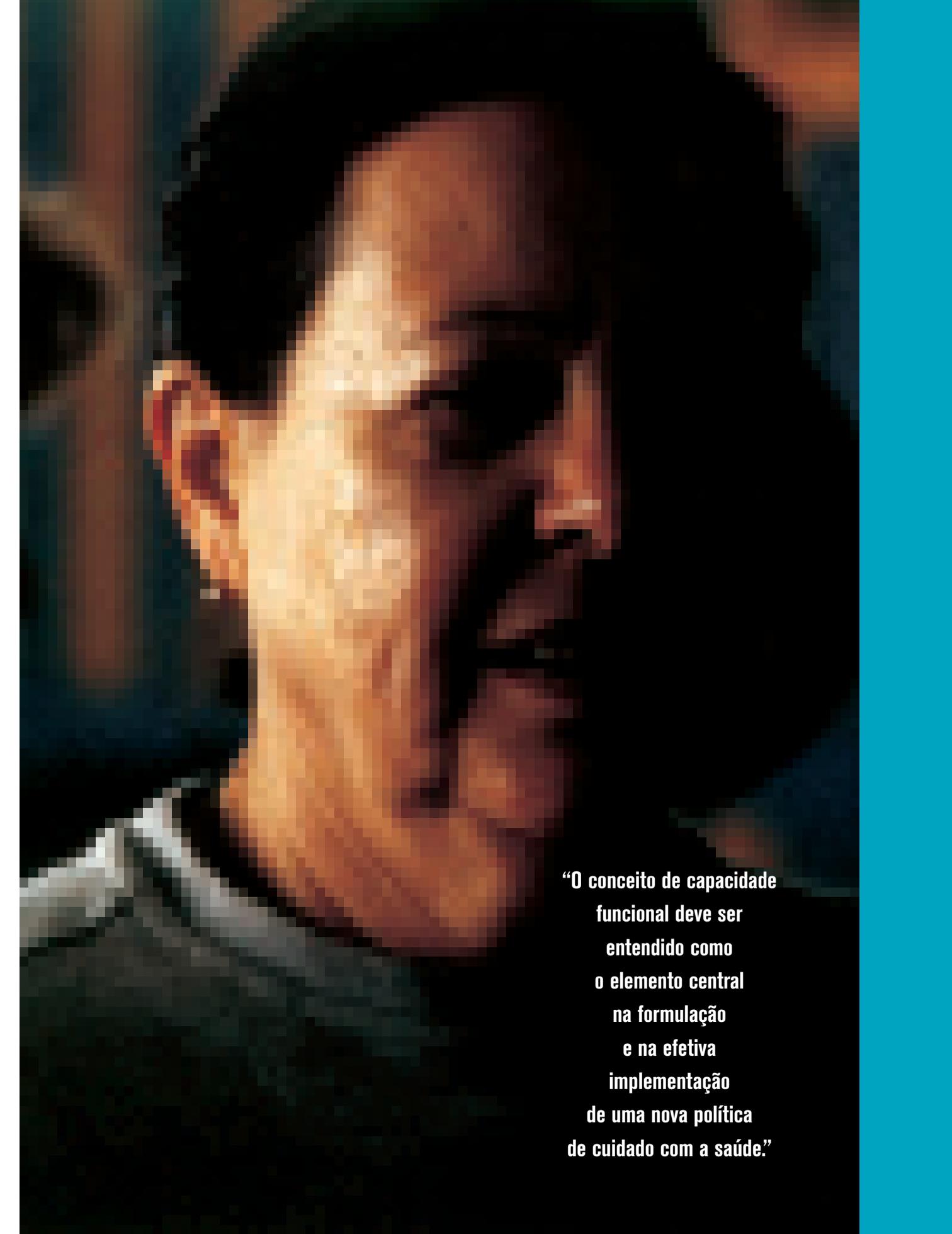
Na verdade espera-se muito mais para o êxito das políticas de valorização do idoso. Não obstante a existência da Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, nada ou muito pouco foi implementado. Não se discute que apesar de sua irrefutável importância, envelhecimento é algo muito mais amplo do que apenas saúde. Por esse motivo a Política Nacional do Idoso confere ao Ministério da Promoção Social o papel de orientador de uma política social do idoso visando a uma maior sinergia e direção uniforme entre todas as áreas do governo.

O conceito de capacidade funcional

O conceito de capacidade funcional deve ser entendido como o elemento central na formulação e na efetiva implementação de uma nova política de cuidado com a saúde. Como já dito anteriormente, a maioria das doenças crônicas que acometem os indivíduos, geralmente os idosos, tem na própria idade seu principal fator de risco. Envelhecer sem nenhuma doença crônica é antes a exceção do que a regra. No entanto, a presença de uma doença crônica não implica que o indivíduo não possa gerir sua própria vida e vivenciar seu dia-a-dia de forma totalmente independente.

Decorre daí o conceito de capacidade funcional, ou seja, a capacidade de preservar as habilidades físicas e mentais necessárias à manutenção de uma vida independente e autônoma, ainda que convivendo com limitações. Do ponto de vista de saúde pública, a capacidade funcional surge como um novo conceito de saúde, mais adequado para instrumentalizar e operacionalizar uma política de atenção à saúde. Ações preventivas, assistenciais e de reabilitação em saúde devem objetivar a melhora da capacidade funcional, ou, no mínimo, preservá-la e, sempre que possível, recuperá-la. Trata-se de um enfoque que transcende o simples diagnóstico e o tratamento de doenças específicas, em direção a uma prática integral de saúde e a uma promoção efetiva da qualidade de vida em circunstâncias diversas.

Uma política de saúde sintonizada com os reclamos da contemporaneidade deve, portanto, ter como objetivo maior a manutenção da capacidade funcional, pelo maior tempo possível. Isto significa a valorização da autonomia ou autodeterminação e a manutenção da independência física e mental do idoso. seus custos fazem com que fujam do padrão dos demais usuários. Ou seja, o seu



“O conceito de capacidade funcional deve ser entendido como o elemento central na formulação e na efetiva implementação de uma nova política de cuidado com a saúde.”

Atividade assistencial

Um dos “gargalos” do modelo assistencial diz respeito à insuficiente identificação e precária captação da clientela. A baixa resolubilidade dos serviços ambulatoriais, o não-monitoramento das doenças mais prevalentes e os escassos serviços domiciliares, fazem com que o primeiro atendimento ocorra, muitas vezes, em estágio avançado, dentro do hospital, o que, além de aumentar os custos, diminui as chances de um prognóstico favorável. Em geral, as doenças dos mais velhos são crônicas e múltiplas, perduram por vários anos e exigem acompanhamento médico constante e medicação contínua. Além disso, a abordagem médica tradicional, focada em uma queixa principal, e o hábito médico de reunir todos os sintomas e sinais em um único diagnóstico podem até se adequar, com algumas restrições, ao adulto jovem, mas certamente não se aplicam aos idosos.

Porta de entrada do sistema

O modelo assistencial baseado na atuação de múltiplos especialistas e no uso intensivo de exames complementares está esgotado. É por esse motivo que a definição de um médico responsável pelo paciente, com alta capacidade resolutiva, torna-se elemento fundamental para o sucesso dos sistemas de saúde.

Tornou-se lugar-comum, aceito por todos, falar da necessidade de se organizar uma porta de entrada para o sistema. Cabe, no entanto, observar que o médico responsável pela entrada do paciente no sistema pode ter características e funções distintas, dependendo do modelo a ser implementado. Por exemplo: o médico da porta de entrada que segue a lógica do modelo inglês possui uma boa formação generalista e, por esse motivo, tem alta capacidade resolutiva, permitindo estabelecer uma fidelização do paciente com o referido profissional. Já no modelo americano, a porta de entrada tem como característica um serviço de triagem, visando a um melhor encaminhamento para o médico especialista. É contraditório propor o modelo de porta de entrada baseado na lógica do médico especialista.

Quanto mais médicos, exames e intervenções, maior a probabilidade de iatrogenia e a conseqüente piora do quadro de saúde do usuário. O modelo de múltiplas escolhas não é apenas mais caro, mas também pior do ponto de vista da relação paciente-médico e da resolubilidade dos problemas de saúde.

Monitoramento de doenças crônicas

O monitoramento das doenças crônicas vem se firmando como um dos principais instrumentos dos planejadores de saúde. O modelo, apesar de simples, requer uma estrutura qualificada para ser operacionalizado. É sabido que uma pequena parcela de usuários consome mais da metade dos recursos de todo o grupo. Esses usuários por estarem doentes, no momento, ou acometidos por várias doenças crônicas, devem ter um acompanhamento todo especial, pois suas doenças e

acompanhamento é mais complexo e exige uma logística especial e tecnologia apropriada. Essa abordagem especial e diferenciada se traduz num monitoramento de suas doenças e num acompanhamento extremamente rigoroso, de forma a melhorar o seu estado de saúde.

Em linhas gerais, o conceito do monitoramento de doença é o de uma abordagem prospectiva de doenças específicas, integrando a prestação de cuidados de saúde em todas as suas etapas, mesmo nos períodos de remissão da doença, além de ações de prevenção.

Os gestores de saúde sabem que, após a instalação de uma ou mais doenças, não se pode falar de prevenção num sentido restrito. Não é possível prevenir, ou seja, antecipar-se ou evitar danos já ocorridos. Nesse caso, a estratégia tem de ser diferente. A prevenção é extremamente importante, mas temos que respeitar a significação e a representação do sentido dos enunciados. Não é possível evitar ou prevenir, por exemplo, o estabelecimento de um problema cardiovascular em evolução há mais de dez anos, pois a doença já está presente. Deve-se, sim, envidar esforços para que o processo mórbido se estabilize, ou para que sua progressão seja a mais lenta possível. Fica, portanto, claro que há muito ainda a fazer, através da assistência qualificada, do monitoramento do paciente, do aporte do conhecimento epidemiológico e das ações que evitem a aparição de agravos adicionais.

É por esse motivo que o monitoramento de doenças vem se ampliando, pela necessidade de oferecer um cuidado mais específico ao paciente, particularmente aos idosos, com suas múltiplas patologias crônicas.

No Brasil, muitos estão, a nosso ver de forma simplista, associando o monitoramento de doenças exclusivamente à administração dos procedimentos com vistas à redução de custos. Embora uma gestão mais eficiente leve, de fato, a uma redução de custos, monitorar e acompanhar um paciente de mais idade e com múltiplas patologias, de modo a impedir a evolução e a deterioração do quadro mórbido, nada mais é do que o exercício da boa e correta prática médica.

Os estudos vêm demonstrando que ações apropriadas de saúde ou, ainda, uma prática médica mais resolutiva, não só permitem uma melhoria do estado geral de saúde do paciente como também a diminuição dos custos. Em outras palavras, todas as ações que consigam “frear” a cronificação de doenças e que impeçam ou diminuam a hospitalização trazem como resultado uma dupla conquista: controle da doença e redução de custos. Uma política de saúde de fato sintonizada com as demandas contemporâneas deve dar ênfase à manutenção da capacidade funcional, aos programas de prevenção, investindo em metodologias para a detecção precoce de doenças, no monitoramento das doenças crônicas e num sistema médico personalizado, entre outras medidas, ao invés de, por inércia, seguir o modelo da demanda espontânea, que tem no hospital a peça central do sistema.

A “deshospitalização” e os custos da saúde

No Brasil, a discussão sobre a “deshospitalização” começa a ganhar corpo. O Brasil passa pelo fenômeno de aumento da oferta de leitos hospitalares em contraste com a tendência mundial de redução da oferta. O problema é que essa expansão da oferta de leitos hospitalares vai no sentido oposto a uma tendência mundial cada vez mais marcante de deshospitalização. Na economia da saúde dos Estados Unidos, a demanda hospitalar vem experimentando dramático recuo. Naquele país, em apenas seis anos, os leitos ocupados despencaram de 1,2 milhão, em 1994, para 425 mil, em 1999, ou seja, o correspondente a um terço, num intervalo de seis anos. Já no Brasil, o número de leitos hospitalares, nesse mesmo período, cresceu em 30%.

Apostar em instalações e espaços para tratamentos ultra-especializados em hospitais é ir contra uma tendência que indica claramente ser o hospital uma instituição reservada para casos cirúrgicos ou para intervenção nos casos agudos, permitindo a transferência o mais breve possível para unidades intermediárias, como por exemplo, a assistência domiciliar (*home care*).

O home care

O avanço tecnológico das últimas décadas permitiu a miniaturização e automação de equipamentos de alta tecnologia, tais como os respiradores mecânicos, as bombas de infusão, as máquinas de diálise e os equipamentos de administração de medicamentos, permitindo que eles pudessem ser mais simples e de mais baixo custo. Pode-se, portanto, transferir parte da parafernália hospitalar para o interior da residência do doente. Procedimentos cirúrgicos que demandavam vários dias de internação hoje são realizados em consultórios/ambulatorios ou foram reduzidos à metade do tempo ou menos, trazendo mais conforto para o paciente, reduzindo as chances de infecção hospitalar, além de uma conta menor para o pagador. Esses fatores levam a uma menor utilização do hospital e a conseqüente ampliação dos procedimentos realizados no lar – *home care*.

Os bons hospitais serão sempre necessários. Além do mais, nem todos os pacientes são elegíveis para o tratamento domiciliar. Não faz sentido, portanto, passar para uma concepção nihilista em relação aos hospitais, desqualificando-os *in totum*. Não é razoável é transformarmos os hospitais em porta de entrada do sistema de saúde, quando a medicina contemporânea mostra que esse modelo, além de ser muitíssimo mais caro, é também mais ineficiente, e por estes motivos tende a ficar restrito a indicações precisas. Com a ampliação da população idosa, a modalidade do cuidado domiciliar tende a acompanhar esse crescimento. O idoso com múltiplas patologias, mas que almeja ter sua vida o menos conturbada possível opta, na imensa maioria das vezes, pelo tratamento domiciliar.

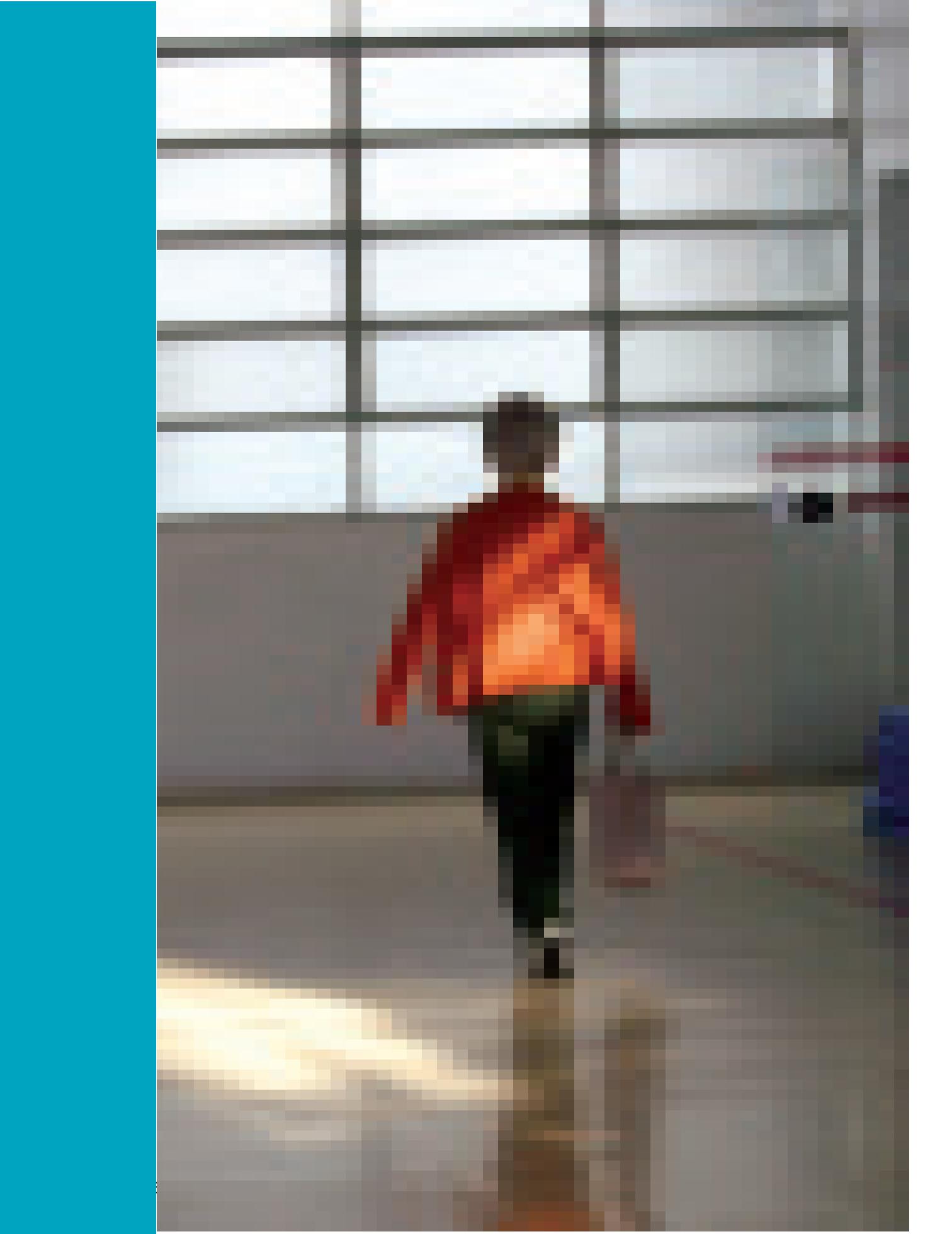
Conclusão



A pergunta a ser formulada é: como lograr realizar essa transformação de modelo? É hora de mudança e o propósito deste texto é sensibilizar os gestores para a necessidade de novos modelos. A partir das evidências que vêm traduzindo o processo de transformação em curso no setor saúde, uma ênfase especial deve ser dirigida ao cuidado do paciente com doença crônica, na sua imensa maioria, pertencente à faixa etária dos idosos. A proposta-chave para este grupo é postergar o início da doença, através do seu adequado monitoramento. Deve-se buscar a compressão da morbidade, termo cunhado por Fries, ou seja, desenvolver estratégias que visem levar a vida para o limiar mais próximo possível do limite máximo de existência da espécie humana.

Nunca é demais lembrar que o brasileiro tinha a expectativa de vida ao nascer, em 1900, de 33 anos e que em apenas cem anos essa expectativa de vida dobrou. Certamente, essa foi a maior conquista do último século. No entanto, viver mais sem qualidade não é uma vitória e sim motivo de preocupação. O que se almeja é aumentar o tempo de vida, se possível até o limite biológico, com qualidade e autonomia, e para tal o modelo de assistência à saúde tem de se ajustar às demandas do tempo presente. Aliás, após tantos esforços realizados para prolongar a vida humana, seria lamentável não se oferecer condições adequadas para vivê-la plenamente.

Está embutida neste contexto a questão dos custos ascendentes do setor saúde, pois nessa área ocorre uma situação tida como “paradoxo tecnológico”. Enquanto em todos os ramos da economia a incorporação de novas tecnologias vem reduzindo os custos e melhorando produtos e serviços, na saúde, produtos e serviços ficam cada vez mais caros, sem que necessariamente melhore a qualidade do processo e se atinja a cura.



Bibliografia recomendada

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 2 v.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz:EDUSP, 1987. 402 p.
- CALDAS, C. P. *O sentido do ser cuidando de uma pessoa idosa que vivencia um processo demencial*. 2000. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. O idoso em processo demencial: o impacto na família. In: MINAYO, M. C. S., COIMBRA JR., C. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz., 2002. p. 51-71
- _____. Educação para a saúde: a importância do autocuidado. In: VERAS, R. P. *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará : UnATI / UERJ, 1999, p. 71-94.
- _____. Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.733-781, jun. 2003.
- CAMARANO, A. A. (Org.) *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1999.
- CARVALHO, J. A. M. ; WONG, L. Demographic and socioeconomic implications of the rapid fertility decline in Brazil: a window of opportunity. In: MARTINE, G. GUPTA, M. , CHEN, L., (Ed.). *Reproductive change in India and Brazil*. Oxford: Oxford University. 1999. p. 208-239.
- ____ ; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v.19, n.3, p.725-733. jun. 2003.
- GORDILHO, A. et al. *Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio pelo setor saúde na atenção integral ao idoso*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2000.
- HADDAD, E. G.M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico: Brasil, 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- KARSCH, U. M. Idosos dependentes: famílias e cuidadores. *Cad. Saúde Pública*, v.19, n.3, p.861-866, jun. 2003.
- LIMA-COSTA, M. F. F. et al. Diagnóstico de saúde da população idosa brasileira: um estudo da mortalidade e das internações hospitalares públicas. *Informe Epidemiológico do SUS*, p.23-41, 2000.
- ____ et al. The Bambui Health and Ageing Study (BHAS). Methodological approach and preliminary results of a population-based cohort study of the elderly in Brazil. *Rev.de Saúde Pública*, São Paulo, n. 34, p. 126-135, 2000.
- ____. ; VERAS, R. P. Saúde pública e envelhecimento. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.700-701, jun. 2003.

____.; BARRETO, S. M. ; GIATTI, L. Condições de saúde, capacidade funcional, uso de serviços de saúde e gastos com medicamentos da população idosa brasileira: um estudo descritivo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.735-743. jun. 2003.

MENDES, W. *Home care: uma modalidade de assistência à saúde*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2001.

MINAYO, M C. S.; HARTZ, Z. M. A ; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.7-18, 2000.

MONSEGUI, G. B. G.; et al. Avaliação da qualidade do uso de medicamentos em idosos. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 33, n. 5, p. 535-541, 1999.

MORAGAS y MORAGAS, R. *El centro de día para enfermos de alzheimer*. Barcelona: Ucb Pharma, 1994.

MOREIRA, M. M. *Envelhecimento da população brasileira*. 1997. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

PEIXOTO, C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. P. (org.) *Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará:UERJ-UnATI, 1997. p. 41-74.

RAMOS, L. R. et al. Perfil do idoso em área metropolitana na Região Sudeste do Brasil: resultado de inquérito domiciliar. *Rev. de Saúde Pública*, São Paulo, USP, v. 27, p.87-94, 1993.

RAMOS, L. R. et al. Perfil dos idosos residentes na comunidade no Município de São Paulo, segundo o tipo de domicílio: o papel dos domicílios multigeracionais. In: FUNDAÇÃO SEADE (Org.) *A população idosa e o apoio familiar*. São Paulo, 1991. p. 109-129.

RAMOS, L. R. et al. Two-year follow-up study of elderly residents in São Paulo, Brazil: Methodology and preliminary results. *Rev. de Saúde Pública*, São Paulo, v. 32, p. 397-407, 1998.

RAMOS, L.R. A explosão demográfica da terceira idade no Brasil: uma questão de saúde pública. *Gerontologia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.3-8, 1993.

____. et al. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 221-224, 1987.

____. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: projeto epidioso, São Paulo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.793-797, jun. 2003.

REGO, R. A. et al. Fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis: Inquérito domiciliar no município de São Paulo, SP (Brasil): Metodologia e resultados preliminares. *Rev. de Saúde Pública*, São Paulo, v. 24, p. 277-285, 1990.

SILVESTRE, J.A.; COSTA NETO, M. M. da. Abordagem do idoso em programas de saúde da família. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.839-847, jun. 2003.

SILVESTRE, J. et al. O envelhecimento populacional brasileiro e o setor saúde. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 81-99, 1996.

TEIXEIRA, C. *O futuro da prevenção*. Salvador: Casa da Qualidade, 2001. (Coleção Saúde Coletiva. Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia).

VERAS, R. P. O anacronismo dos modelos assistenciais na área da saúde: mudar e inovar, desafios para o setor público e o privado. *Série Estudos em Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 211, dez.2000.

_____. O Brasil envelhecido e o preconceito social. In: _____. (Org.) *Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: UnATI:Relume Dumará, 1999. p. 35- 50.

_____. Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações. In: _____ et al. *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2001. p. 11 – 32. (Envelhecimento Humano)

_____. Crisis en los sistemas de atención a los ancianos. *Encrujadas UBA* (Revista de la Universidad de Buenos Aires), ano I, n. 3, p. 28- 35, enero 2001.

_____. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v.19, n.3, p.705-715. jun. 2003.

_____. A longevidade da população: um novo fenômeno. *Rev. Brasileira de Home Care* (Revista médica mensal de Internação Domiciliar, Enfermagem e Nutrição), ano V, n. 49, p. 38, maio 1999.

_____. Modelos contemporâneos no cuidado à saúde: novos desafios em decorrência da mudança do perfil epidemiológico da população brasileira. *Rev. USP* , São Paulo, n. 51, p. 72 - 85, set. / out. 2001.

_____. *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. *Terceira idade: gestão contemporânea em saúde*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

VERAS, R. P. ; ALVES, M. I. C. A população idosa no Brasil: considerações acerca do uso de indicadores de saúde. In: MINAYO, M. C. S. *Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 320-337.

VERAS, R. P. et al. Novos paradigmas do modelo assistencial no setor saúde: consequência da explosão populacional dos idosos no Brasil. *Medicina Social* (Revista da ABRAMGE – Associação Brasileira de Medicina de Grupo), ano XV, n. 171, jan./fev. 2001. (Suplemento especial, Prêmio Abramge de Medicina, 2000).

VERAS, R. P. et al. Novos fatos e alguns pontos de vista sobre a terceira idade. *História , Ciência , Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.135 - 148, mar./jun. 1995.

WONG, L. R. (Org.). *O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade: subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso*. Belo Horizonte: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional/Universidade Federal de Minas Gerais: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2001.

A Educação da Terceira Idade para o Empreendedorismo

“Entre as pessoas de Terceira Idade encontramos ex-profissionais talentosos que não colocaram suas idéias de trabalho em ação devido à falta de oportunidades e que hoje desejam transformar essas idéias em produtos. Com certeza sentem-se instigados a montar seu próprio negócio, mas sem uma reciclagem esse sonho torna-se quase impossível, as portas se fecharão (...) a educação da Terceira Idade em disciplinas relacionadas ao empreendedorismo está se tornando importante na integração dos programas acadêmicos nas universidades devido à nova expectativa de vida mais longa e saudável”.



OFÉLIA GOMES MACHADO

Matemática, Pedagoga e especialista em Psicopedagogia. Doutoranda e Mestre em Ergonomia pela Universidade Federal de São Carlos/SP.

FRANCISCO ANTONIO PEREIRA FIALHO

Engenheiro Eletrônico. Psicólogo. Mestre em Engenharia do Conhecimento e Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Apresentação

O presente estudo aborda o tema empreendedorismo e Terceira Idade considerando a inserção na atividade empreendedora. Mostra o desenvolvimento da cultura empreendedora para a educação da Terceira Idade frente ao crescente desafio de novos empreendimentos para essa faixa etária. A evolução da pesquisa do Censo analisada por ALMADA (2001) revela que há no Brasil 14 milhões de idosos, correspondendo a 8% da população total de cidadãos brasileiros. Em geral, a pessoa da Terceira Idade sente a necessidade de ser valorizada dentro da sociedade. Portanto, deseja voltar à situação de trabalho, uma vez que hoje o ser qualificado é o trabalhador. Assim, ocupações vinculadas ao auto-emprego e às oportunidades de trabalho advindas do empreendedorismo serão as novas oportunidades.

O Empreendedor e o Empreendedorismo

O empreendedor é a pessoa que conhecendo o sistema socioeconômico em que vivemos sabe usar sua criatividade para criar produtos ou serviços que sejam uma resposta às demandas de nossa sociedade. Como conseguir que seu empreendimento sobreviva no clima de instabilidade atual é o grande desafio que se põe à sua inteligência e competência.

A política educacional brasileira, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96), baseia-se em alguns pressupostos, entre outros o reconhecimento de que o desenvolvimento de profissionais preparados para enfrentar os desafios de economias globalizadas e competitivas depende de uma sólida educação geral e de uma adequada educação profissional direcionada para a Terceira Idade.

Segundo Kierulff (1975),

“é importante fazer uma distinção entre empreendedorismo como uma função e o empreendedor como um indivíduo com certas características pessoais que desempenha a função empreendedorismo (...) há evidências de que as características empresariais e comportamentais podem ser desenvolvidas (...) O empreendedor é, acima de tudo, um generalista – ele deve saber um pouco sobre tudo”.

Esta citação se deve ao fato de Kierulff ser um dos pensadores citados na área de empreendedorismo (Capacitação à distância de educadores para o empreendedorismo, LED/UFSC, 2000)

A palavra empreendedorismo é derivada da palavra *imprehendere*, do latim, tendo o seu correspondente, “empreender”, surgido na língua portuguesa no século XV. A expressão “empreendedor”, segundo o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, 2.ed.,1986, teria surgido na língua portuguesa no século XVI. Todavia, a expressão “empreendedorismo” parece ter sido originada da tradução da expressão *entrepreneurship* da língua inglesa que, por sua vez, é composta da palavra francesa *entrepreneur* e do sufixo inglês *ship*. O sufixo *ship* indica posição, grau, relação, estado ou qualidade, tal como, em *friendship* (amizade). O sufixo pode ainda significar uma habilidade ou perícia ou, ainda, uma combinação de todos esses significados como em *leadership* (liderança).

Trata-se de uma palavra cuja maior frequência de uso é recente, haja visto que o *Dicionário Avançado Oxford* de 1948, na 1ª edição e nas edições subsequentes, até 1953 ainda não apresentava o vocábulo *entrepreneurship*. De forma análoga, a *Enciclopédia Barsa*, 1997, também não contém a palavra “empreendedorismo”. O *Dicionário Roquete* (franco-português), 1887, editado por Guillard, Aillaud & Co, já apresentava o termo *entrepreneur* e *entrepreneuse* traduzido como “empreendedor(a)”; “empreiteiro(a)”; “empresário(a)”. Portanto, ainda não distinguia os conceitos diferentes das palavras “empresário” e “empreendedor”. Contudo, esse mesmo dicionário apresenta o termo *entreprenant*, traduzido como “empreendedor”, no sentido de ousado, audaz. Já o *Dicionário Inglês/Português Novo Michaelis* (2ª. edição, Melhoramentos, 1977) traduz a palavra *entrepreneur*

“Os anos da Terceira Idade podem nos levar a atingir os elevados valores que não conseguimos sentir, os insights que perdemos, a sabedoria que ignoramos. De fato são anos de formação, ricos em possibilidades de desaprender as tolices de toda uma vida, perceber nossas próprias ilusões, aprofundar a compreensão e a paixão, ampliar o horizonte da franqueza, refinar o sentido de justiça”.

empresário, diretor, organizador e, portanto, também não faz a distinção conceitual entre “empresário” e “empreendedor”.

Segundo o Dicionário Nova Larousse Clássica (1959, p.408), empreendedor é

“Aquela pessoa que efetua uma obra para um cliente, sem se subordinar a ele. Chefe de uma empresa artesanal ou industrial”.

Para o Grande Dicionário Enciclopédico Larousse, Tomo 4 (1983): *“Chefe de uma empresa. Chefe de uma empresa especializada na construção, nos trabalhos públicos, nos trabalhos de habitação. Pessoa que recebe remuneração para executar determinado trabalho ou auferir lucros de uma outra pessoa, chamada mestre de obra”.*

Devido à necessidade de mudanças, o empreendedor para a Terceira Idade poderá criar muita confusão à sua volta, pois a ação empreendedora apresenta uma força para a mudança, para inovação aguçando a capacidade de modificação das pessoas da Terceira Idade, reinventando seus projetos de vida. Para isso deverão adiantar-se, pois têm mais pressa que os outros mais jovens.

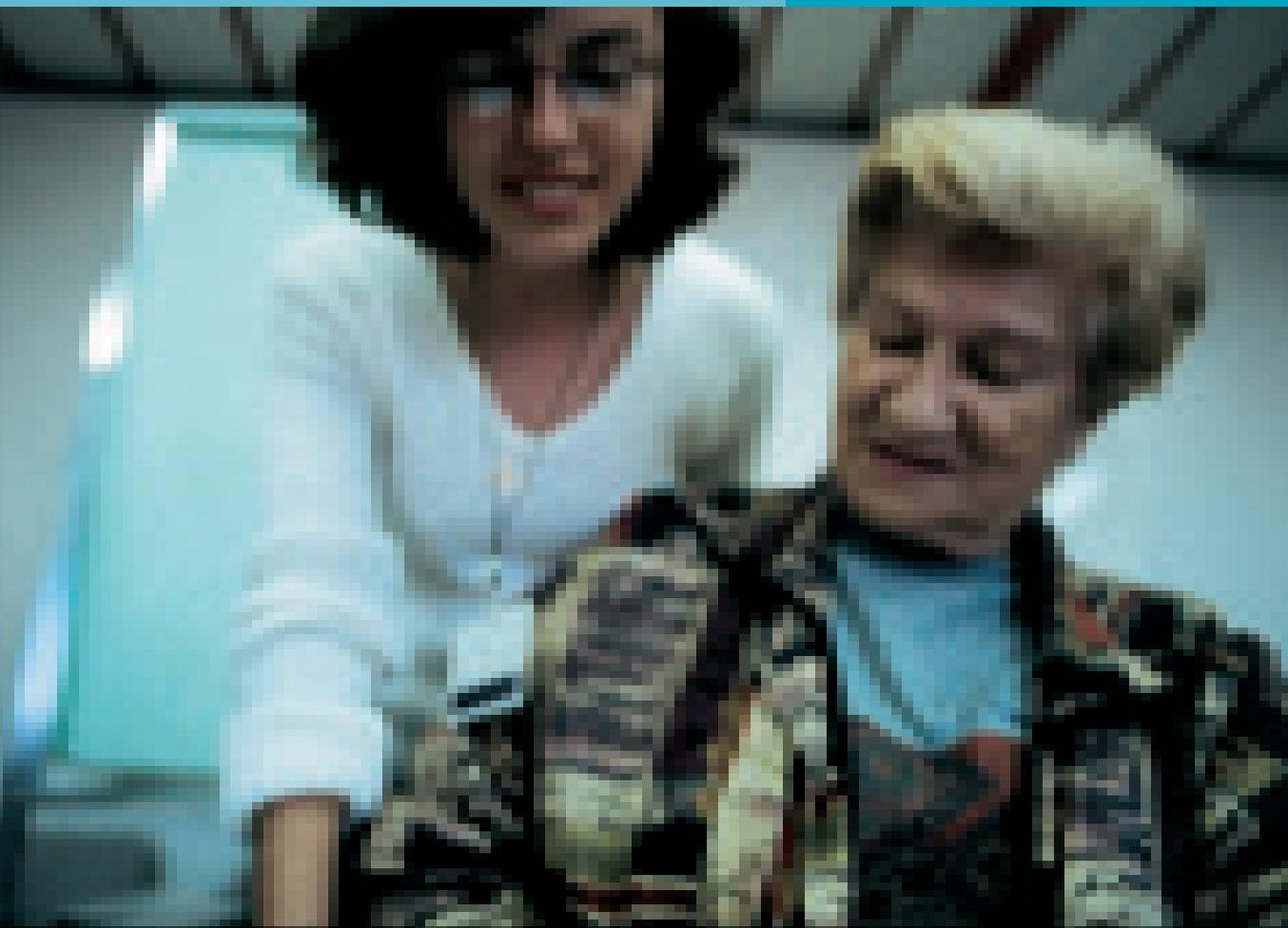
Entre as pessoas de Terceira Idade encontramos ex-profissionais talentosos que não colocaram suas idéias de trabalho em ação devido à falta de oportunidades e que hoje desejam transformar essas idéias em produtos. Com certeza sentem-se instigados a montar seu próprio negócio, mas sem uma reciclagem esse

sonho torna-se quase impossível, as portas se fecharão. Para virar esse jogo, para transformar esse sonho em realidade, uma escola em parceria com outros setores da comunidade está sendo programada.

O objetivo deste artigo é sensibilizar e mobilizar a área educacional para a importância do tema e estimular novas iniciativas. Como o “O Segredo de Luísa” de Fernando Dolabela, que mostra a trajetória de uma jovem estudante que decidiu ser empresária e tem um plano completo para montar uma empresa, também a educação deverá ser uma ferramenta para mostrar através da disciplina empreendedorismo que a pessoa na Terceira Idade poderá aprender o que for preciso para criar, desenvolver e realizar sua visão.

Será necessário contar com o apoio de algum setor da sociedade para que comece a preocupar-se em oferecer a formação necessária para realizar este novo nicho de mercado. O objetivo é formar novos empreendedores em qualquer área de atividade. Os assuntos a serem estudados serão ordenados a partir do aprender sobre o empreendedorismo cuja complexidade exige uma abordagem interdisciplinar.

“As mudanças tecnológicas e socioeconômicas verificadas em escala mundial no Brasil fizeram crescer a importância dos pequenos empreendimentos como elementos geradores do desenvolvimento econômico, que cresceram substancialmente nas últimas décadas.”



A educação da Terceira Idade em disciplinas relacionadas ao empreendedorismo está se tornando importante na integração dos programas acadêmicos nas universidades devido à nova expectativa de vida mais longa e saudável. Quantos médicos, advogados deixaram de se atualizar e estando hoje na terceira idade percebem como ficaram para trás de seus colegas que assim o fizeram?

Uma reciclagem poderá implantar um novo modelo de sucesso.

“A artificialidade da criação da natureza humana, que se refere aos esforços conscientes dos homens em geral, colabora para a reflexão sobre as necessidades dos adultos (...) sua mudança de perfil caminha no sentido de empreender soluções e valores inovadores”.

(Pereira, 2001)

A disciplina empreendedorismo pode e deve participar da modernização das profissões tradicionais dando-lhes um novo perfil, divulgando novas profissões de uma maneira mais integrada às novas tecnologias. A grande inovação deste novo perfil é o trabalho realizado em equipe, isto é, trabalhar num projeto transdisciplinar, participar de uma equipe contratada para determinada tarefa. A Terceira Idade, através da educação, novas janelas irá abrir e vislumbrar novos horizontes.

As mudanças tecnológicas e socioeconômicas verificadas em escala mundial no Brasil fizeram crescer a importância dos pequenos empreendimentos como elementos geradores do desenvolvimento econômico, que cresceram substancialmente nas últimas décadas. Devido à habilidade dos pequenos empreendedores para inovar, diversificar e criar novos empregos, ocorreu um fenômeno que coloca a Terceira Idade em alerta perante os agentes de desenvolvimento, órgãos governamentais, universidades e institutos de treinamento, o desafio de fomentar o desenvolvimento de novos empreendimentos através da formação de uma cultura empreendedora.

Este artigo também visa dar a sua contribuição no sentido de desfazer determinados pré-julgamentos errôneos que há sobre o universo da Terceira Idade. Esse termo pressupõe a fase da vida do ser humano, na qual alterações de diversas ordens estão sendo acentuadas. Sugere a realidade de um indivíduo que está no ápice de sua maturidade e propõe a reflexão sobre valores internalizados quanto a sua entrada nesse período.

Conforme Heschel *apud* Shalomi & Miller (1996):

“Devemos iniciar a Terceira Idade da mesma maneira como entramos no último ano da faculdade: antecipando a realização. Os anos da Terceira Idade podem nos levar a atingir os elevados valores que não conseguimos sentir, os insights que perdemos, a sabedoria que ignoramos. De fato são anos de formação, ricos em possibilidades de desaprender as tolices de toda uma vida, perceber vossas próprias ilusões, aprofundar a compreensão e a compaixão, ampliar o horizonte da franqueza, refinar o sentido de justiça”.

Em recente pesquisa sobre estudo de nível superior aberta à população com mais de 60 anos em Joinville/SC, Machado (2001), mostra o desafio que a educação universitária representa para a Terceira Idade e ressalta a motivação dessas pessoas pelo conhecimento do novo contexto de nossa sociedade. A pesquisa foi feita com cento e vinte e sete pessoas idosas residentes na cidade de Joinville/SC, que participaram de um projeto cujo título é: “Módulos de ensino interdisciplinares aplicados à Terceira Idade para motivar o desenvolvimento de atividades produtivas”. Os resultados foram os seguintes: a receptividade aos módulos ministrados foi boa, pois 75% dos participantes consideraram as suas expectativas plenamente atendidas; o conteúdo dos temas abordados nos módulos foi considerado muito bom por 70% dos participantes.

Citamos algumas das observações feitas pelos participantes:

Num encontro de mulheres da Terceira Idade cujo objetivo era comemorar

“... Vejo a aposentadoria como uma decadência do ser humano, onde valores dados a ele a cada dia são mais precários e preteridos pela sociedade.”

“... O objetivo é oferecer uma nova oportunidade? Então estou pronto para mais esse desafio.”

Através da análise do discurso obtido percebeu-se que os indivíduos mostraram-se interessados na entrevista, por diversas razões:

“... A aposentadoria me separou de tudo que eu gostava na vida.”

“...Esta oportunidade tão importante, vem para estimular, renovar e reanimar meus sonhos de retornar ao trabalho”

momentos passados, fez-se uma enquete para verificar o interesse feminino pelo mundo dos negócios. Das sessenta e cinco mulheres que participaram da enquete 25% delas tinham em mente a idéia de iniciar um negócio, 41% aspiravam a tornar-se ainda produtivas atuando como palestrantes em assuntos relacionados à dinâmica do mercado e a mudanças comportamentais. Foram palavras de uma das entrevistadas: *“é preciso outras inteligências para somar com as dos homens como: a capacidade de compreender o estado emocional que está presente nas decisões, a intuição que é capaz de antever situações”*.

44% manifestaram interesse em ter uma nova linguagem dentro dos negócios para poder dialogar, dar sugestões e participar de uma maneira mais direta nos negócios da família.

Durante os últimos três anos, foi feito um levantamento junto aos estudantes de várias classes na Universidade da Região de Joinville – Univille. Nas falas dos alunos constatou-se o desejo de verem suas mães, tias e avós iniciarem ou retomarem seu próprio negócio. Foi alto o percentual de aceitação através de colocações do tipo: *“as empresas necessitam desesperadamente de criatividade feminina para novas abordagens de negócios e são elas com certeza que influenciam o movimento de compra entendem de desejos, de vontades de anseios e mais de como consegui-los”*. Por outro lado, nota-se que cresce a demanda para deixar de lado a vida pessoal e entregar-se às conquistas profissionais.

A criação de empregos e oportunidades de trabalho através do empreendedorismo para a Terceira Idade, independentemente de sexo, está cada vez mais presente no mundo dos negócios. Não era assim há 10 anos atrás. Líderes regionais e governamentais sentem-se obrigados a estimular a criação de novos empreendimentos direcionados para os idosos. Tanto inovações como a criação de postos de trabalho implicam o desenvolvimento de alguma organização para operar o conjunto das atividades nas quais pessoas da Terceira Idade buscam realizar um sonho. As inovações tecnológicas para muitos só chegaram quando já se encontravam inativos e pareciam sem utilidade até que alguém as despertou para mais esse aprender.

As implicações dessa realidade poderão estar presentes nos preconceitos que a Terceira Idade sustenta como uma forma de “emocionar” através do relato da sua história e fazer presente o medo para continuar passivos, justificando que “já passou o meu tempo.” Para estas pessoas há a necessidade de uma nova emoção e de uma expectativa, otimista e prazerosa para semear o empreender.

Recentemente, visitou-se uma entidade que trabalha com idosos e foi verificado que o empreendedorismo era o foco no planejamento, abandonando a





“... a qualidade do ensino deverá estar relacionada às necessidades do grupo participante. Será necessário que o curso proporcione o conhecimento que cada aluno procura levando em conta sua diversidade. Este é um outro grande desafio para todos os facilitadores do empreendedorismo.”

envelhecida orientação de que a Terceira Idade deva se preocupar somente com o bem estar espiritual e com a saúde (ambos muito necessários), para uma orientação moderna, em busca dos *intrapreneurs*, de modo a aproveitar o empreendedorismo latente na maioria dos seus associados.

Visualizamos o emergir de uma educação que leva a realçar a necessidade de preparar e educar empreendedores potenciais para que identifiquem oportunidades, equipando-os com os conhecimentos e as habilidades necessárias ao gerenciamento de novas oportunidades. Nesse contexto, as universidades têm um papel a desempenhar e uma oportunidade para empreender.

Atualmente, há no país cerca de cento e sessenta instituições de nível superior, abertas à população com mais de 60 anos, sessenta das quais em São Paulo. Universidades que inovaram atingindo quase três mil alunos inscritos em disciplinas como Oceanografia Biológica, Astronomia, História da Arte e Psicologia, conforme declarou Saadi (2001), presidente da Associação das Universidades e Faculdades Abertas à Terceira Idade do Estado de São Paulo.

Este artigo tem como objetivo promover a valorização da capacidade e do conhecimento destas pessoas, abrir um campo repleto de boas oportunidades para crescer e incrementar os resultados que poderão adquirir através da educação voltada ao empreendedorismo. A idéia é a de juntar a experiência e a vivência para expressarem interesse em participar de um curso relacionado com empreendedorismo para realizar o desejo de gerência de seu próprio empreendimento, realizar o sonho de ter seu próprio negócio, tornar-se patrão.

Empreendedorismo se Ensina?

Um levantamento feito entre os docentes das faculdades de Joinville, mostrou a importância do ensino do empreendedorismo. A educação aumenta a conscientização das pessoas sobre empreendedorismo e, por isso, facilita o desenvolvimento das ações empreendedoras.

Todavia, a grande questão – em nível local – é saber se o atual sistema educacional está aberto para a formação da cultura empreendedora. Reconhece-se que o atual sistema de ensino não está oferecendo a educação para a Terceira Idade e põe muita ênfase no desenvolvimento de outras atividades como, por exemplo, as de lazer. Pouco enfoque é dado ao desenvolvimento de habilidades específicas para o uso prático de outros conhecimentos.

É possível formar empreendedores? As opiniões se dividem. Alguns acham que sim, outros que não. A população idosa, motivada a enfrentar novos desafios, está torcendo para ver a primeira opinião em ação. As pessoas desta faixa etária fazem parte da classe de trabalhadores que tem pressa, que deseja mais empreendedores, mais trabalhadores autônomos, uma força de trabalho mais inovadora. Nada é mais refinado e desafiador para tirar essa classe do ócio e implantar uma metodologia educacional capaz de levá-la aos bancos escolares.

Não obstante, a educação para o empreendedorismo na Terceira Idade não deve ser confundida com a educação para apenas gerenciar pequenos negócios, mas sim motivar e estimular a cultura empreendedora desenvolvendo a sensibilidade individual para a percepção de novas oportunidades.

Tendo em vista que o empreendedorismo é um processo de reciclagem altamente criativo, permanecem dúvidas de que a pessoa idosa possa integrar-se à educação empreendedora sem prejudicar seu potencial. Procurando apenas encorajá-la a buscar novas maneiras de ajuste da nova realidade através do “aprender fazendo”, é possível explorar ao máximo a sua experiência, usar a própria sensibilidade e estudar.

Por outro lado, a qualidade do ensino deverá estar relacionada às necessidades do grupo participante. Será necessário que o curso proporcione o conhecimento que cada aluno procura levando em conta sua diversidade. Este é um outro grande desafio para todos os facilitadores do empreendedorismo.

Conclusão

Levar as pessoas da Terceira Idade a terem uma formação empreendedora através da educação é um desafio proposto que não deve ser pensado nos mesmos termos da educação tradicional. É preciso aprender a questionar mais e dar ênfase ao desenvolvimento personalizado, orientar sobre o desenvolvimento de capacidades imaginativas que permitam ao idoso articular suas visões, controlar seus medos, perseguir o benefício da inovação, dar oportunidades de negócios, não deixando se levar por pensamentos desorganizados desestruturados ou pelo dizer: *“empreendedorismo é modismo”*. Segundo Pereira, *“uma das maneiras de evitar o modismo, a utilização vazia e apática dos conceitos, talvez seja exercitando, vivenciando os significados que são contraditórios”*. (Pereira, 2001)

Como por exemplo, tomemos o valor do tempo: se visualizarmos em vinte e quatro horas o quanto gastamos para nossa sobrevivência, cujo valor é sobretudo econômico e a porcentagem de tempo gasto numa atividade criativa e relacionada a um projeto intelectual (desenvolver idéias), veremos que no mínimo 8 horas de trabalho são exigidas (CLT) para a sobrevivência e algumas poucas horas podem ser gastas no projeto. No entanto, o valor dado pela pessoa a estas duas atividades pode revelar contradição muito grande. *“Vivo para trabalhar ou trabalho para viver?”*.

A educação continuada ou permanente com foco no empreendedorismo ou em outro não pode ser entendida como um ponto final, mas como um ponto de partida em que também o passado se liga dialeticamente ao futuro, no diálogo das gerações. A educação deve ser um “continuum” que permita aos idosos enfrentar as mudanças que se processam rapidamente no mundo de hoje.

“Levar as pessoas da Terceira Idade a terem uma formação empreendedora através da educação é um desafio proposto que não deve ser pensado nos mesmos termos da educação tradicional.”



Referências Bibliográficas

- ALMADA, Clineu. Terceira idade. Censo 2000, *Valor*, São Paulo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DORNELAS, José Carlos Assis. *Transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campos, 2001.
- EMPREENDEDOR: Inovação e valor aos negócios. v. 8, n.92, jun. 2002.
- FIALHO, Francisco A. Pereira. *Escola do futuro*. UFSC, 2001. Apostila
- FLEMING, P. *The role of structured intervention in shaping entrepreneurship*. Unpublished MBS thesis, 1992. In: Hynes, H. Entrepreneurship education and training. *Journal of European Industrial Training*, 20/08/1966, p. 10-17
- GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom- princípios básicos para uma nova educação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- GIBB, A. A. Enterprise culture – its meaning and implications for educational training. *Journal of European Industrial Training*, v. 11. n. 2, 1993.
- HILL, G. E. ; WELSH, John. Entrepreneurship behavioural intentions and students independence characteristics and experiences. In: Ronstadt, R. et al. *Frontiers of entrepreneurial research center for entrepreneurial studies*, MA, Babson College, 1986.
- HORNADAY, J. A.; ADOUD, J. Characteristics of successful entrepreneurs. *Personnel Psychology*, n. 24, p.141-53, 1971.
- LIMA, Pelloso Mariuza. *Uma pedagogia específica para o idoso*. São Paulo: LTR, 2001
- MACHADO, Ofélia. *Módulos de ensino interdisciplinares aplicados à terceira idade para motivar o desenvolvimento de atividade produtiva*, 2001. Dissertação (Mestrado) , UFSC, Santa Catarina.
- MCMELLAN, W. E. ; LONG, W. A. Entrepreneurship education in the nineties. *Journal of Business Venturing*, v. 2, n. 3, 1987.
- MILLER, M. *The way of enterprise*. London :Deutsch, 1963.
- PEREIRA, Sonia. *Para uma discussão do sentido de liberdade na democracia*. 2000. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.
- SAADI, Fauze. Estrutura etária. Censo 2000. *Valor*, São Paulo, Associação das Universidades e Faculdades Abertas à Terceira Idade. Disponível em: <<http://www.abep.cedeplar.ufmg.br/anais/pdf/2000>>. Acesso em: 12 mar. 2001.
- SANDHOLTZ, K., MBA. *Attitudes*. 1990.
- SCOTT, M. F. ; TWOMWY, D. F. The long term supply of entrepreneurs: students career aspirations in relation to entrepreneurship, *Journal of Small Business Management*, v. 26 , n.4, p. 5-14, 1988.
- SEBRAE – *Biblioteca Morgana do Carmo Andrade Barreire* , 2000.
- SEXTON ; BOWMAN. *The effects of preexisting psychological characteristics o new venture initiatios*. Detroit, USA, 1984. Trabalho apresentado para Academy of Management.
- HALOMI, Zalman Schachter. *Mais velhos mais sábios - uma visão nova e profunda da arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- VESPER, K. *Sumary of entrepreneurship education survey*. Departament of Management and Organization, University of Washington, Seattle, WA, 1990.





“A crise de identidade também é vivenciada na velhice, levando à necessidade dos indivíduos idosos formarem novas relações consigo mesmo e com o mundo. Um dos fatores que contribuem para a crise de identidade na velhice são estigmas que junto aos preconceitos atribuídos ao envelhecer, levam os idosos à não aceitação do seu envelhecimento e, conseqüentemente, a não aceitação de si mesmos (...)”

O Idoso e a Representação de Si

Apresentação

Com o crescente envelhecimento da população, começa a se formar, gradativamente, uma nova imagem sobre o envelhecer, atribuindo ao mesmo novos significados e valores que se contrapõem àqueles criados e reproduzidos socialmente durante muito tempo.

Nessa perspectiva, presencia-se, contem— poraneamente, uma nova forma de vivenciar a velhice, que ultrapassa as imagens preconceituosas que associam o envelhecer a perdas, doenças e morte. Um novo vivenciar que se dá a partir do engajamento de instituições em novas formas de atendimento, oportunizando aos idosos, atividades na área cultural, artística e de lazer, bem como a discussão do próprio processo de envelhecimento.

Entretanto, apesar da visibilidade deste grupo etário e da conquista de espaços de participação social, ainda é muito forte a existência de uma imagem associada a limites e estereótipos que marginalizam o idoso e contribuem para o seu isolamento social.

HILCA BARROS DE SANTANA

Assistente Social e coordenadora de projeto “Capacitação: Uma Porta de Saída no Município de Ibirajuba/PE”.

KALINE LEITE SENA

Assistente Social. Supervisora pedagógica do Projeto Escola Aberta de Pernambuco.

Pensar a questão da velhice envolve múltiplas abordagens. Entre elas, está a formação das imagens e de indicadores aceitos e utilizados para identificar o velho e a velhice, que passam a se constituir em linguagem do senso comum, sendo admitidos e utilizados com normalidade.

Ao velho é atribuído um conjunto de representações, significados e aspectos simbólicos. Esses elementos do imaginário social criam, reforçam e reproduzem idéias, pensamentos e imagens que contribuem para o processo de discriminação social dos indivíduos envelhecidos. O imaginário, socialmente construído, reflete as construções humanas em uma determinada sociedade em um determinado tempo histórico.

Dessa forma, como afirma Serafim Paz,

“muitas imagens de velhos estão impregnadas de rudimentos do passado, remoto ou mais recente, atravessando gerações, mantendo ativos e intactos muitos símbolos e significados de sua origem”

(PAZ, 2000, p.45).

Se analisarmos a imagem do idoso nas sociedades capitalistas, veremos que a mesma é marcada, sobretudo por significações pouco aprazíveis. A valorização do novo e a associação do jovem ao belo, caracterizam o velho como fora de uso, que não tem serventia, referências nada favoráveis aos estagiários dessa fase da vida.

Nas sociedades industrializadas predomina, pois, uma imagem negativa da velhice a qual, sendo atribuída e incorporada socialmente, faz da mesma uma das etapas mais difíceis do ciclo de vida humano.

O envelhecimento é assim, um processo permeado por falsas concepções, preconceitos e mitos, a saber: a diminuição da inteligência com o avançar da idade, impotência do idoso para a aprendizagem, a convivência exclusiva com pessoas da mesma faixa etária, a manutenção do aposentado pelo governo, etc.

Juntamente com os preconceitos e mitos associados ao envelhecer, os estigmas se constituem em um dos participantes do conjunto de representações formado e atribuído a esse envelhecer, os quais exercem papel significativo na configuração da velhice como algo negativo. Segundo Goffman, o termo estigma foi criado pelos gregos e se referia a sinais corporais com o objetivo de evidenciar alguma coisa má ou extraordinária sobre o status moral de quem os apresentava. Nos dias atuais, semelhantemente ao sentido original, o estigma representa “um atributo de natureza profundamente depreciativa imposto à determinadas pessoas” (GOFFMAN, 1982, p.11,13)

Dentre os vários tipos de estigmas identificados por Goffman, Ferrigno em seu texto *Estigma da Velhice* destaca aquele que é relacionado às deformidades físicas, por se aplicar bem aos idosos. Para ele, o processo de envelhecimento físico acarreta, conseqüentemente, transformações corporais, levando à estigmatização do velho a partir da sua aparência física. (FERRIGNO, 2002)

Atrelado à estigmatização decorrente do envelhecimento corporal, acrescenta-se ainda o estigma advindo da aposentadoria. A própria condição de aposentado

é estigmatizante, pois o indivíduo é considerado como alguém inútil, incapaz e não mais contribuinte ou ativo no mercado de trabalho.

Nesse contexto, velho passa a ser pensado como o diferente, indesejado e que agride o padrão de beleza e produção estabelecido pela sociedade, incorporando-se, dessa forma, negativamente ao imaginário social, fenômeno que provoca a difusão de uma imagem profundamente estigmatizada do envelhecimento.

Na verdade, o estigma revela a dificuldade das sociedades em lidar com o diferente. Uma dificuldade que é perpetuada ao longo das gerações através da educação, dos meios de comunicação e confirmam conceitos estigmatizantes para aqueles que se diferenciam dos chamados indivíduos “normais”.

Essa realidade é verificada no conteúdo das propagandas e dos comerciais veiculados em emissoras de televisão, em que, na maioria, o idoso é retratado como uma pessoa chata, senil, ranzinza e um transtorno familiar onde se evidencia o reforço de uma imagem profundamente negativa da velhice e, conseqüentemente, a disseminação de estigmas e preconceitos ao envelhecimento e às pessoas que o vivenciam.

Um aspecto importante da estigmatização é que o indivíduo estigmatizado pode incorporar, à sua identidade, o atributo negativo, o qual pode vir a constituir-se em uma característica de sua auto-imagem e auto-estima.

De acordo com Suely Litwinczuk, a auto-imagem consiste na avaliação que o indivíduo realiza de seus próprios atributos, na imagem que faz de si mesmo (LITWINCZUK *apud* BERNARDO, 2000, p.55). A auto-estima é, para Oliveira, “o que a pessoa julga a respeito de si mesmo. É decorrente de uma atitude positiva ou negativa perante si mesmo” (OLIVEIRA, 1999, p.114).

A imagem que temos e formamos de nós mesmos, por conseguinte, está intrinsecamente ligada à identidade. Derivada da raiz latina *idem*, que implica igualdade e continuidade, a palavra identidade tem uma longa história filosófica que examina a permanência em meio à mudança e à unidade em meio à diversidade.

Segundo Tap, a identidade se caracteriza como

“sistema de sentimentos e representações de si, isto é, um conjunto de características físicas, psicológicas, morais, jurídicas, sociais e culturais, a partir das quais a pessoa pode definir-se, ou a partir das quais o outro pode defini-la, situá-la ou reconhecê-la”

(TAP *apud* SANTOS, 1990, p.15).

Nesse sentido, à identidade está implícito o sentimento pessoal e a consciência do eu, em que a realidade individual torna cada pessoa um sujeito único diante

“O homem, assim como os outros animais, vive associado a outros indivíduos de sua espécie, vivendo desde o nascimento um processo de interação com os seus semelhantes; o que significa dizer que a existência de uma pessoa como ser individual é indissociável de sua existência social.”

massa, etc., que constroem e





“A construção do eu dá-se mediante o conjunto de experiências vivenciadas por cada indivíduo que permite a formação da identidade individual e o reconhecimento como sujeito único, diferente dos demais, o que caracteriza a individuação.”

das outras, o que significa dizer que nos constituímos e nos reconhecemos como sujeito único em relação ao outro, ao diferente de nós.

“A identidade é o que possibilita ao indivíduo sentir-se existir enquanto pessoa, em todos os seus papéis e suas funções, sentir-se aceito e reconhecido enquanto tal pelo outro, por seu grupo ou sua cultura”

(TAP *apud* SANTOS, 1979, p.16)

A construção do eu dá-se mediante o conjunto de experiências vivenciadas por cada indivíduo que permite a formação da identidade individual e o reconhecimento como sujeito único, diferente dos demais, o que caracteriza a individuação.

Embora a identidade se refira a um processo de formação do eu-individual, a mesma não está dissociada do coletivo. O homem, assim como os outros animais, vive associado a outros indivíduos de sua espécie, vivendo desde o nascimento um processo de interação com os seus semelhantes; o que significa dizer que a existência de uma pessoa como ser individual é indissociável de sua existência social.

Nessas circunstâncias, a identidade social e a identidade individual estão relacionadas, sendo aquela referente a pessoas, indivíduos distintos que podem ser incorporados a uma mesma classe ou por uma característica comum sem, contudo, perder suas particularidades.

Para Barros,

“pensar na velhice em termos de identidade social possibilita perceber que a velhice é uma classificação, uma atribuição por parte da sociedade uma auto-atribuição concomitante à identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade”

(BARROS, 2000, p.130).

Elias considera que a construção da identidade humana é processual (1994, p. 154). Ao longo do tempo, uma mesma pessoa vai adquirindo novas estruturas de personalidade, embora ainda mantenha uma estreita relação com a pessoa que era em um estágio anterior. Dessa forma, a identidade é um processo de construção permanente, em contínua transformação, que se inicia antes do nascer até a morte. Um processo de mudanças em que, embora ao modificar-se, a pessoa continua sendo ela mesma.

No entanto, as mudanças ocorridas na identidade podem acarretar a vivência de uma crise - a crise de identidade - que se configura como um processo de mudanças contínuas que ocorre de modo intenso, confuso e, muitas vezes, angustiante e doloroso. São momentos importantes da vida de qualquer pessoa que procura redefinir seu modo de ser, sua identidade para si e para os outros.

A crise de identidade também é vivenciada na velhice, levando à necessidade dos indivíduos idosos formarem novas relações consigo mesmo e com o mundo. Um dos fatores que contribuem para a crise de identidade na velhice são estigmas



que junto aos preconceitos atribuídos ao envelhecer, levam os idosos à não aceitação do seu envelhecimento e, conseqüentemente, a não aceitação de si mesmos.

Para Oliveira,

“o componente essencial para o indivíduo alcançar a integridade é a aceitação de si mesmo, de seu ciclo de vida como uma realidade única e inevitável, descobrindo uma ordem e uma significação da totalidade de sua vida individual”

(OLIVEIRA, 1999, p.109).

Segundo a autora, percebe-se em muitos idosos o sentimento de desesperança, que é companheiro daqueles que não souberam solucionar de forma positiva a crise da velhice (OLIVEIRA, 1999, p.110). Arelado a esse sentimento, percebe-se ainda uma tendência por parte das pessoas idosas, de se verem negativamente, pois nessa fase da vida, as pessoas podem modificar sua auto-imagem, tornando-se cada vez menos positivas.

Um outro aspecto é o de que as experiências de decadência acarretadas pelo envelhecimento exercem forte impacto sobre a auto-imagem dos indivíduos na medida em que ao colocar para os indivíduos significativas transformações na sua imagem, os coloca numa posição de estigmatização frente à sociedade que ignora e discrimina o envelhecimento.

Nesse sentido, consideramos que a partir do fortalecimento da auto-imagem do idoso e de sua identidade, o mesmo será capaz de adaptar-se às transformações decorrentes do envelhecimento, aceitando-o e contribuindo para a formação de uma nova imagem da velhice. Uma imagem positiva em que, ao mesmo tempo em que contribui para dar maior visibilidade ao envelhecer, proporciona ao indivíduo idoso, sentimentos de satisfação, valorização e auto-aceitação, conferindo ao mesmo uma nova forma de se ver e de se representar socialmente.

As representações sociais podem ser compreendidas como sendo:

“(...) um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”

(MOSCOVICI *apud* SÁ, 1996).

Nesse contexto, o conjunto de representações e significados sociais criam e reforçam idéias, pensamentos e imagens dos velhos, atuando no processo de discriminação social da velhice, contribuindo para as mais variadas formas de exclusão e violência contra o segmento idoso presentes no cotidiano e na realidade social.

Conseqüentemente, esse mesmo conjunto de representações e significados incidem sobre os indivíduos que os incorpora e reproduz num movimento de perpetuação de informação, em que se cultivam e preservam símbolos ainda presentes no imaginário social, pois

“o que quer que se faça, e mesmo que se tenha consciência disto, cada um de nós está de fato mergulhado em um clima cultural tomado por algo que resulta em que somos mais pensados do que pensamos, que se age mais sobre nós do que agimos”

(MAFFESOLI *apud* PAZ, 2000, p. 75).

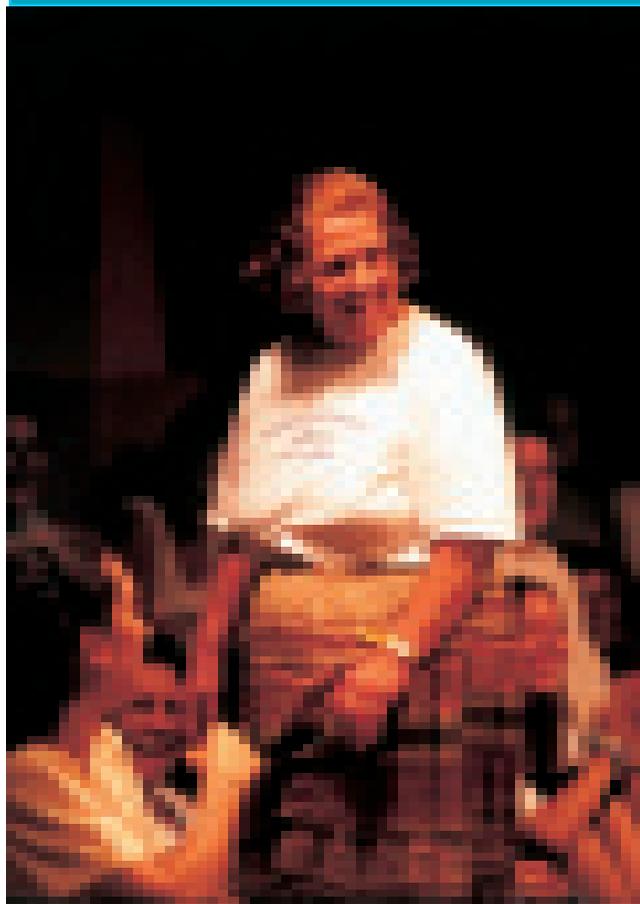
Entretanto, em meio às imagens e representações negativas do envelhecimento, percebe-se o surgimento de uma nova realidade social em que ganha força uma nova imagem do envelhecimento, vislumbrando-se ações e programas públicos que atuam na perspectiva de transformação e reversão da imagem negativa e estigmatizadora da mesma.

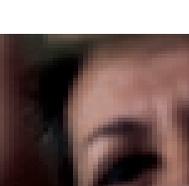
Verifica-se, dessa forma, que, sendo o imaginário uma construção humana e histórica, o mesmo pode ser transformado a partir da ação do próprio homem que age e atua na realidade, produzindo novos conceitos e valores. O fato das imagens fluírem na forma do imaginário não significa dizer que sejam eternas e cristalizadas, não podendo ser revertidas e/ou modificadas.

Inseridos nesse processo de transformação se encontra o indivíduo idoso, sujeito agente desse processo, que pode contribuir através de sua inserção em atividades políticas, culturais e sociais, conscientes de sua importância e participação na preservação da memória e identidade, para a construção e expansão de um novo imaginário que substitua, ainda que de forma gradativa, a velha imagem do homem idoso e do envelhecimento.

Em alguns grupos de convivência, essa nova imagem já é uma realidade. Conforme nos demonstra uma pesquisa realizada no Programa da PUC/SP onde se verificou que “a imagem construída em nossa cultura acerca dos idosos não corresponde ao sentimento e ao viver a terceira idade, como nos fora expressado nas entrevistas que realizamos (...)”.

Dentre os idosos entrevistados, embora se tenha falado dos inúmeros preconceitos atuais enfrentados, dentre os quais o desrespeito familiar, nenhum deles falou da velhice com tristeza, nem demonstraram sentirem-se inferiorizados por possuírem uma idade avançada.





Um outro estudo que busca compreender as motivações de mulheres idosas para se inserirem nos grupos de convivência, também aponta para uma tendência da velhice a ser percebida positivamente, conforme nos mostra Gomes e Abreu:

“a velhice está sendo positivizada na percepção desses sujeitos; a idéia de liberdade associada à ‘desobrigação’ com encargos familiares, dá um alento à chegada da velhice (...)”.

Entretanto, este fato não pode ser generalizado, posto que representa ainda uma realidade pouco experimentada na sociedade, colocando a necessidade da mesma se engajar e colocar-se a serviço da transformação da imagem social da velhice, mediante a reivindicação, a construção e a implementação de programas e políticas públicas que oportunizem e garantam um envelhecimento saudável, e que permitam aos indivíduos envelhecidos, valorização, respeito e dignidade.

É necessário, portanto, formar uma nova imagem em que se associa o velho e a velhice não à morte e à desesperança, mas a um processo de vida, que é natural, único e que expressa a singularidade de cada ser humano. Nesse sentido, Pelosi afirma:

“Redefinindo o papel do idoso, não mais como algo velho, no sentido de depreciação, de inutilidade, de ultrapassado e resgatando o significado de velhice como um círculo de vida em processo, dignificante e dignificado pela inevitável da intersubjetividade, não encerrando senão pela morte orgânica” (...)

(PELOSI *apud* PAZ, 2000, p. 150).

Nesse contexto, a formação de um novo imaginário social da velhice possibilita a construção de novas representações sobre a mesma e, conseqüentemente, um outro olhar sobre o envelhecer e sobre os indivíduos envelhecidos. Esse cenário de mudanças reflete, por conseguinte, na própria representação do idoso - na forma como se vê e se reproduz - pois como afirma Castoriadis

**“...a imagem do mundo
e a imagem de si mesmo estão
evidentemente
sempre ligadas”**

(CASTORIADIS *apud* PAZ, 2000, p. 92)



“É necessário, portanto, formar uma nova imagem em que se associa o velho e a velhice não à morte e à desesperança, mas a um processo de vida, que é natural, único e que expressa a singularidade de cada ser humano.”

Referências Bibliográficas

BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.) *Velhice ou terceira Idade?* 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BERNARDO, Salovi. *Idoso ativo*. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. São Paulo: Zahar, 1994.

FERRIGNO, José Carlos. O estigma da velhice: uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Goffman. In: *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 13, n.24, p. 48-56, abr. 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

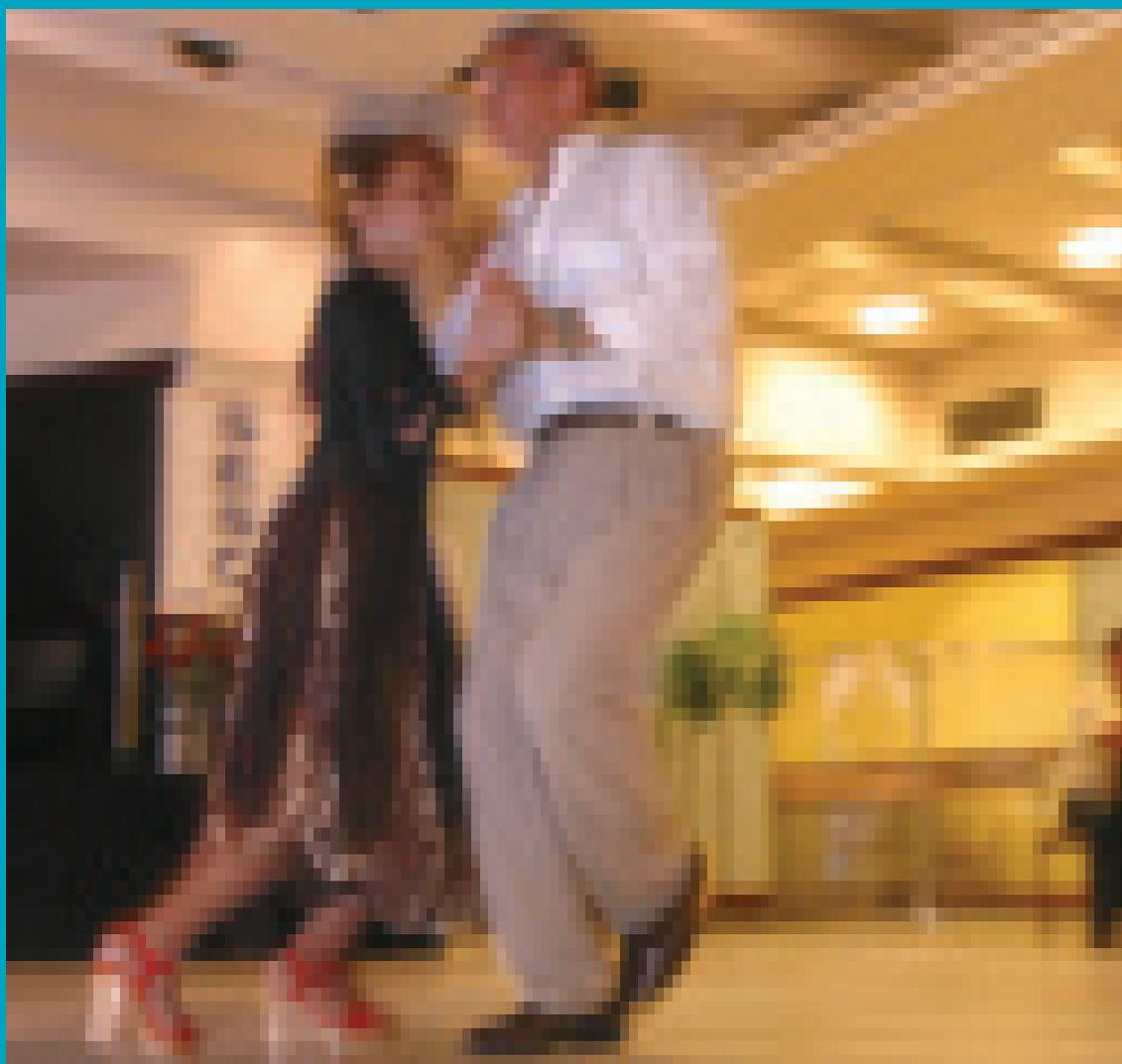
PAZ, Serafim Fontes et al. *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* Rio de Janeiro: ANG – RJ:CBCISS, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. *Sobre o núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTANA, Hilca Barros de ; SENA, Kaline Leite. *Repensando a terceira Idade: um novo olhar sobre o envelhecer*. Recife: UFPE, 2002.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.



“O grande fator motivador dos idosos para irem ao baile é o combate à solidão. Muitos deles, por causa da viuvez ou da separação/divórcio, sentiram-se necessitados de novas experiências de relacionamentos, que perceberam poder encontrar (e de fato encontram) nos salões de baile da cidade”.

Dançando com a Terceira Idade

Apresentação

“Semanas culturais, visitas a museus, idas a teatros e cinemas, excursões, jornadas de animação, cursos de reciclagem, oficinas de artes plásticas, musicais, bailes, tudo é interessante e válido desde que possa criar um clima de mobilidade e de ação, logrando aumentar a auto-estima do idoso, e criando espaços não só para que se divirtam, mas aprendam a se descobrir e a conviver com os demais, sentindo-se cidadãos participativos numa sociedade plural e solidária”. Novaes (1995, p. 133-134)

**ADRIANO
VOLNEI ZAGO**

**ALINE SOARES
DA SILVA**

*Graduandos
em Ciências
Sociais da
Universidade de
São Paulo/USP.*



A cidade de São Paulo com sua dinâmica de cultura e lazer é explorada neste texto através de uma vertente particular: a articulação comportamental das pessoas da Terceira Idade que freqüentam salões de baile. Em geral, para os grupos de Terceira Idade, a cidade oferece diversas opções de atividades, de entretenimento, de convivência e de troca de experiências em comum. Neste contexto, os bailes da Terceira Idade podem representar um campo interessante e fértil para análise, à medida que se constituem em pontos de encontro e amizade. Reconhecendo nos salões de baile uma “forma de apropriação do espaço, tendo como referência a articulação de vínculos já existentes” conforme Magnani (2000:39) – neste caso, a idade – podemos dimensionar o nosso objeto de estudo como um *pedaço*. O campo foi recortado de maneira a estabelecer uma possibilidade de análise e, assim sendo, dentre os inúmeros salões de baile espalhados por todas as zonas da cidade, especificamente optamos por dois deles para trabalho de campo: os Clubes Carinhoso e Cartola¹.

As idas aos bailes serviram para abandonarmos algumas pré-noções e para a construção de novos alicerces de entendimento deste grupo: pessoas felizes e saudáveis buscando novas formas de sociabilidade – amizades e/ou relacionamentos amorosos – com o objetivo de vencer a solidão, a depressão, as doenças e o medo da morte; pessoas que valorizam e têm orgulho da sua experiência de vida, mas que não vivem em uma redoma de nostalgia e saudade; pessoas ativas, que seguem tendências atuais, seguem modas e têm preocupações com o corpo e a aparência física.

Os indivíduos da chamada Terceira Idade crescem a cada ano e já são uma porção considerável na nossa população (fenômeno cada vez mais relevante para a sociedade), podendo proporcionar uma nova formulação de produção de conhecimento, contrapondo-se aos “tradicionais” temas da Antropologia – índios, culturas caboclas, minorias étnicas e imigração estrangeira conforme Eunice Durham, *in*: Magnani (2000:28). O Brasil, após as transformações impostas pelo processo de industrialização e urbanização, é cada vez mais um país de idosos e, diante desse fato, também é concernente à Antropologia Urbana contribuir à reflexão sobre essa questão na cidade de São Paulo.

Os Clubes Carinhoso e Cartola

“O universo do velho nos remete diretamente ao universo social total que produz a velhice”.

Barreto (1992:8)

Os dois salões de baile dirigidos à Terceira Idade escolhidos para este estudo nos forneceram material diversificado e rico, pois são boas esferas de representatividade de uma parcela da população idosa cuja disposição pela vida vai além daquela que, em geral, acomete os idosos comuns: aguardar pela morte em seus momentos finais de sobrevivência.

Os dois salões detêm características muito similares, proporcionando – para

1 O Clube Carinhoso sito à Rua Leais Paulistanos, 250 – Ipiranga, São Paulo/SP. e o Clube Cartola, sito à Av. Brigadeiro Luis Antonio – São Paulo/SP.

análise – a descrição de ambos como se fossem um; por conta disto, ao se falar no salão da Terceira Idade, estamos nos referindo aos dois salões de bailes estudados, salvo exceções, citaremos o nome do Clube em que exista uma característica específica.

Em primeira instância, não foi preciso nos esforçarmos muito para gerarmos um estranhamento/distanciamento neste *pedaço*, a fim de nos possibilitar uma observação mais analítica, porque muito dali nos era estranho, já em função da lacuna etária entre nós e os atores da observação. Quando acostumados a imaginar o idoso tal qual alguns de nossos avós (aposentados, inativos, etc.) ou tal qual o vemos nos hospitais, enfermo, a reclamar dos problemas de saúde, estranhamos o dinamismo, a agilidade e a alegria expressa pelos frequentadores desses bailes. Senão fosse pela aparente idade avançada desses atores, poderíamos transfigurar ali jovens reunidos embalados pela música alta, iluminação planejada, olhares de paquera, beijos e abraços, muita dança e boa vontade para viver. Porém, ao invés de jovens, temos velhos se entretendo e fazendo tudo aquilo que muitos deles não tiveram oportunidade de fazer quando mais moços: se divertir sem restrições. A experiência então lhes deu condições para usufruir uma das coisas mais simples que eles esperam para si nos momentos no salão de dança: ter diversão; e, assim, temos um ambiente totalmente configurado e propício para tal finalidade.

Há no centro do salão um grande espaço para as pessoas dançarem, que equivale a cerca de 60 a 70% do espaço físico do estabelecimento. Mesas com cadeiras estão espalhadas ao redor deste espaço destinadas aos que não estão dançando e para os outros se acomodarem nos intervalos da dança. Há um palco ao fundo, onde uma banda de música ao vivo faz sua apresentação, em que seus integrantes estão devidamente uniformizados. Existe um bar onde as pessoas podem diretamente comprar suas bebidas, havendo também garçons circulando pelo local para aqueles que desejam fazer seu pedido. Quase não existe segurança e, quando há, estes estão vestidos com roupas comuns, pois raramente ocorrem brigas e/ou confusões que necessitem a intervenção deste tipo de vigilância. O preço da entrada e dos produtos disponíveis dentro do salão é bem acessível, não sendo um empecilho para aqueles que estão dispostos a frequentar o local.

De modo geral, homens e mulheres estão intencionados a se apresentar com uma boa vestimenta. No Carinhoso, é proibida a entrada de homens trajando calça *jeans*, proibição esta que não causa dissabores no grupo, pois, segundo afirmação de alguns, representa uma maneira de “selecionar” melhor os frequentadores e, por conseguinte, uma maneira de prestabelecer que os trajes não sejam tão informais. Em certas conversas, algumas mulheres afirmavam com satisfação: “Aqui os homens estão sempre elegantes, é outro nível! Homem vestido com jeans nem entra”. Então, a proibição do *jeans* passa a denotar mais um dos valores

“O Brasil, após as transformações impostas pelo processo de industrialização e urbanização, é cada vez mais um país de idosos e, diante desse fato, também é con-cernente à Antropologia Urbana contribuir à reflexão sobre essa questão na cidade de São Paulo.”



qualificatórios, por parte dos frequentadores, para avaliar um determinado salão de dança.

Para os homens, também é prerrogativa importante, ao avaliarem a aparência das mulheres, a vestimenta com que elas se apresentam. Percebe-se, de fato, que existe uma grande preocupação na indumentária feminina: muita maquiagem, perfume, jóias vistosas, brilho, etc.; algumas mulheres até exageram na “produção”, mostrando-se (para a nossa opinião) de forma caricata, porém, em nenhum momento captamos que os homens considerem um exagero caricato, pelo contrário, eles afirmam sempre que apreciam essas mulheres, classificadas por eles como “bem arrumadas”.

Em relação ao comportamento, há diferenças consistentes de acordo com o sexo, e os respectivos papéis preestabelecidos são quase sempre respeitados. Quando um frequentador do sexo masculino não está dançando, ele permanece o tempo todo em pé, quase sempre sozinho, circulando ao redor da “pista de dança”, por entre as mesas, observando (selecionando) atentamente as próximas parceiras de dança. Apenas os homens acompanhados permanecem sentados com suas respectivas parceiras ou com um grupo de amigos de ambos os sexos. Já as mulheres, sempre permanecem sentadas, quase nunca desacompanhadas, exceto quando a sua acompanhante foi tirada para dançar e ela não. Poucas mulheres transitam pelo salão à procura de um parceiro, salvo poucas exceções. Entrevistamos duas destas mulheres mais “dinâmicas” e percebemos que elas assim o fazem por deterem uma personalidade mais extravagante do que a maioria das mulheres daquele local, pois tomar iniciativa e demonstrar sua procura permanecendo em pé não faz parte do papel feminino ali.

De modo geral, é um ambiente bastante familiar e amigável, onde as pessoas estão direcionadas para amizades informais, paquera, diversão e, principalmente, para a dança, que acaba exercendo uma função aproximadora de casais, pois a dança que ali se executa exige alto grau de proximidade física que, por conseguinte, poderá desencadear um interesse extradança entre os dançarinos. As mulheres ficam no aguardo do convite do homem, e dificilmente ela recusa uma dança, exceto quando percebe em suas observações prévias, que o indivíduo está alcoolizado.

Esse mecanismo de passividade da mulher é quebrado apenas em uma ocasião: na *Valsa das Rosas*. Essa *valsa* é anunciada pelo cantor da banda, e um certo entusiasmo é percebido por parte das mulheres, nesta ocasião. Basicamente é o momento de ruptura da regra geral de que é o homem que toma a iniciativa de convidar uma mulher para dançar, pois, durante essa Valsa, são as mulheres que têm a possibilidade “regulamentada” de fazer o convite. Durante a Valsa das Rosas, uma funcionária da casa circula pelo salão carregando um cesto cheio de rosas; a mulher pode, então, pedir para que a florista encaminhe uma rosa para um frequentador pré-selecionado por ela, a fim de que ele lhe compre a flor e a ofereça como convite para dançar a valsa em execução. É o momento de uma leve ruptura dos papéis, ao mesmo que ocorre a reafirmação, porque cabe a mulher a chance de “declarar sua intenção”, porém apenas o homem tem o poder final de aproxima





ção. Normalmente, existem mulheres que tiram os homens para dançar em qualquer momento, fato que não as denigre, porém, é uma situação não muito costumeira, pois está implícita, até pelos valores morais preestabelecidos culturalmente, a passividade feminina. A Valsa das Rosas também é muito esperada pelas mulheres que ainda não tiveram nenhum convite para dançar, que aí encontram a única chance de dançar com um homem naquela noite (pois, como a frequência feminina é maior que a masculina [cerca de 60%], às vezes elas dançam entre si, formando pares do mesmo sexo).

É na dança que ocorrem os primeiros contatos corporais e as intenções nascentes de que “algo mais” acontecerá posteriormente. Enquanto os casais dançam, observamos muitos deles demonstrando carícias e afetos sem maiores problemas. Em geral, eles não se beijam na boca, mas a troca de carícias é constante. Poucos deles têm atitudes mais ousadas enquanto dançam, já que existe um limite, estabelecido pela mulher, de até quanto e até onde o homem pode dar continuidade à sua carícia.

Como a dança é um fator primordial no estabelecimento, a formação de uma relação amorosa se dá por consequência de afinidades que possam surgir a partir dela. Os bailes, às vezes, suprem uma vontade de desenvolver um relacionamento geralmente não muito sério, diferentemente das relações já experimentadas em outros tempos, e, além de tudo, o salão de baile também é um lugar onde são feitas muitas amizades, encontram-se pessoas da mesma faixa etária e, conseqüentemente, com expectativas de vida e problemas similares.

PESQUISADOR: *O senhor já encontrou alguma namorada aqui no baile?*

MODESTO (65 anos): *Sim, mas não dura muito tempo, porque não dá pra ficar amarrado.*

As pessoas são, em geral, bastante estimuladas pelos membros da família a freqüentarem o local, até por acreditarem que o baile poderá amenizar alguns males que atingem seus velhos, como desânimo, depressão ou inatividade. Esse apoio é importante para os freqüentadores, sendo um dos propulsores iniciais de sua decisão de freqüentar os bailes. Alguns parentes próximos (em geral, filha ou sobrinha) acompanham as mulheres, que dificilmente iriam ao baile sozinhas; razão esta porque foi possível encontrar no salão, algumas poucas mulheres, acompanhantes, aparentando menos de 30 anos de idade. Pouquíssimos homens jovens freqüentam o baile, os que aparentavam menos idade tinham no mínimo 40-45 anos.

Um clima familiar é comum a todos os freqüentadores, que fazem do baile uma forma de expressão de seus desejos e apaziguamento de suas inquietações, sendo estas especialmente ligadas ao suprimento de uma carência afetiva desencadeada pela solidão. A solidão pode, então, ser amenizada pelas possibilidades de encontro amoroso (fortuito ou não) e de estabelecimento de amizades (profundas ou não) proporcionadas pela existência de um lugar que pode gerar todas essas possibilidades.



“A Valsa das Rosas também é muito esperada pelas mulheres que ainda não tiveram nenhum convite para dançar, que aí encontram a única chance de dançar com um homem naquela noite.”

Um Campo Receptivo

Ir a campo, algumas vezes, reflete uma problemática inicial: termos condições receptivas para desenvolver nossas observações. O que se escuta, em vários casos, é uma enorme dificuldade de se obter informações e alguns empecilhos propositalmente ocasionados pelos atores de campo. Porém, no nosso caso, encontramos um campo extremamente receptivo, desde o proprietário do estabelecimento até os interlocutores. Deparamo-nos mesmo com uma situação de *status*, uma espécie de privilégio ao nos apresentarmos como pesquisadores de Antropologia. Assim, pudemos circular e abordar as pessoas sempre “saudados” com um sorriso e uma evidente boa vontade deles em manter uma interação satisfatória conosco (salvo poucas exceções, tais como dois senhores embriagados e outro muito interessado em dançar e não querer, segundo ele, “perder tempo com isso” (a entrevista).

Apesar de encontrarmos pessoas propensas às conversas, curiosamente notamos que a condição de gênero do pesquisador era também uma prerrogativa que repercutia de modo a favorecer mais ou menos tal receptividade, ou seja, diante do pesquisador do sexo masculino, as mulheres se mostravam mais receptivas e calorosas, enquanto os homens, mais cautelosos; já diante da pesquisadora, eram os homens que se mostravam mais receptivos do que as mulheres, que se comportavam menos “afetivas”.

Em função da diferença de idade entre nós e o grupo estudado (e também por estarmos portando material de pesquisa em pleno salão de baile, tais como caderno de campo, gravador, etc.), era quase impossível não chamarmos atenção. Essa nossa visibilidade tornou-se motivo para aproximação de alguns freqüentadores do baile, a fim de nos interrogar sobre quem éramos e o que estávamos fazendo ali (obviamente aproveitávamos tal oportunidade de aproximação para fazermos a “nossa” abordagem para a pesquisa).

Assim, acabamos por experimentar uma receptividade tão grande que, muitas vezes, ao finalizarmos a conversa, éramos afetuosamente abraçados ou beijados e nos agradeciam pela atenção dada (quando deveríamos nós estar agradecidos pela atenção que o interlocutor nos dispensou). Fomos até convidados para a festa de aniversário de um deles, e fizemos “amizades” com alguns freqüentadores que já questionavam coisas do tipo: “Por que vocês não vieram no domingo passado? O baile estava bom...”. Contavam-nos sobre suas vidas como se fôssemos velhos conhecidos, talvez pela carência que tinham em suas vidas cotidianas em encontrar ouvintes atentos para suas histórias.

Contudo, acreditamos termos sido bem-sucedidos na captação dos dados, em especial também nos tópicos relacionados à intimidade física (como relações sexuais, dispensa de parceiro, etc.). Poucas vezes sentimos um constrangimento da parte do interlocutor de campo ao abordarmos esses assuntos. Acreditávamos que falar sobre sexo com eles criaria uma situação constrangedora para eles, mas, pelo contrário, mostraram-se interessados em falar sobre suas “intimidades” e até gostaram de abordar o assunto.

Em suma, fomos recepcionados com um certo grau de “privilégio” que foi além do que podíamos imaginar, fato que facilitou enormemente a nossa investigação e as relações que mantivemos no decorrer das nossas visitas e abordagens.

Velhice: Realidade Mal Compreendida e Incômoda

[...] “discriminado, inativo, vivendo em condições precárias e em situação de perda do status, do prestígio e das relações funcionais decorrentes do trabalho [...]. Conseqüentemente temos um idoso em crise: crise de identidade, que o leva, na maioria das vezes, à retração, à volta a si mesmo, à síndrome de pós-aposentadoria caracterizada pelo isolamento, pela solidão, pelo desinteresse pela vida, alcoolismo, divórcio, decrepitude, senilidade, morte social e morte física”.

Debert (1999, p. 148)

O envelhecimento da população é um fenômeno demográfico há muito detectado nos países desenvolvidos. Isto se deve, em grande parte, ao alto índice de nascimentos durante as primeiras décadas do século passado, associado a um progressivo decréscimo nas taxas de mortalidade e de fecundidade. O processo de envelhecimento de uma população é, portanto, dinâmico: é preciso, primeiro, que nasçam muitas crianças; em segundo lugar, que as mesmas sobrevivam até idades avançadas e que, simultaneamente, o número de nascimentos diminua.

Entre os problemas novos que as mudanças demográficas apresentam atualmente no Brasil o mais sério é, sem dúvida, o aumento do número proporcional e absoluto de velhos em nossa população. A velhice é uma realidade incômoda. Como Beauvoir (1970) deixa claro, os países desenvolvidos não encontraram uma solução satisfatória e humana para seus velhos.

O Brasil, como Carvalho (1987, p. 9) acentua, terá de enfrentar problemas ligados ao envelhecimento da população em uma situação paradoxal, pois o ritmo inesperado do fenômeno não nos dará, segundo ele, tempo para superar os problemas típicos do subdesenvolvimento.

O problema da velhice é bem colocado por Beauvoir (1970, p.11). Ela percebe que a velhice é um problema sério, que assume entre nós características de “gerontofobia” (termo utilizado por ela), por se tratar de um fenômeno humano que preferimos ignorar, pois o “idoso lembra demais a nossa própria fragilidade e a efemeridade de nossa existência”.

Se o problema for bem colocado, a solução proposta para ele e a própria descrição do idoso será apresentada de forma lírica e romântica, eximindo-se a sociedade de qualquer responsabilidade – o que não é verdadeiro. Cada vez mais a velhice, enquanto entidade cultural é menos valorizada e respeitada pelos mais jovens. Ariès (1986, p. 47-48) comenta essa afirmação:



[...] “Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e permanecer por muito tempo. Essa evolução foi acompanhada por uma evolução paralela, porém inversa, da velhice. Sabemos que a velhice começava cedo na sociedade antiga. Os exemplos são conhecidos, a começar pelos jovens de Molière, que aos nossos olhos parecem jovens ainda. [...] Em geral, porém, antes do século XVII, o ancião era considerado ridículo” [...]

Hoje a velhice desapareceu, ao menos do francês falado, onde a expressão um vieux, (um velho) subsiste com um sentido de gíria, pejorativo ou protetor. Ao menos hoje resta alguma coisa desse respeito pelo ancião em nossos costumes. Mas esse respeito, na realidade, não tem mais objeto, pois, em nossa época, o ancião desapareceu. Foi substituído pelo “homem de uma certa idade”, e por “senhores ou senhoras muito bem conservados”. Noção ainda burguesa, mas que tende a se tornar popular. A idéia tecnológica de conservação substitui a idéia ao mesmo tempo biológica e moral da velhice.

Essa passagem é muito importante para compreendermos os resultados encontrados nas entrevistas com os frequentadores dos bailes da Terceira Idade. Em várias respostas, eles ressaltaram suas características joviais e disseram manter comportamentos entendidos como juvenis – a prática do “ficar” por exemplo. A busca da eterna juventude é incessante e se manifesta, principalmente, pela proximidade da morte e pelo medo que esta desperta. Adotando comportamentos juvenis, os idosos têm a falsa impressão de que tornam a morte mais distante, pois se sentem mais jovens do que verdadeiramente são.



O Corpo na Velhice

A velhice é associada, em geral, a modificações no corpo. As principais são o aparecimento de cabelos brancos e rugas, o andar mais lento, a postura encurvada, a redução da capacidade auditiva e visual.

Tudo isso é visível e contribui para a associação entre velhice e feiúra. O ideal estético – presente nas músicas, nas revistas, nas novelas enfim, nos meios de comunicação – é erigido sobre um corpo jovem; o velho é feio.

Essas transformações fisiológicas implicam, também, em transformações na beleza e na forma do corpo. Há também um marcante declínio na atividade sexual entre os idosos. Enquanto a maioria dos casais entre 60 e 74 anos é sexualmente ativa, apenas um quarto daqueles com mais de 75 anos relatam o coito conjugal. Ocorre alguma masturbação, particularmente entre os viúvos. As mudanças nas taxas de atividade refletem tanto fatores psicológicos, como mudanças fisiológicas definitivas.

“Acima dos 65 anos, diminui no homem a capacidade de desenvolver uma ereção total do pênis, o tempo necessário para a ejaculação e a quantidade de sêmen ejaculado. [...] Nas mulheres, podem ocorrer algumas modificações no trato urogenital após a menopausa. A vagina se contrai e a quantidade de lubrificantes naturais diminui. Embora isto não impeça o orgasmo, pode retardá-lo ou provocar dores concomitantes. [...] A vaginite, uma infecção acompanhada de doloroso corrimento, é outro problema ginecológico em mulheres idosas que pode afetar a atividade sexual”.

Barreto (1992, p. 27)

A aceitação do fato que há vida sexual ativa nos anos finais da vida é muito recente. Durante muito tempo admitiu-se que, com o correr dos anos, a vida sexual era praticamente impossível, talvez imoral e inquestionavelmente absurda, segundo Butler & Lewis (1985, p. 117). Contrariando essas noções, os frequentadores dos bailes da terceira idade por nós entrevistados, afirmaram dar muito valor ao sexo como forma de prazer. Isso prova que afeto, calor e sensualidade não precisam se deteriorar com a idade, pelo contrário, podem até mesmo aumentar.

Para Butler & Lewis (1985, p. 117),

“o sexo na idade madura é o sexo por si mesmo: prazer, liberação de tensão, comunicação, intimidade compartilhada. Com exceção dos homens de mais idade que se casam com esposas jovens, deixa de estar associado com a criação de filhos ou de famílias. Esta liberdade pode ser estimulante e criar um novo discernimento, especialmente para aqueles que, literalmente, nunca tiveram tempo para refletir sobre si mesmos e os parceiros, para adquirir um conhecimento maior do outro e de si mesmo”. Sentir que o parceiro, apesar da idade, ainda o considera sexualmente atraente pode estimular a manutenção da sexualidade. A depressão e a solidão podem fazer com que os idosos desistam, por completo, de sua sexualidade.”

Solidão na Velhice

O sentimento de solidão ocorre quando se procura companhia e não se acha; quando as palavras necessitam de um ouvido para se tornarem comunicação, mas permanecem ruminação; quando a dor, a saudade, a mágoa tornam-se pesadas e não há em quem confiar para derramar as lágrimas... Na velhice, a solidão pesa. Não é apenas um sentimento, é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira

“Os bailes, às vezes, suprem uma vontade de desenvolver um relacionamento geralmente não muito sério, diferentemente das relações já experimentadas em outros tempos, e, além de tudo, o salão de baile também é um lugar onde são feitas muitas amizades”



“Os pares da Terceira Idade têm de enfrentar a zanga da família e o menosprezo da opinião pública para namorar, dançar, passear de mãos dadas, se acariciar em bancos de jardim ou trocar beijos em um cinema. Tudo lhes é interdito ou classificado como caduquice.”

de “ser velho” em nossa sociedade. Nesse momento da vida, a morte já levou um grande número de parentes e amigos, e possibilidade de morrer torna-se incomodamente próxima. A aposentadoria afastou o convívio dos colegas e deixou um tempo vazio a ser preenchido. O velho passa a sentir-se inútil, pois não tem mais, para a sociedade capitalista, valor produtivo.

Assim Barreto (1992, p. 33) relata essa situação:

“O velho é posto a admirar o seu fim. De onde parte tal conceito? Ele é extremamente interessante à classe dominante, pois vai colocando à parte, cada vez mais cedo, indivíduos cansados e doentes pelo próprio trabalho e começa também, cada vez mais cedo, a apropriação da força de trabalho jovem. São os próprios jovens que propagam este conceito, sem consciência do quanto ele lhes é desfavorável”.

Os membros mais novos da família têm outros interesses e, muitas vezes, o velho e a velha são destituídos de seu papel de dono/dona da casa. Substituídos por seus filhos no comando são despojados de suas coisas, de suas lembranças e de seu espaço.

A viuvez, a falta do companheiro ou da companheira, a ausência de um parceiro amoroso tornam a solidão do idoso ainda mais profunda. É difícil recomeçar a vida sexual, principalmente para a mulher. O homem mais velho, embora enfrentando oposição da família, refaz sua vida com parceiras em geral mais novas. As mulheres viúvas, em maior número que os homens viúvos, dificilmente segue caminho idêntico.

Em nossas entrevistas, por várias vezes nos deparamos com a situação acima descrita. Os homens têm menos problemas em buscar e assumir um novo relacionamento, comportamento até incentivado pela sociedade. Às mulheres resta, quase sempre, a solidão sem reparos da viuvez.

A repressão sexual acontece através do ridicularizar de toda e qualquer relação amorosa entre pessoas de mais idade. Os pares da Terceira Idade têm de enfrentar a zanga da família e o menosprezo da opinião pública para namorar, dançar, passear de mãos dadas, se acariciar em bancos de jardim ou trocar beijos em um cinema. Tudo lhes é interdito ou classificado como caduquice. Canôas (1985:44) assim descreve esta situação:

“Nos grupos de convivência são inúmeros os casamentos, os namoros, o morar junto. É a tentativa de vencer a solidão, os problemas econômicos e afetivos. No entanto, se resolve para o idoso, atrapalha muitas vezes os planos dos filhos: o casamento do pai, por exemplo, pode representar juntar bens ou partilhar bens. Os jovens chamam a atenção dos velhos; e, não querendo dizer que o que lhes afeta é perda do dinheiro, demonstram quanto é ridículo o idoso estar preocupado com o casamento”.

Em uma de nossas entrevistas no clube Carinhoso, uma senhora nos relatou as dificuldades que enfrentou ao comunicar à família que pretendia se casar. Foi ridicularizada e teve sérios problemas com os filhos e genros, que temia pela divisão dos bens. O casamento não se realizou, segundo ela, em virtude dos graves problemas de saúde que a atingiram após essa situação estressante e humilhante. Situações como essa servem para exemplificar a perda de força que os idosos enfrentam com o tempo. Os mais novos passam a considera-los incapazes de se responsabilizarem por suas próprias ações, de decidir o destino que julgam mais apropriado.

Os frequentadores dos bailes entrevistados por nós buscam fugir desse modelo de exclusão e marginalização, criando novas redes e novas formas de sociabilidade. Os bailes cumprem, portanto, uma função social muito importante, à medida que propiciam formas de vencer a solidão e a depressão, contribuindo para que





os idosos tenham uma velhice mais saudável (alguns dos entrevistados chegaram a citar que vão ao baile por recomendação médica). A dança é, mais que um instrumento de diversão, um eficaz instrumento de aproximação, que pode criar novos amigos ou até novos relacionamentos. Além disso, o ato de dançar com alguém estimula a sexualidade e provoca sensação de liberdade e bem estar. É por assim dizer, um exercício completo.

Segundo Maria Helena Novaes (1995, p. 49), esse contato proporcionado pela dança é importante, pois

“o tocar é um momento emocional e relacional que induz energização, representação essa, por sua vez, mobilizadora e tranqüilizadora”.

Vendo-os Dançar

No processo de observação do campo para levantamento dos dados, as conversas com os nossos interlocutores se tornaram boas fontes de informação, já que as pessoas com as quais conversávamos mostravam-se extremamente receptivas e dispostas a responder a todas as nossas perguntas constantes de um roteiro previamente elaborado.

Nossos interlocutores masculinos têm em média 65,5 anos de idade (variando de 58 a 81 anos). As mulheres têm 60,6 anos de idade em média (variando de 49 a 70 anos). A média de tempo de frequência aos bailes é de 14 anos para os homens (variando de 2 a 30 anos) e 11 anos para as mulheres (variando entre 1 a 40 anos).

Os bailes têm maior presença de mulheres, que representam cerca de 60% dos frequentadores. Há diferenças importantes correlacionadas ao gênero, diferenças estas que consolidam uma estrutura de papéis preestabelecida pelos padrões sociais e pela cultura.

Em relação ao estado civil, notamos que a grande maioria das mulheres era viúva (56%), 28% eram separadas, 13% eram solteiras e 3% eram casadas. Já o estado civil dos homens era mais equilibrado, cerca de 30% eram casados, 30% separados, 30% viúvos e 10% solteiros. O estado pessoal de descompromisso amoroso, apesar de uma parcela dos homens que se diziam casados estarem no local desacompanhados (considerando também que haviam ali casais devidamente casados), pode ser considerado como uma das motivações para os idosos irem ao baile, porém, não a única. As razões pelas quais os faziam ir ao baile, para ambos os sexos, eram: (a) solidão ou viuvez (maioria das respostas), (b) amizade (muitas respostas) e (c) vontade de dançar (algumas respostas).

PESQUISADOR: *Por que o senhor vem ao baile?*

CARLOS (66 anos): *Os médicos recomendam. É bom pra evitar a depressão e pra fugir da solidão.*

68 Os homens, quase em sua totalidade, vão ao baile sozinhos. Em contraponto,



mais da metade das mulheres respondeu que “não” ia sozinha para o baile. Esse indicador possivelmente expressa padrões culturais em que o homem está muito mais apto para fazer as coisas que deseja, independentemente de estar ou não acompanhado. É o homem que tem de sair para a rua em busca de recursos financeiros a fim de garantir sua sobrevivência e a de seus dependentes. A mulher necessita de um apoio real e/ou moral para fazer o que deseja. Quando quer ir ao baile, contata a amiga, a irmã ou até mesmo a própria filha para lhe fazer companhia; provavelmente a mulher de Terceira Idade também traz consigo a premissa de que “mulher direita não sai desacompanhada para a rua à procura de diversão” e, para não quebrar este costume social, evita sair sozinha para se divertir.

A satisfação com o corpo e o sentimento de atratividade traduzem uma auto-estima consistente neste grupo, pois tanto os homens (todos os entrevistados) quanto as mulheres (quase todas) demonstraram contentamento com o próprio físico e constante preocupação em parecer atraentes. Talvez as cobranças em relação ao aspecto físico para com as mulheres não permitiram que todas elas respondessem “sim” (tal como os homens), porém, esse índice é relevante para contrapor a noção presente na sociedade em que vivemos, em que se cultua exageradamente a beleza juvenil. Apesar do descaso proveniente da condição de idoso e das prováveis limitações físicas, os idosos que freqüentam os bailes estão muito satisfeitos com eles próprios. Notamos até nas suas expressões faciais respostas seguras do tipo: “Sim, ainda me sinto muito atraente”, ou “Sim, estou inteirão!”.

O elemento *dança* é outro componente muito importante para eles, pois, ao perguntarmos “O que faz com que você sinta vontade de dançar com uma pessoa?”, homens e mulheres afirmaram ser o “dançar bem” o ponto desencadeador de interesse por um parceiro naquele instante. Outra resposta comum estava ligada ao aspecto físico, para os homens era importante a mulher ser bonita ou estar bem arrumada e, para as mulheres, “ter higiene” e “não estar bêbado” eram bons sinais para a apreciação de um possível parceiro.

O salão “é um bom lugar para encontrar alguém”, pois grande parte dos freqüentadores já conseguiu ter algum tipo de relacionamento amoroso oriundo do baile. Respostas voluntárias em referência a prováveis intimidades concernentes aos relacionamentos estabelecidos no local, foram surgindo à medida que um certo grau de confiança era estabelecido entre pesquisador e interlocutor. Em relação as suas experiências sexuais, encontramos pessoas que sabiam bem o que queriam e não se contentavam com episódios insatisfatórios.

PESQUISADOR: *Já aconteceu de ter saído com alguém posteriormente ao encontro aqui no salão, não ter gostado do beijo ou da relação física em si e ter prosseguido com o relacionamento? Se sim, as coisas melhoraram com o tempo?*

VITOR (72 anos): *Se não for perfeito, não adianta nem tentar, pois não fico com alguém que transei e não gostei.*

ANGELO (75 anos): *Sim, mas não hoje em dia. Às vezes não gostei e acabei.*

JULIETA (55 anos): *Sim, dei apenas uma chance e saí fora.*

Um número maior de casos que deram uma nova chance se concentra nas mulheres, porém, raramente elas mantêm um relacionamento insatisfatório. Em geral, eles não dão outras chances por razões circunstanciais, ou seja, inconscientemente sabem que não têm muito mais tempo a perder e, também, pelo fato de existir neles um padrão maior de exigências qualitativas, representativo de que com a experiência adquirida ao longo dos anos, não existe tanta tolerância ao que não lhes dá prazer de verdade.

Ao responderem se eles se sentiam pessoas sozinhas, a maior parte dos homens e mulheres respondeu “não”. É intrigante constatar que os idosos diziam não se sentir sozinhos, porém, quando questionados no início sobre a razão que os faz ir ao baile, quase todos enfatizaram a solidão. Talvez, seja a solidão o fator motivador e para solucionar este problema, eles vão ao baile, encontram pessoas diferentes, fazem amizades, reencontram conhecidos e, por fim, apaziguam seu estado solitário.

Ser uma pessoa feliz é um fato notório entre os frequentadores dos salões de baile, principalmente em razão de possuírem saúde para se divertir, sair e ainda dançar, muitas vezes, com o apoio da família. O baile, na realidade, oferece aos idosos um elemento que irá fazer do próprio baile uma característica indicativa de felicidade. Ter saúde e condições complementares para dançar é, assim, um elemento-chave para que seu público responda sem pestanejar: “Sou feliz porque posso ir ao baile, encontrar conhecidos e fazer novas amizades”.

PESQUISADOR: *Você é uma pessoa feliz? Por que?*

AURELINA (65 anos): *Sim, pela saúde, por poder me divertir e procurar mais amizade e diversão no baile.*

ALGEVASIO (72 anos): *Sim, porque onde estou (no baile) não há tristeza.*

ALCIDES (72 anos): *Sim, pois tenho o que agradecer, pois tenho saúde pra trabalhar e dançar.*

JULIA (56 anos): *Sim, porque tenho saúde para dançar, viajar, para fazer sexo...*

A razão primordial e recorrente de serem felizes diz respeito a terem saúde, por ser esta a preocupação que envolve a todos da Terceira Idade sem distinção, preocupação claramente causada pelos limites físicos que vão surgindo com o tempo e pela problemática das enfermidades experimentadas. O baile é um lugar propício para encontrar o idoso não convencional, que muitas vezes não é percebido em função da concepção tradicionalmente formulada pela sociedade, de um idoso decadente, doente, dependente e inativo.



Conclusões

O Baile da Terceira Idade permite estabelecer um diálogo entre os idosos representados em nossa pesquisa e a cidade de São Paulo, constituindo-se como uma das formas de representação da sociabilidade dos idosos na vida urbana.

Descobrimos que algumas pré-noções limitantes do comportamento do idoso podem ser desconstruídas e novos parâmetros serem formulados. A criação de grupos de sociabilidade faz com que aos idosos encontrem uma maneira eficaz de vencer a solidão e recuperar a auto-estima (que tantas vezes se desvanece com a perda da beleza, da juventude e do valor social do idoso enquanto ser produtivo). *O pedaço dos idosos dos salões de baile* proporciona novas redes de sociabilidade representadas por seus integrantes através do prazer de desfrutar as coisas fundamentais ou elementares da vida mesmo depois da idade madura.

O grande fator motivador dos idosos para irem ao baile é o combate à solidão. Muitos deles, por causa da viuvez ou da separação/divórcio, sentiram-se necessitados de novas experiências de relacionamentos, que perceberam poder encontrar (e de fato encontram) nos salões de baile da cidade. Os bailes têm, portanto, uma função social de estabelecer vínculos e possibilidades para os idosos deixarem sua condição solitária, pois formam uma rede de contato importantíssima para evitar o isolamento social, muito bem expressa no texto de Maria Helena Novaes (1995, p. 47):

“Os remanejamentos corporais e o diálogo com os demais preenchem a necessidade fundamental de contato com o ‘outro’. Tudo que favorece as relações interindividuais constituem-se numa base importante de satisfação trazida pela vida social. O desenraizamento imposto pela institucionalização longa leva o idoso a não dominar seus contatos sociais, vivendo um vazio relacional eminentemente psicológico”.

O tecido social representa um elemento primordial na conservação da sua saúde, tanto física quanto psíquica, uma vez que o isolamento social provoca o aparecimento da angústia, da solidão, tão freqüentes no idoso, por terem sido cortados e afastados dos outros e definem bem sua situação de “estar só” ou de “abandono”.

No discurso apresentado pelos interlocutores, foi enfatizado que a experiência proporcionada pela idade os torna capazes de distinguir o banal do fundamental para o seu bem-estar, melhorando assim, a qualidade das experiências vividas. Um local como o baile permite que tais experiências sejam compartilhadas entre semelhantes em uma metrópole fragmentada e pluralista como a cidade de São Paulo.

É possível, mais uma vez refutando todas as pré-noções, manter uma vida saudável e feliz após os 60 anos, vencendo o medo da morte e da solidão. Os bailes servem como armas nas lutas contra esses males. Ao beijar, ao “ficar”, ao dançar ou ao conversar com alguém no salão de baile, os idosos têm a possibilidade de transformar e redirecionar suas expectativas, não negando a sua própria mortalidade, mas harmonizando-se com ela. Apesar de saberem que não têm mais todo o tempo



do mundo, eles adotam o desafio de viver o mais intensamente possível o tempo que lhe resta, estimulando-se e não se deprimindo por este motivo.

Por conta de terem um tempo menor a sua frente, comparados com os jovens e os de meia idade, se possuírem uma saúde razoável, poderão dedicar mais tempo aos relacionamentos que qualquer outro grupo etário. Talvez só na idade madura, quando a personalidade alcança seus últimos estágios de desenvolvimento, o sexo e a forma de amar alcancem o seu mais profundo crescimento. O sexo e a paixão não apenas existem após os 60 anos: têm a possibilidade de se tornarem qualitativamente melhores que em qualquer outra época da vida.

É a luta contra o descartável e contra o efêmero. Não é interesse da ideologia dominante estimular esse embate, pois os velhos não têm, enquanto seres reprodutivos e produtivos, mais nenhuma função social. Pena que os bailes e grupos de convivência semelhantes são pequenos guetos dentro de uma cidade que ainda trata a velhice como uma realidade incômoda e a ignora solenemente buscando a eterna juventude de corpo e de aparência. Os frequentadores de bailes têm consciência e orgulho da sua experiência e enfrentam, com coragem e alegria, o eterno aproximar da morte. Uma entrevistada, utilizando-se de uma máxima popular, assim sintetiza de forma simples o nosso objeto de estudo:

“Tenho que aproveitar a vida, pois não sei quanto tempo ainda me resta.... Mas aproveito com alegria e coragem, pois basta estar vivo para morrer e a morte tem início quando a gente nasce. Quero dançar e dançar, sorrir sempre... Tenho orgulho de minha vida e sou feliz. É, o tempo serviu para eu descobrir o que é felicidade...”

Carmem (71 anos), frequentadora do baile do clube Cartola.



Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flackman. 2.ed.. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AULAGNIER, P. *Os destinos do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- BARRETO, M.L.F. *Admirável mundo velho. Velhice, fantasia e realidade Social*. São Paulo: Ática, 1992.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução Heloísa Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BUTLER, R.N. ; LEWIS, M.I. *Sexo e amor na terceira idade*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.
- CANÔAS, C. S. *A condição humana do velho*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERQUEIRA, A.T.A.R. ; OLIVEIRA, N.I.L. Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos. *Psicologia USP, São Paulo*, v. 13, n.1, 2002.
- DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp:Fapesp, 1999.
- JEANNIÈRE, A. *Antropologia sexual*. Lisboa: Moraes Editora, 1965.
- KEHL, M.R. O desejo da realidade. In: *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAGNANI, J.G.C. ; TORRES, L.L. (Orgs). *Na metrópole – textos de antropologia urbana*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- MICELA, R. *Antropologia e psicanálise: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- NÉRI, A.L. *Envelhecer num país de jovens*. Campinas: Unicamp, 1991.
- NOVAES, M.H. *Psicologia da terceira idade. Conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1995.
- ORTEGAY GASSET, J. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.
- SANCHES, V. O baile dos “coroas” de bem com a vida. *Jornal da Tarde, São Paulo*, 01 jul. 2002, Caderno A, p. 10.
- VERAS, Renato. Os cabelos brancos de um país jovem. *Ciência Hoje*, v.7, n. 34, p. 24, ago. 1987. In: PORTELLA, Sérgio (Org.) Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 39ª. *Encarte*.



Os Anos que saem da Gente...

“Uma tarde, ficou furioso ao ouvir de um adolescente: ‘Como pode a gente perder de uma velheira dessas?’ Fechou o tempo. ‘Sabe quantos anos tenho? Tantos quantos você!’ Não, não era coisa de gente louca, nenhuma pessoa foi mais lúcida, de bem com a vida. Era um jeito de viver que fazia com que ele estivesse sempre aceitando ou provocando desafios”.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

*Jornalista e diretor de redação da revista Vogue.
Escritor, publicou 23 livros entre romances,
contos e viagens.*



A primeira vez que percebi que meu avô, apesar da idade, não tinha idade, foi quando voltei de uma viagem ao Vale do Paraíba e corri para ele, achando que a minha descoberta ia deixá-lo excitado.

- *Vô, advinha por onde passei? O que descobri no Vale do Paraíba?*

- *Não tenho idéia.*

- *Uma coisa incrível.*

- *Desembucha logo.*

Ele era meio impaciente.

- *Encontrei uma cidade fantasma. Um barato!*

- *Fantasma? Uma cidade velha? Em ruínas?*

- *Isso mesmo, parece coisa de filme de far-west.*

- *Acha que me interessa em velheiras por que?*

- *Imaginei que era coisa do seu tempo.*

- *Meu tempo, meu tempo. Todo mundo diz isso. Meu tempo é agora, hoje. Se você quiser me levar para Brasília, vou correndo. Aquela cidade, sim, é do meu tempo.*

A gaúcha da quitanda da esquina, só para espicaçar, costumava perguntar a ele:

- *Quantos anos tens?*

Meu avô respondia:

- *Quantos eu queira, depende do dia, do tempo, da disposição de espírito, de como eu tenha dormido, de quem eu encontre na rua.*

- *Como de quem encontre na rua?*

- *Se eu encontrar com um chato, e neste bairro tem um monte, parece que todos moram aqui, minha vida parece ter sido longa, fico com 163 anos.*

- *E quando rejuvenesce?*

- *Não vou contar, é segredo meu.*

- *Por que não repartir?*

- *Porque perco o meu segredo e é ele que me faz voltar 60 anos.*

- *Para chegar a que idade?*

- *Ah! Quer descobrir mesmo quantos anos tenho. Por que as pessoas se*

importam tanto com a idade? Vivo sem pensar nela. Se não penso, o tempo pára. Há muito tempo não sei quantos anos tenho e é o que me leva para a frente.

- *Para de dizer isso, velho falastrão.*

- *Falastrão? O que é isso?*

A gaúcha gozadora não respondeu e meu avô prosseguiu. Ia começar sua ronda pela cidade. Fazia uma via-sacra, visitando parentes e conhecidos. Jamais chegava na hora da comida, fosse almoço, lanche ou jantar, “não sou nem nunca fui fila-bóia”, declarava. Aceitava um café e um pedaço de bolo, era época em que sempre havia um bolo feito em cada casa. Às vezes, mulheres mais prendadas faziam bolinho de chuva, coisa que ele adorava. Entrava, sentava-se, tirava o chapéu que deixava

sobre o joelho e conversava horas, estivesse a pessoa prestando ou não atenção. Balançava a perna com o chapéu, ritmadamente, e com tal habilidade, que o chapéu não caia do joelho de modo algum. Sempre começava contando que tinha comprado uma espiga de milho, o milho estava duro, bom para dar ao gado, mas como ele não tinha gado e perto de casa não existia nenhum animal que comesse milho, ele decidiu plantar.

Encheu o quintal de pés de milho e na época propícia colheu espigas que vendeu pelo bairro, deixando algumas para replantar. Com o dinheiro da venda alugou um terreno baldio, onde plantou mais milho. Parte ele vendeu para pamonhas e curaus e parte, agora expressiva, deixou secar e vendeu para uma granja de galinhas de Angola. Alugou um terreno maior, repetiu a operação, até poder comprar um sítio, cuja produção levou-o a comprar uma fazenda, depois outra, e tratores, colhedeiros e ensacadeiras, tornando-se o rei do milho em poucos anos.

“Por isso é que o senhor não trabalha? Não precisa?” E ele assegurava que sua atividade era mental, pensava muito, e quem pensa, deixa o cérebro em atividade, sempre esperto, jamais envelhece. “Não sou como aqueles aposentados que vivem no banco do jardim o dia inteiro, conversando e olhando as moças que passam. Onde arranjam tanto assunto? Passo por eles e fico perplexo, parecem meus filhos, tão acabadinhos estão”. Ele adorava a palavra perplexo, aliás, gostava muito das palavras que contivessem X, boas para se pronunciar, eram sonoras, dizia.

Poucos sabiam, mas na verdade, ele trabalhava. Fazia pequenos biscates aqui e ali, não gostava de se fixar, fazer sempre a mesma coisa. “As mudanças contínuas me fazem permanecer moço, daí ninguém saber a idade que tenho. Ter uma coisa hoje, outra amanhã, uma terceira na semana que vem, e sem saber se vou conseguir sobreviver no mês que vem me deixa elétrico, ágil”. Toda a sua vida tinha sido assim, de um emprego para outro, de uma cidade para outra. Quando parecia estar muito bem, acomodado, todos satisfeitos, ele chegava e anunciava: “Preparem tudo que vamos embora!” Foram tantas as vezes que quando ele se demorava em um lugar, a família se inquietava: “Estará doente?” Havia nele uma ânsia de mudança, inquietação permanente, aflição em buscar o novo. Tinha medo de sentir-se confortável e mole, medo de sentir medo de não enfrentar reinícios de vida. Estar recomeçando é que o levava a não ter idade, a não deixar o tempo passar, a impedir a ação dos anos.

Assim, ele trabalhou como porteiro de cinema, mas foi demitido, passava mais tempo atrás das cortinas vendo os filmes do que cuidando da porta. Era fascinado por cinema e sentiu perder o emprego porque não via mais filmes de graça. Outro problema ele teve com o juizado, porque deixava todo mundo entrar, mesmo quando o filme era proibido para menores de 18 anos. Raciocinava: quem tem mais de 18 ou já viu o que está na tela, ou já viveu e já conhece. Os que ainda não têm

“Por que as pessoas se importam tanto com a idade? Vivo sem pensar nela. Se não penso, o tempo pára.

Há muito tempo não sei quantos anos tenho e é o que me leva para a frente.”

uma iniciativa hoje tornada lei: deixar todos os velhos entrarem de graça. Era só aparecer alguém acima dos 60 que ele acenava, puxava e comandava: “Entra rápido”. Naquele tempo - e isso não foi muito tempo atrás - todo mundo acima de 40 era taxado de velho e colocado de lado. Os de 50 eram idosos. Os de 60 caquéticos. E de 70 para cima era considerado múmia. Um conceito que tornava meu avô revoltado. Daí aqueles gestos inesperados que lhe davam imenso prazer. E mais prazer aos outros.

Depois, foi porteiro de grupo e a menina o adotou, assim que ele inventou a nova língua. Nesta língua, não existiam o G, nem o L, nem o H. O G era substituído pelo T, o L pelo B. Para que precisamos do H? perguntava? Qual o som que ele produz? Nenhum. Portanto, que caía fora. Quanto as outras letras, onde estava Gato se pronunciava Tato, o que confundia quem não conhecia a nova linguagem. Tato, diziam os conservadores, era uma coisa e gato, outra. Claro que é, respondia. O Tato - que é gato - morde e arranha, tem unhas. O Tato - que é o tato mesmo - sente. Mas como saber quando é uma coisa, quando outra? Pelo sentido geral da frase. Essa é uma língua para inteligentes, pessoas que adoram pensar.

Quando se dizia Bagarto, se sabia que era lagarto. Luiz virava Buiz. Colobando era colocando. Como as crianças gostaram. Só conversavam nessa língua nova, mas deu problemas, começaram a usá-la nas lições de casa e provas e os professores quase enlouqueceram. Dali em diante, quem falava a língua do meu avô tirava zero. Ele foi proibido de utilizá-la, de maneira que se tornou uma linguagem secreta. Até hoje conheço gente de 30 ou 40 anos que de vez em quando se comunica nessa linguagem sem G e sem o L.

Uma das últimas invenções dele foi a de desaprender. Aparecia todos os dias com cadernos em branco e com dois ou três livros, todos em branco. Sentava-se numa mesinha do corredor lateral e passava o tempo das aulas compulsando cadernos e livros. Olhava um caderno, pensava, passava para o outro, parecia ter dúvidas. As pessoas passavam e davam com aquelas páginas em branco, achavam que, desta vez, ele tinha enlouquecido. Um dia, o diretor ousou perguntar:

- *O que significa isso?*

- *Estou estudando.*

- *O que?*

- *Estudando o desaprender.*

- *O desaprender? O que você tem aí são livros e cadernos em branco.*

- *Claro! Porque significa o não aprendizado. A cabeça em branco.*

Tudo

anulado. O conhecimento da minha mente extinto. Como é essa palavra nova que a menina usa?

- *Palavra nova?*

- *Sim! Deletado.*

- *Acho que chegou ao limite, desta vez.*

- *Preciso, inclusive, encontrar uma escola nova, atualizada, para desaprender tudo.*

Uma das últimas invenções dele foi a de desaprender.
Aparecia todos os dias com cadernos em branco
e com dois ou três livros, todos em branco.
Sentava-se numa mesinha do corredor lateral
e passava o tempo das aulas compulsando cadernos e livros.

- *Tal escola não existe. Na escola se aprende.*
- *Sei. Quero aprender.*
- *Não é desaprender?*
- *Quero aprender a desaprender.*
- *Não dá para entender.*
- *Quero eliminar tudo o que sei, cancelar o conhecimento absoluto, para colocar coisas novas no lugar.*
- *Mas o que o senhor aprendeu até agora é um tesouro precioso, é a experiência, a maturidade, a sabedoria.*
- *De nada me servem. O mundo muda a cada instante. A vida está sempre se transformando. O que sei é inútil.*
- *Quer ser criança de novo?*
- *Não! Quero ser um homem de minha idade que nada mais sabe e vai ter de estudar.*
- *E qual é a sua idade?*
- *Idade nenhuma.*
- *Alguma o senhor tem!*
- *Prove.*
- *Olhe as manchas nas mãos, as bolsas em redor dos olhos, a pele gasta.*
- *Pois na fase de aprendizado vou mudar de pele. Como as cigarras.*
- *Cigarros?*
- *Cigarras! Não tem mais cigarras nas cidades, o mundo de hoje não as conhece. São coisas antigas. Como eu.*

Deu uma gargalhada. Pela primeira vez na vida admitia que tinha alguma idade. Nunca revelada, nunca descoberta, a não ser no dia em que ele morreu, anos mais tarde. Logo depois, teve outro problema. Meu avô, na portaria, deixava todo mundo entrar fora do horário, porque tinha uma teoria: o que se tem a aprender, se aprende a qualquer hora. Não precisa ser no período compreendido entre o bater de dois sinais. E como a partir de certa época ele foi nomeado responsável pela campanha do sinal, deu bagunça. Foi o começo do fim de sua carreira no Grupo. Porque meu avô batia o sinal na hora em que lhe dava na veneta. No primeiro dia, encurtou todas as aulas e aumentou o recreio. Era um intervalo imenso e os profes-

mas foi seu último dia. Na manhã seguinte, todos os alunos se reuniram em frente ao grupo, protestando e exigindo a volta do velho garotão, como ele era chamado. O diretor fez meu avô sentar-se e quis passar um sabão, raspança, ou admoestação. Palavras que ela usava à farta.

- *O senhor não tem vergonha de fazer o que fez?*

- *O que fiz? Um crime?*

- *Na sua idade?*

- *Na minha idade? De que idade você fala?*

Ele adorava confundir, questionar. Fazia perguntas súbitas, meio absurdas, meio sem sentido, os outros ficavam numa saia justa. Esperto o velho!

- *Já era para ter juízo.*

- *Minha idade! O que isso quer dizer?*

- *Um homem entrado em anos.*

- *Ou saído. Os anos saem de mim, em lugar de entrarem em mim.*

- *Não entendo.*

- *Porque os anos entram no senhor e assim se envelhece. Comigo, não. À medida que vivo, os anos saem de mim e vou rejuvenescendo.*

- *O senhor não tem idade para brincadeiras.*

- *E quando se é a idade para brincadeiras?*

- *Quando se é criança.*

- *Então, deixemos essas crianças brincarem. Vivem dentro da sala de aulas.*

- *Para aprender.*

- *E o que aprendem?*

- *A viver?*

- *Como?*

- *Com bons exemplos, estudos, disciplina.*

- *Diga uma coisa mais original.*

- *Digo. O senhor está despedido.*

- *E o senhor condenado a ficar aqui trabalhando.*

Aturdido, o diretor expulsou-o da sala. Mas dali em diante, nunca mais teve sossego, pensava nas coisas que meu avô tinha dito. Principalmente nos anos que entravam nele, em lugar de sair. Olhava-se ao espelho todas as manhãs, preocupado com as rugas que se formavam ao redor dos olhos. Muitas vezes, depois daquele dia, o diretor caminhou para a campainha e acionou o sinal, liberou os alunos para o recreio, deixando que o recreio durasse horas. Os professores ficaram aturdidos, queriam saber o que se passava, ele se negava a comentar.

Sem emprego, meu avô resolveu andar de bicicleta pela cidade, fazendo entregas. Custou a convencer alguns armazéns, bares, sorveterias e pastelarias de que era um trabalho de futuro. As pessoas estavam com preguiça de sair de casa, telefonavam, pediam, meu avô ia levar. Estava dando certo, mas acontece que, muitas vezes, ele se deixava levar pela distração. Parava em um bar onde a turma estava

decidia desafiar a molecada nos fliperamas. Ninguém sabe o que fazia, ou como fazia, mas ganhava sempre. Dizia que era pelo raciocínio cartesiano, o que ninguém entendia. É que ele passava o tempo observando as maneiras de jogar, anotava tudo mentalmente e aplicava na prática.

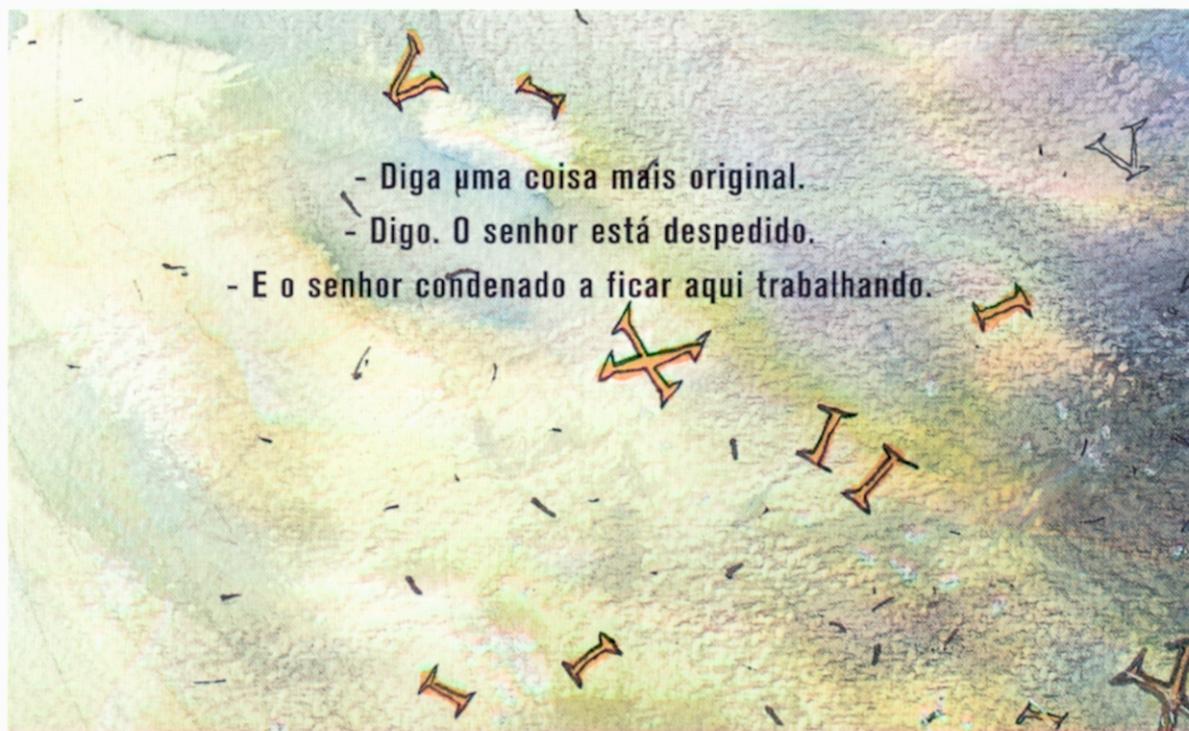
Uma tarde, ficou furioso ao ouvir de um adolescente: “Como pode a gente perder de uma velheira dessas?” Fechou o tempo. “Sabe quantos anos tenho? Tantos quantos você!” Não, não era coisa de gente louca, nenhuma pessoa foi mais lúcida, de bem com a vida. Era um jeito de viver que fazia com que ele estivesse sempre aceitando ou provocando desafios. Depois, tinha de se virar para solucionar as enrascadas em que se metia por livre e espontânea vontade, conforme ele mesmo costumava dizer.

Só agora estou me lembrando. Será que vocês nunca ouviram falar naquele homem da terceira idade – naquele tempo se dizia terceira idade e não melhor idade, como agora – que correu a São Silvestre e chegou em décimo lugar, na frente de um mundo de gente mais nova? Ele foi a São Paulo, foi fotografado, citado como exemplo, ainda que muitos duvidassem que tivesse feito o percurso inteiro. Devia ter cortado caminho. Mas como podia cortar caminho se nunca tinha vindo a São Paulo uma cidade nem um pouco fácil para se andar. Eram os mistérios dele, seus segredos.

No dia em que morreu, um amigo apareceu. Um homem tão velho quanto ele, mas não tão divertido, nem com as mesmas fantasias e disposição de vida, nem com o mesmo ardor de mudar, desafiar, brincar e iludir, apareceu. O amigo achou que podiam precisar da certidão de nascimento, ele estava com a única que existia, tinham nascido na mesma cidade. Era um homem magro, pele seca, jeito bem comportado, desse tipo que vive segundo as normas prescritas, obedece todas as regras.

Apanhei a certidão, olhei.

E o que li foi inacreditável.



Danilo Santos de Miranda

“O envelhecimento aumenta demais a sensibilidade, aumenta demais a capacidade não apenas de perceber, mas de contribuir. Você se sente impelido a contribuir de uma forma muito efetiva e o faz.

Eu faço isso, faço no meu trabalho, faço na minha família, faço no meu grupo social, faço em todas as oportunidades que tenho. Eu nunca enxerguei tanta beleza a minha volta como vejo hoje.”

Sociólogo e especialista em ação cultural, é diretor do Departamento Regional do SESC São Paulo. Formado em Filosofia e Ciências Sociais, realizou estudos de especialização na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas e no IMEDE - Management Development Institute, de Lausanne (Suíça). É presidente continental da Federação Internacional de Esportes para Todos - FISpT, integra as diretorias da World Leisure Recreation Association - WLRA, do International Institute for Cultural Enterprise (EUA), da Art for the World (Suíça) e do Fórum Cultural Mundial Brasil 2004. É membro do Conselho do MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo e do CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar.

Durante a conversa que manteve com a revista A Terceira Idade, Danilo discorreu sobre a questão das políticas culturais no Brasil e acerca de seu trabalho à frente do SESC São Paulo. Ao completar seu 60º aniversário, reflete sobre o fenômeno do envelhecimento e fala a respeito dessa fase da vida. Analisa a condição social do idoso e do aposentado brasileiro e comenta a importância do Trabalho Social com Idosos, programa pioneiro no Brasil e na América Latina, que comemora 40 anos de existência.



REVISTA – *Danilo, fale um pouco sobre sua história familiar.*

DANILO – Eu nasci em 1943 em Campos, cidade de porte médio, situada ao norte do Estado do Rio. Estávamos em plena Segunda Guerra Mundial e o Brasil vivia um momento de impacto, de dúvida. Sou de uma família típica de classe média. Meu avô era farmacêutico na cidade, minha mãe era sua principal auxiliar. Meu pai era jornalista e dentista recém-formado, já iniciando as atividades. No interior, as pessoas misturam vários papéis. Houve uma época em que ele também foi visitante comercial na área de remédios. Éramos uma família antiga da cidade, ligada à tradição local, com parentes de todo lado. Campos era uma região próspera. Minha família herdou um conceito de relação com a vida, com as coisas, com a natureza, com a cultura, com a música, com a arte, proveniente desse ambiente no século XIX, início do século XX. Meu pai e minha mãe se casaram em 1936. Meu irmão mais velho é de 1939, o outro irmão nasceu em 1942 e o que veio depois de mim, é de 1945. Foi um momento próspero de minha família, meu avô tinha a principal farmácia na cidade.

REVISTA – *Você conviveu com seu avô?*

DANILO – Um pouco. Era um homem calado, mas com personalidade muito firme, rígida. Nasceu em São Paulo mas casou-se em Campos, com “Donana”. Ana, minha avó, era a filha mais velha de um casal de portugueses, proprietários de uma fazenda em Dores de Macabu, e era conhecida como Dona Ana que virou Donana. Era uma pessoa de liderança forte, ligada a movimentos religiosos. As Mães Cristãs provocavam uma mobilização grande, tinham um vínculo enorme com tudo que era ação de caráter caritativo, filantrópico e social na cidade. Meu avô também. É curioso que minha avó, tão freqüentemente chamada de Donana, com o tempo ficou conhecida como Dona Donana.

REVISTA – *Quanto tempo você viveu em Campos?*

DANILO – Até os 11 anos. Perdi minha mãe com sete anos de idade. Minha mãe faleceu em 50 com uma doença que não é grave hoje, mas na época era: morreu de nefrite. Eu tinha sete anos de idade e ela tinha cerca de 31. Meu irmão mais novo estava com cinco, o mais velho com dez. Fomos criados então pela minha avó Donana, que já tinha conosco uma relação muito próxima como típico das famílias tradicionais. O filho mais novo dela tinha mais ou menos a idade do meu irmão mais velho. Era uma coisa de continuidade, tudo muito perto. A gente morava muito próximo aos nossos avós. Conheci também minha bisavó Maricota, - a vovó Cota, que viveu até os 96 anos.

REVISTA – *E depois de Campos?*

DANILO – Fui para uma escola interna em Friburgo, já pensando na história do seminário. Foi uma opção de criança. Minha opção, é claro, mas uma criança com 11 anos. Fui por várias razões. Primeiro porque houve nisso uma novidade. Eu tinha uma estrutura familiar, digamos, substituta, importante - minha avó, meu avô,

meus tios, meus irmãos, tudo na mesma casa. Mas era uma coisa já meio diferente do tempo anterior em que estavam meu pai, minha mãe e meus irmãos. Já havia assim “um clima”... um momento de dizer “vamos sair por aí”. Meu irmão mais velho acabou saindo também logo em seguida. O Dilmar, meu segundo irmão, foi para Friburgo também. Na época havia um movimento no qual os padres percorriam o Brasil afora em busca de vocações. Famílias religiosas eram procuradas por

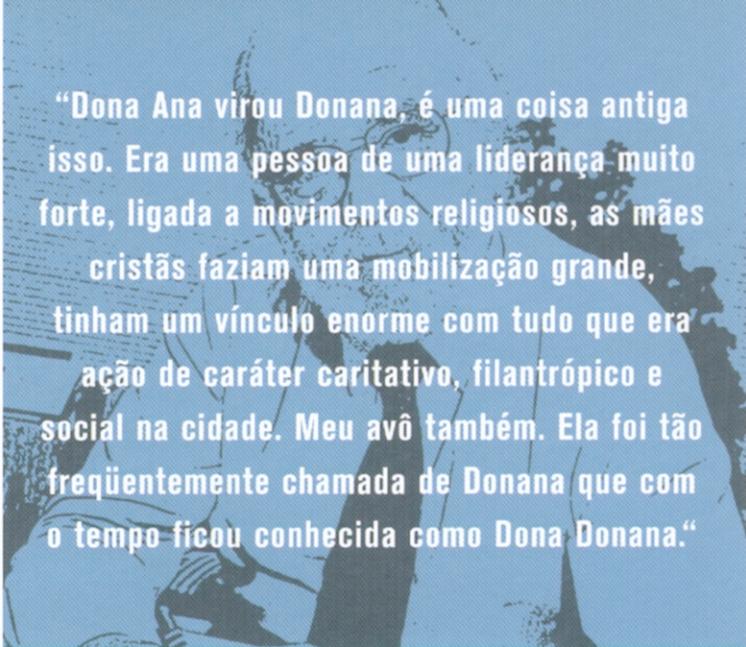
isso. Chegavam padres jesuítas lá de Friburgo, conversavam com o padre local para saber se havia jovens com esse perfil nas famílias.

REVISTA – *Você era uma pessoa religiosa?*

DANILO – Era religioso por influência familiar, era cruzado eucarístico. Fui criado na Igreja. O curioso é que, já naquele tempo, meus irmãos e eu buscávamos algo que viesse a ser enriquecedor, algo um pouco além daquela vida do dia-a-dia. É claro, fazia esporte - atividade normal de criança, brincava na rua, corria... Mas eu tinha essa coisa do religioso. A minha avó me puxava: “Menino, vamos lá, está na hora da missa, padre fulano está te esperando para celebrar”. Eu vivia nesse meio que tinha esse caráter religioso e isso foi formando meu jeito de ser, minha vocação. Eu fui para Friburgo sem saber direito o que estava fazendo. Fui para fazer o exame de admissão ao ginásio, mas não fui aceito porque os padres acharam que talvez não fosse conveniente. Tenho a impressão que eles tinham uma ligeira desconfiança de que o ensino em Campos não era lá essas coisas. Mas era bom. Assim, fiz o curso de admissão para entrar no ginásio, em 1955.

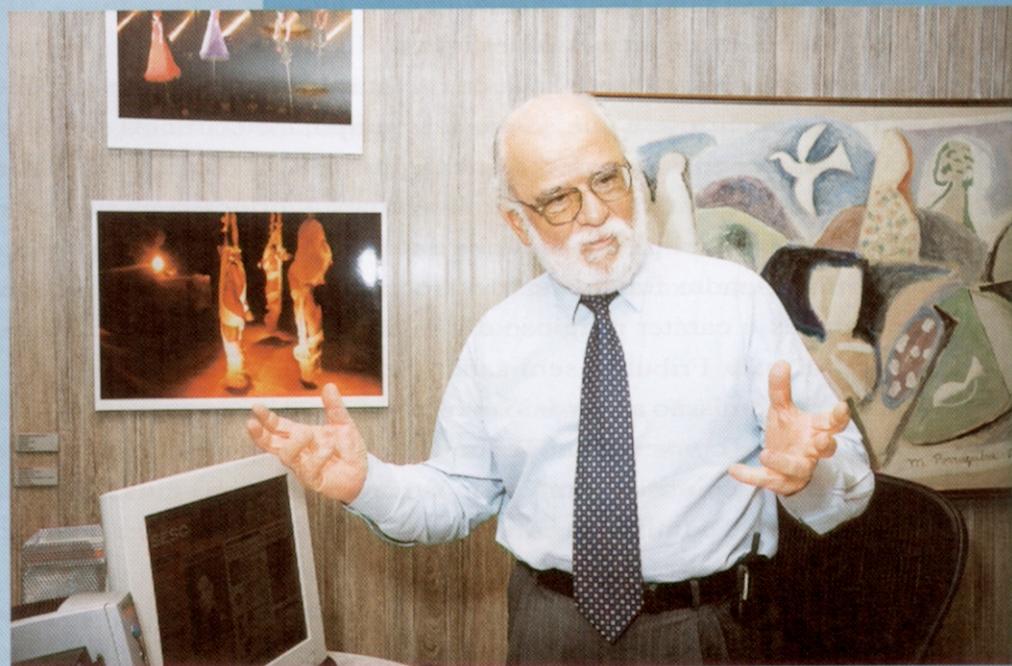
REVISTA – *Na adolescência, o que chamava a sua atenção intelectualmente, que assuntos o atraíam?*

DANILO – Sobretudo fatos históricos. Não era de estudar muito, mas era bom aluno porque tinha uma capacidade de retenção razoável e raciocínio rápido. Não era brilhante em matemática, mas tinha facilidade para entender, recebia prêmios de excelência como melhor aluno, disputava as melhores notas. Há uma emulação em geral nos colégios de padres, no sentido de você ser bom, ganhar nota, subir, crescer. O colégio publicava todo fim de ano uma espécie de catálogo de todos os alunos; tinha um quadro de honra e eu sempre estava muito bem situado desde a primeira série ginásial. Havia o ginásio e depois o clássico com opção para ser jesuíta. A vida religiosa fundamentou meu interesse pelo lado político, aquilo de

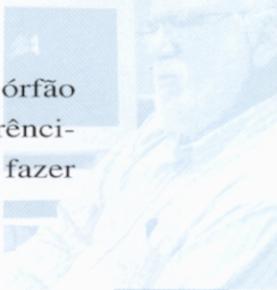


“Dona Ana virou Donana é uma coisa antiga isso. Era uma pessoa de uma liderança muito forte, ligada a movimentos religiosos, as mães cristãs faziam uma mobilização grande, tinham um vínculo enorme com tudo que era ação de caráter caritativo, filantrópico e social na cidade. Meu avô também. Ela foi tão freqüentemente chamada de Donana que com o tempo ficou conhecida como Dona Donana.”

“Eu tenho compromisso com essa visão igualitária, essa visão da igualdade absoluta entre as pessoas e da necessidade de criar condições para se atingir esse nível de respeito a todos de maneira igual.”



14



você não ser só você mesmo, de abrir-se um pouco, perceber o entorno. Um órfão tem muita facilidade para compreender os outros. À medida que você tem carências, você entende a carência externa. Não quero simplificar isso, não quero fazer psicologismo, mas para mim isso teve fundamento.

REVISTA – *A condição de órfão tornou-o mais sensível?*

DANILO – Sim. Eu era objeto de muita atenção e me lembro que, quando minha mãe morreu, achava estranho aquele negócio de todo mundo ficar muito atento comigo: “Coitado, o orfãozinho”. Nós éramos quatro, todos garotos de calça curta e todos homens, não tinha irmã. Diziam: “O que vai ser agora da vida desses meninos? Ainda bem que tem a avó que é nova ainda”. Essa era a reação das pessoas. No dia em que minha mãe morreu me levaram para a casa de um médico. Cada um foi para um lado. Como tinha apenas 7 anos, as coisas ficaram muito vagas na minha cabeça. Nunca fui treinado, por uma questão até de sorte, de família, de dureza na vida, para aceitar essa coisa da carência como uma vantagem. Sempre fomos à luta, nós quatro. Minha avó teve inúmeras filhas e filhos, temos muitos primos da mesma geração e nós quatro fomos os que foram para fora, que se formaram, viajaram para o Exterior. Acho que esse nosso perfil tem um pouco a ver com essa situação familiar especial. A ausência da mãe, substituída pela avó e tias, é uma substituição insuficiente. Mas também não houve trauma, a ponto de se dizer assim: “fulano é um coitado pelo resto da vida, está marcado”. Esse contexto me ofereceu muitas opções, me deu perspectiva de ir para o seminário, de querer me dedicar aos outros. Ir para o seminário revela certa renúncia a uma vida própria. Claro que com 11 anos você não tem condição de enxergar isso, mas isso já vai se formando. Na Escola Apostólica dos Jesuítas, em Friburgo, tínhamos uma atividade intelectual muito intensa. Havia muita atividade física e esportiva. Era a estratégia usada com a intenção de ocupar o tempo, cansar o corpo, “baixar a bola”. Éramos também estimulados a conhecer música e poesia, a escrever, a compor e até a cantar. Eu participei de coral desde garoto. Aliás, tenho uma gravação, que muitos anos depois foi recuperada e transferida para um CD. Minha voz, de contralto, está lá, fazendo solo, num coral com algumas dezenas de vozes.

REVISTA – *Você acha que toda essa experiência no seminário, o estudo, as artes e a atividade física, pode ter contribuído para sua identificação com o trabalho do SESC?*

DANILO – Essa tendência surgira havia tempo. Meu pai tocava violão muito bem e nós cantávamos com ele. Formávamos uma espécie de um grupo. Eu cheguei a me apresentar algumas vezes, cantando em festas da igreja. Tinha uma moça que tocava acordeom e eu cantava com ela músicas de Luiz Gonzaga - músicas meio caipiras. Eu tinha um pouco esse traço ligado às artes. Formei grupos de teatro infantil.

REVISTA – *Você concluiu o seminário nos agitados anos 60, não foi?*

DANILO – Em 1963, entrei no noviciado jesuíta em Itaici.

REVISTA – *O mosteiro onde se reúne a CNBB?*

DANILO – Exatamente. Aliás, ajudei a construir aquele prédio, pus tijolo lá. E na época do golpe militar aconteceu um fato muito interessante. Fiz um retiro espiritual, inspirado no retiro espiritual de Santo Inácio de Loyola: durante um mês inteiro se fica em silêncio, não se pode ter contato com o mundo exterior por 30 dias. Lá pelas tantas, num dos intervalos, soube que tinha acontecido o golpe de 64. Alguém me falou: “Estourou a revolução”. Eu já tinha uma certa relação com o movimento estudantil como secundarista, lá em Friburgo. Participei da criação do Parlamento Estudantil de Nova Friburgo, época em que fui para a reunião de estudantes secundaristas em Niterói. Conheci um grupo de rapazes mais ou menos da minha idade que posteriormente vieram a formar o grupo MPB-4.

REVISTA – *Eles são de Campos, não são?*

DANILO – Um deles é de Campos, os outros são de Niterói. Formavam um grupinho de estudantes que cantavam no Centro Popular de Cultura da UNE em Niterói. Foi um momento importante. A movimentação estudantil, a situação política. Na igreja já se falava do concílio.

REVISTA – *E o golpe?*

DANILO – Lembro que vieram me contar, com muita felicidade: “Estourou a revolução, Amaury Krueel, Adhemar de Barros, Magalhães Pinto, Carlos Lacerda...”. Mas tive que refutar: “Não foi a revolução que estourou. Estourou a contra-revolução! Isso não é revolução, é um golpe”. Depois voltei para o retiro. Fiquei em Itaici durante dois anos, mais voltado para o recolhimento, para a meditação, para o estudo da história da Igreja, da história da Companhia de Jesus, com muito latim e muito grego. Em Itaici, como é próprio aos jesuítas, são realizadas provações e peregrinações. Sem um tostão no bolso, pede-se comida na rua durante um mês. Fiz também o que era conhecido como “operariado”. Além das obrigações de noviço, você trabalha durante um período, na colheita do algodão ou então numa construção. Acordava de madrugada e almoçava no campo, com marmita. Depois de Itaici fui para a Faculdade dos Jesuítas, na via Anhangüera. Ali vivi questões muito interessantes, já vinculadas com ação política mais responsável. Enfim, tive uma formação muito intensa do ponto de vista político, institucional, ideológico, religioso, cultural e artístico. O caráter do conhecimento e da informação sólida era um valor primordial para os Jesuítas.

REVISTA – *Você tinha que idade nessa época?*

DANILO – Estava com 21, 22 anos. Fui aluno do padre Mendes, hoje Dom Luciano Mendes de Almeida. Fui contemporâneo do padre Henrique de Lima Vaz, sumidade, falecido recentemente. Era uma pessoa fantástica, um pensador excepcional. A Ordem dos Jesuítas era naquele tempo a maior Ordem da Igreja Católica e muito relacionada à questão de cultura e do fortalecimento intelectual, assim tive a possibilidade de conhecer bibliotecas fantásticas. Em 1967, já com 24 anos, decidi

sair. Tive algumas razões para isso. Não havia um fato específico, mas decidi que aquela vida não tinha a ver comigo, a minha contribuição estava limitada, eu seria uma pessoa infeliz, eu tinha questões muito sérias a serem entendidas e resolvidas. Procurei um amigo que estudou comigo, leigo, para ver se ele me arrumava um emprego. Ele falou que não podia me arrumar nada, mas me indicou uma agência de empregos chamada Masapa, em São Paulo. Fui à Masapa no final de 67 e eles me empregaram

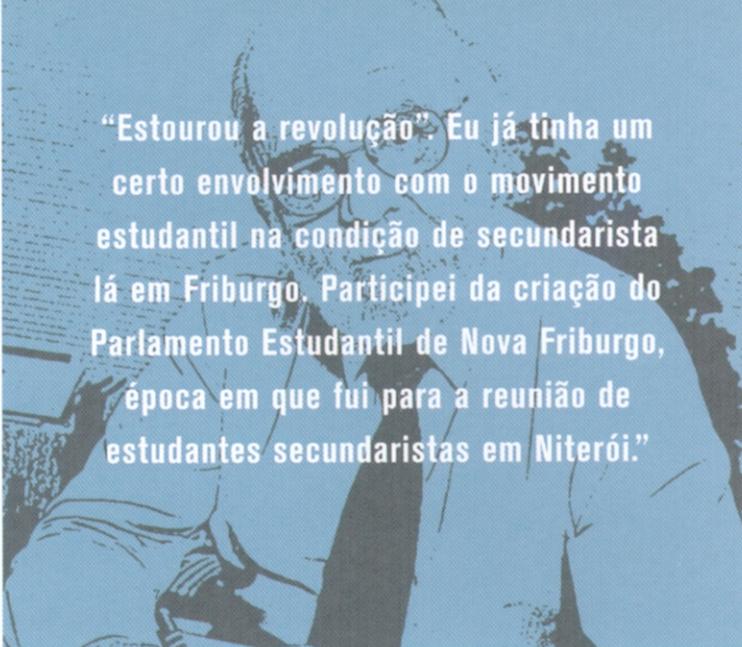
na própria agência, como entrevistador. Paralelamente eu cultivava minha vida política. Tinha muitos amigos, participava de muitas reuniões e era ligado ao Comando Nacional de Estudantes de Filosofia e Teologia. Conheci frei Tito, conheci frei Beto, conheci o Serra, o José Dirceu, Luís Travassos, Catarina Meloni - todo esse povo que circulava pela UNE. Sai do seminário já envolvido com esses movimentos.

REVISTA – *Como surgiu o SESC na sua vida?*

DANILO – Eu estava entrevistando um candidato na agência – também um ex-seminarista, e ele comentou que o SESC estava realizando um concurso de seleção. Eu tinha uma idéia vaga do que era SESI e SESC. Em Campos, conhecia o SESI. Os jesuítas mantêm, até hoje, uma casa de férias na praia de Boracéia, que era freqüentada por nós seminaristas. Fui até lá duas ou três vezes passar férias. Chegar em Boracéia era uma aventura. Íamos de carro, atravessávamos a balsa no Guarujá e depois a balsa para Bertioga. De Bertioga até Boracéia íamos pela praia.

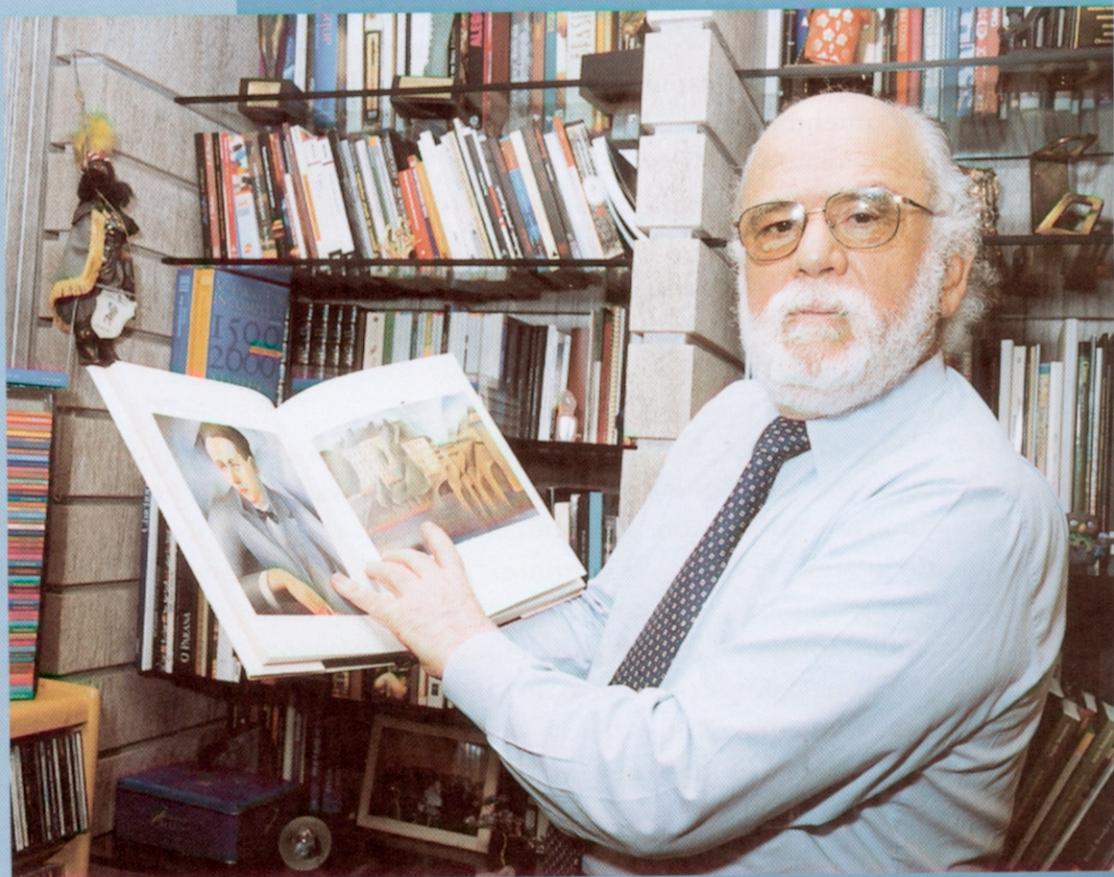
REVISTA – *Não havia a rodovia Rio-Santos...*

DANILO – Não tinha nada. Era tudo deserto. Íamos a Boracéia e passávamos pelo SESC em Bertioga. Era a única coisa que eu conhecia do SESC. Mas, o rapaz que eu entrevistara me falou sobre um anúncio, desses que saem em sessão de empregos, que dizia mais ou menos o seguinte: “Precisamos de gente com interesse em se relacionar com pessoas, com facilidade de comunicação...” Não exigiam experiência. Eu falei então: “Sou eu!” Participei das provas de seleção e, assim, entrei no SESC. Tive palestras com Lauro de Oliveira Lima, palestras sobre questões ligadas a comportamento, à atividade social, política, economia, atividade esportiva, cultural e outras. É interessante observar que a formação de seminarista facilitou muito o ingresso de pessoas com o perfil que o SESC exigia. Aliás, o SESC tem vários funcionários que foram seminaristas.



“Estourou a revolução”. Eu já tinha um certo envolvimento com o movimento estudantil na condição de secundarista lá em Friburgo. Participei da criação do Parlamento Estudantil de Nova Friburgo, época em que fui para a reunião de estudantes secundaristas em Niterói.”

“Nosso trabalho na instituição,
o que nós fazemos pode contribuir
um pouco para esse processo.
A questão é como dar espaço para a
produção para que ela venha
de maneira livre, autônoma,
verdadeira e criativa.
Se você tirar o livre, o criativo cai.”



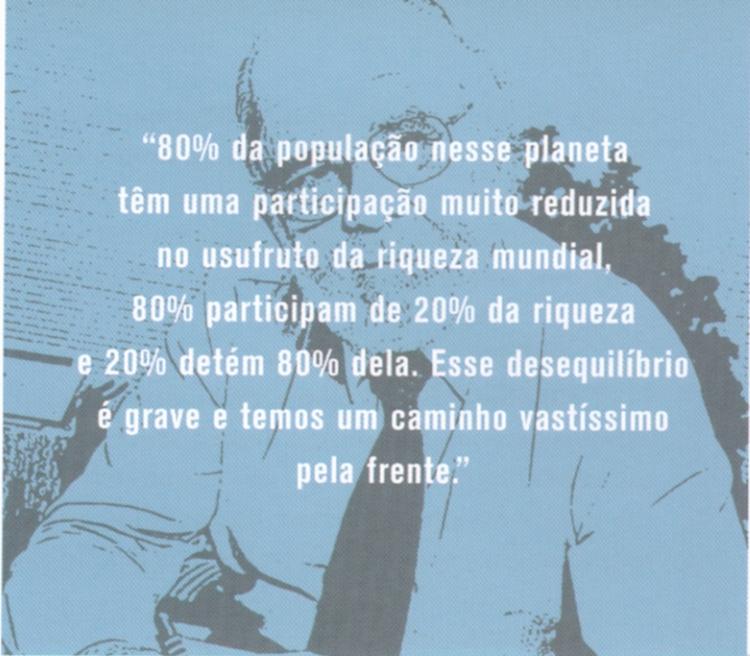
REVISTA – *Você comentou a situação do Brasil nos anos 60 e como isso mexia com todo mundo. Como você vê a situação social e política do país hoje? Que expectativas você tem em relação ao governo Lula e de que maneira pode-se enfrentar carências sociais tão grandes?*

DANILO – Creio que a gente ainda não chegou lá, mas temos avançado com relação ao entendimento da importância de uma visão igualitária do mundo. Tenho compromi-

so com essa visão, que se formou com a minha trajetória de vida: a idéia da igualdade absoluta entre as pessoas e da necessidade de criar condições para se atingir esse nível de respeito a todos. Percebo que a gente avança pouco a pouco, mas avança.

REVISTA – *O povo brasileiro está mais amadurecido politicamente?*

DANILO – A sociedade brasileira está mais amadurecida politicamente. Há um patamar cada vez maior de demanda, de exigência nessa direção. Isso eu observo como um fato positivo. Mas ainda falta muito no nosso país e também no mundo: 80% da população nesse planeta têm uma participação muito reduzida no usufruto da riqueza mundial, 80% participam de 20% da riqueza e 20% detém 80% dela. Esse desequilíbrio é grave e temos um caminho vastíssimo pela frente. Avançamos, sim, mas ainda enfrentamos problemas graves. No Brasil, em particular, temos evoluído e politicamente acho que estamos num momento especial, agora que temos, como presidente da República, uma pessoa proveniente da camada popular ou, como diz a senadora Heloísa Helena, um “filho da pobreza”. Ter um homem como o Lula na Presidência da República, sinaliza e simboliza a inversão de um processo histórico, o que é um avanço fantástico para uma sociedade como a nossa, marcada até então pelo conservadorismo. Estamos no século XXI e em muitos países tal mudança não tem a menor condição de acontecer. Aqui aconteceu, e isso foi um avanço importante, mas o fato político ainda é isolado diante das dificuldades imensas que temos para que possamos “arrumar” este país. Há uma grande dificuldade na questão da distribuição de renda, há uma dificuldade também significativa na questão do equilíbrio da Previdência Social. Na França, recentemente, depois de tantos anos de discussão, foi fixado o tempo mínimo de 40 anos de trabalho para conquistar o direito à aposentadoria, ou seja, está havendo uma revisão. Se isso é grave lá, imagine aqui! É claro que essa questão gravíssima tem que ser tratada com toda a seriedade. Veja só uma outra questão: normalmente as pessoas dizem que antigamente as escolas eram maravilhosas, que o nível de ensino era muito melhor, que



“80% da população nesse planeta têm uma participação muito reduzida no usufruto da riqueza mundial, 80% participam de 20% da riqueza e 20% detém 80% dela. Esse desequilíbrio é grave e temos um caminho vastíssimo pela frente.”

havia uma felicidade grande. Mas quem e quantos usufruíam dessa escola? Podia ser bem melhor que a escola de hoje, mas era para poucos. Melhorar o ensino significa elevar a qualidade, mas também permitir o acesso de todos a essa boa escola. O mesmo ocorre com a previdência, com o direito ao usufruto dos bens culturais e tudo mais.

REVISTA – *Democratização?*

DANILO – Exatamente. Para mim essa é a questão básica. Democracia não é só direito ao voto. É direito à dignidade. Eu discuto muito sobre isso, quando as pessoas vêm com saudosismos, com uma visão romantizada do passado. “Era um tempo de mil maravilhas”, dizem alguns. Mas, maravilhas para quem? Lembra da famosa democracia grega? Era democracia para poucos.

REVISTA – *Democracia só para os homens.*

DANILO – Para os homens e os patrícios – os gregos livres, que eram uma minoria. Ora, vamos parar com isso!

REVISTA – *Sua posição pessoal coincide com o direcionamento do SESC nessa busca por uma democratização de oportunidades?*

DANILO – Sem dúvida alguma. Essa é a idéia essencial que mantém uma instituição como o SESC e também o SENAC, o SENAI e o SESI. Essas entidades foram criadas na perspectiva de uma generosidade profunda, em que o empresariado voluntariamente se propôs e se dispôs a “tirar do bolso” para formar mão-de-obra adequada e favorecer o desenvolvimento das pessoas. Havia a idéia, claro, naquela época, de favorecer a si mesmo, na medida em que se tinha a mão-de-obra adequada e gente feliz para trabalhar, render e produzir. Mas, de qualquer forma, o empresário quis proporcionar a essas pessoas um processo de crescimento, desenvolvimento e melhoria, sem dúvida.

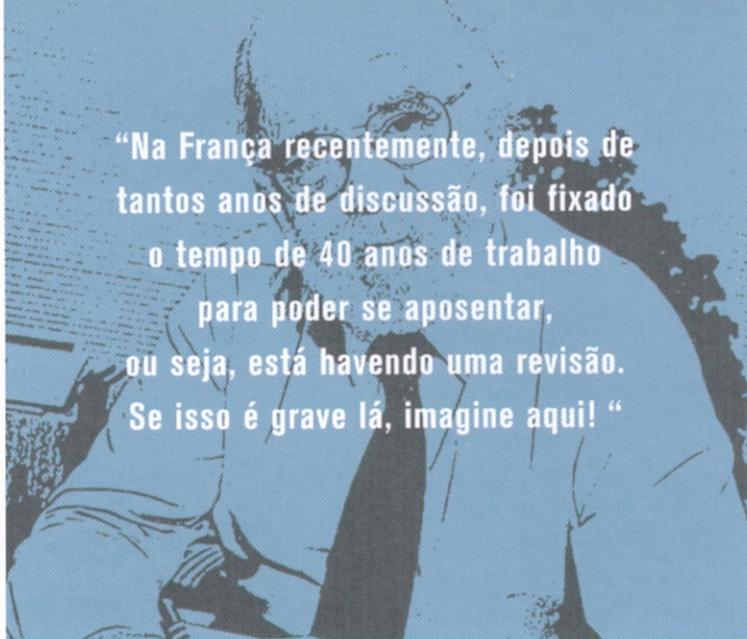
REVISTA – *Você falou uma vez que essas entidades de uma maneira geral já nasceram modernas, ou seja, já delineava, naquela época, a consciência de responsabilidade social que hoje está querendo se aplicar à realidade brasileira.*

DANILO – Sem dúvida. Além disso, tudo foi concebido numa dimensão estritamente social. Ou seja, não estabelecia qualquer vínculo desse trabalho com ação publicitária ou mercadológica. Ao contrário, fazia e prossegue fazendo isso, através de um fundo constituído anonimamente por todos. É diferente e friso que essa não é uma comparação valorativa, de alguém que hoje vincula um projeto ao nome da empresa e com isso fatura do ponto de vista publicitário.

REVISTA – *Fatura duas vezes.*

DANILO – Duas vezes, porque é um investimento de caráter publicitário também. Nesse sentido, acaba sendo algo muito mais do interesse da empresa do que do projeto em si mesmo, ao passo que o SESC e os outros “S” foram criados com

a generosa perspectiva da implantação de um fundo único, utilizado sem vínculo com nenhuma empresa, com nenhum nome individual e sim com uma proposta, uma idéia. Nossa identificação é com a proposição institucional, com a metodologia e o modo de agir, que não são ditados pelas contingências ou sazonalidades do mercado, mas por um projeto de transformação social. Este é o objetivo das instituições do chamado “sistema S”.



“Na França recentemente, depois de tantos anos de discussão, foi fixado o tempo de 40 anos de trabalho para poder se aposentar, ou seja, está havendo uma revisão. Se isso é grave lá, imagine aqui!”

REVISTA – *Suas convicções pessoais coincidem com os objetivos do SESC?*

DANILO – Sim. Houve uma forte identificação entre minhas convicções pessoais e a ação do SESC. Quando eu participo de um evento da Instituição, não o faço apenas por obrigação profissional, mas por prazer e satisfação. É algo que me mobiliza, que me remete àquele início: conhecer, interessar-me pelas coisas, relacionar-me com as pessoas.

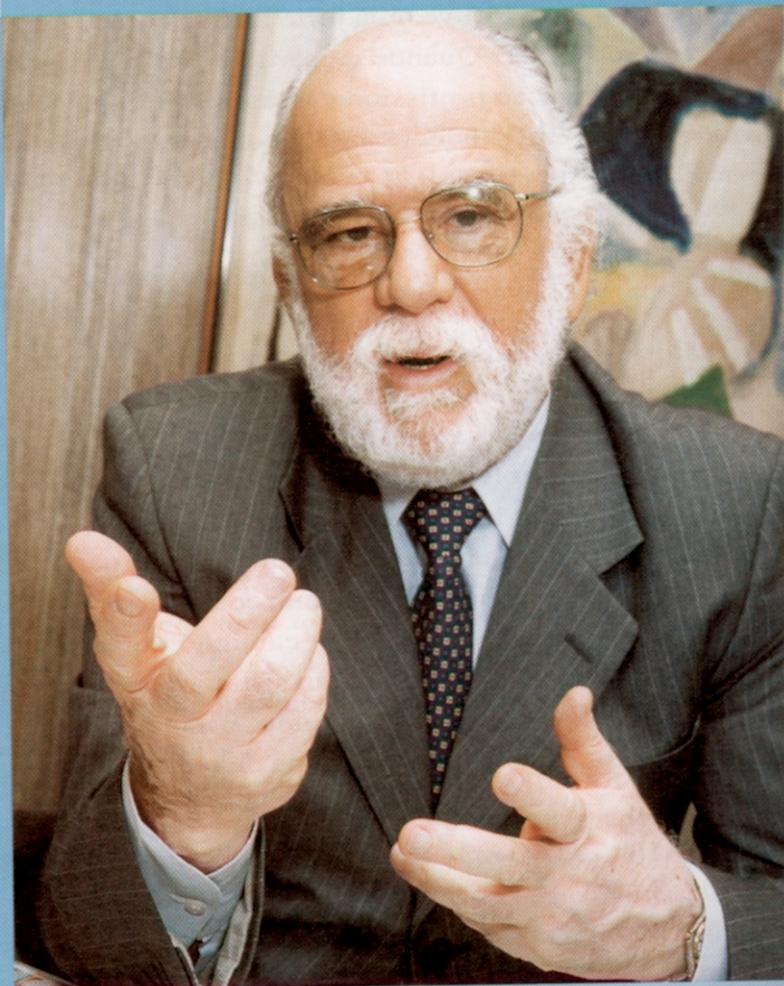
REVISTA – *Em relação à inquietação a qual você se referiu, quando saiu do seminário, você acha que encontrou o seu caminho?*

DANILO – Na realidade, foi uma inquietação restrita a um dado momento. Eu tinha 24 anos e logo em seguida prestei o concurso para ingressar no SESC. Quais eram as minhas opções quando saí do seminário? Fui convidado pelos padres jesuítas a continuar envolvido com a ação, a lecionar no Colégio São Luís. Eu tinha a opção de me dedicar à carreira universitária. Já era professor, dava aulas no Instituto de Educação que havia na rua Anhangüera, na Lapa. Tive a possibilidade de enveredar pelo caminho da academia, com um convite da PUC. Tudo isso poderia ter sido muito interessante, mas o caminho da academia não me interessou. No SESC existe uma completude muito sedutora que reúne e concilia teoria e possibilidades de realização. Isso me fascinou. É a idéia de integrar conhecimento e intervenção prática, desejo e possibilidade de realizar.

REVISTA – *E em relação a políticas culturais nos planos municipal, estadual federal, como você as vê, você é otimista?*

DANILO - Acho que vivemos um momento muito delicado, de revisão completa de significados e paradigmas. Há um processo de mudança e necessidades de afirmar políticas e isso está começando a acontecer também. Existem muitas posições questionáveis, mas sou otimista porque está tudo em discussão.

“Quando eu vou participar de um evento, não o faço apenas por uma obrigação profissional, mas por prazer mesmo. É uma coisa que me mobiliza, que me remete àquele início, aquela de conhecer, de me interessar pelas coisas e de me relacionar com as pessoas.”



REVISTA – *Já existem mudanças significativas?*

DANILO – Não. Mas penso que há uma discussão ampla no governo, especialmente na esfera federal. Há realmente uma discussão e essa discussão diz respeito ao “que fazer”, ao “por que fazer”... ao “quem paga a conta”. Os elementos em jogo são muito amplos, a discussão está se dando nesse momento. Nesse contexto o SESC tem muito a contribuir com seu exemplo. Ainda que mantido pela iniciativa privada, tem ação pública na área social e cultural. Essa ação é intrinsecamente balizada por questões como a democratização do acesso às oportunidades ou às ofertas; a questão de dar oportunidade àqueles que não a têm.

REVISTA – *E o papel das empresas?*

DANILO – O papel das empresas no incentivo à ação cultural pública é muito importante. Mas é preciso distinguir, como já nos referimos anteriormente, ação cultural de interesse público das ações culturais relacionadas ao marketing ou à publicidade. Em políticas públicas, a questão central, essencial, é saber como dar espaço à produção para que ela venha e flua livremente, isto é, seja autônoma, verdadeira e criativa - três adjetivos que, quando se referem à produção cultural, não devem e não podem ser dissociados.

REVISTA – *Políticas públicas não definem realizações e conteúdos, mas permitem a sua fruição?*

DANILO – Exatamente. Especialmente porque quando nos referimos à política cultural, não falamos em defesa da arte pela arte e sim num projeto social. Mais uma vez cito o exemplo do SESC. Somos orientados pelo ideal de transformação, e para isso, a ação cultural é o instrumento magno. Ela contém elementos verdadeiramente transformadores que colocam o indivíduo frente a frente com idéias e realidades diversas, ricas – que são contrastantes ao cotidiano normalizador. Permite a expressão e o encontro dos modos de pensar, sentir e interagir. No SESC isso gera ações sólidas, duradouras e processuais. O Trabalho Social com Idosos é exemplo disso. Começou em 1963. Nós somos pioneiros não por diletantismo ou por “sacação” de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. Somos pioneiros por uma questão institucional, por uma questão de vocação, de descoberta, de preparo das pessoas que aqui trabalhavam e trabalham e tem preocupação com o desenvolvimento humano. Nossa proposta institucional, propicia às pessoas a oportunidade de estudar, de se preparar, de discutir, de ir atrás de seus objetivos. A autonomia da criação interna permite que as pessoas se desenvolvam. Em 63, nosso colega Carlos Malatesta, orientador social, formou o primeiro grupo de idosos da instituição e foi estimulado pela entidade que percebeu a importância dessa ação. Ele, então, levou adiante seu trabalho que se tornou um marco para a história social brasileira. O nome dessa pessoa vai ficar para sempre registrado. Temos outros exemplos de ação pioneira, que vão desde a restauração de um prédio histórico para utilização como centro de cultura, o SESC Pompéia, a projetos sociais notórios, como o projeto Mesa SESC Brasil, citado pelo atual governo federal como uma ação exemplar

no combate à fome. E isso porque é revestido de um forte caráter educativo e que soma esforços de muitos parceiros. Aliás como em tudo mais o que fazemos: a dimensão educativa tem que estar presente.

REVISTA – *Educação informal?*

DANILO – Sim, educação informal e permanente. Aquela que se dá no processo normal da vida das pessoas, no dia-a-dia e que não perde os vínculos com o prazer, a espontaneidade, o desejo voluntário das pessoas de participar desse processo.

REVISTA – *Como você vê a situação do aposentado e do idoso no Brasil?*

DANILO - O idoso é um excluído. E não é excluído apenas porque tem aposentadoria precária, ou porque não tem aposentadoria. Trata-se de exclusão social e de exclusão cultural. E isso tem um nome: morte social. Ele não é considerado, não tem futuro. Observe por exemplo, a atuação da maioria das ONG's. Têm dedicação especial à infância ou outras áreas como meio ambiente. Mas, sintomaticamente, são poucas as que trabalham com idosos. Rememorando minha formação junto aos jesuítas, me parece muito oportuna a frase sempre repetida no seminário: “oportet illa facere et haec non omittere”, que significa aproximadamente isso: é preciso fazer aquelas coisas, sem deixar de fazer estas. Deve-se trabalhar tanto com os jovens como com os idosos. O idoso é detentor de informação, de conhecimento, de história, de memória, de emoções, de sentimentos, de realidade, de vida. Mas entram em consideração muitas vezes como “peso”, numa sociedade que quer fortalecer a massa de consumidores, o mercado. Essa visão “economicista” é cruel. A perspectiva de mercado orientou no passado projetos educacionais que foram incapazes de gerar transformação social. Enquanto não colocarmos o ser humano como portador de direitos, deveres e perspectivas de vida digna no centro de todo o processo de planejamento, não teremos saída.

REVISTA – *E a aposentadoria, a previdência?*

DANILO – A aposentadoria é um problema grave que se agrava ainda mais com a questão do desequilíbrio populacional e demográfico. A população está cada vez mais idosa e a população economicamente ativa é proporcionalmente menor. Além disso, há escassez de emprego. Temos aí um grave problema.

REVISTA – *Você é pessimista ou não em relação à reforma da Previdência?*

DANILO – Eu acho muito complicado. É difícil ser otimista. Penso que não será uma reforma instantânea, mas que dependerá de um processo. No início será muito tímida, muito lenta, muito demorada. Só irá se efetivar à medida que a consciência das pessoas, de modo geral, e de algumas categorias em especial, aumentar. O foco central das alterações será o “daqui para a frente”, e não o que ficou para trás. Com aqueles que já acumularam para trás será necessário fazer uma transição, o que não está muito fácil.



“O idoso é detentor de informação, de conhecimento, de história, de memória, de emoções, de sentimentos, de realidade, de vida. Mas entram em consideração muitas vezes como “peso”, numa sociedade que quer fortalecer a massa de consumidores, o mercado.

Essa visão “economicista” é cruel.

A perspectiva de mercado orientou no passado projetos educacionais que foram incapazes de gerar transformação social. Enquanto não colocarmos o ser humano como portador de direitos, deveres e perspectivas de vida digna no centro de todo o processo de planejamento, não teremos saída.”

“Pela primeira vez na História do Brasil,
um presidente da República nos primeiros dias do
seu governo veio ao SESC
não para receber homenagem, mas por causa de
um programa social da entidade.

Então eu acho que essa função propositiva
é importante. Refiro-me à vinculação do conceito
de cultura ligado à mudança e à transformação
social.”



REVISTA – *Ninguém quer abrir mão.*

DANILO – Isso será impossível. Viver em sociedade exige concessões. O que está em pauta é o bem comum. Alguns terão que ceder para que o bom senso prevaleça.

REVISTA – *E a paridade, o salário integral...*

DANILO – Temos que distinguir entre o que é direito e o que é privilégio. Ainda que essas instâncias em alguns momentos se confundam, às vezes carregam a herança de um contexto que o Brasil está deixando para trás: o contexto das políticas excludentes, autoritárias e conservadoras. É preciso “descontaminar” dessa herança perversa as idéias de justiça e direito.

REVISTA – *E em outros setores?*

DANILO – Falta tudo, saúde, educação, lazer... Eu diria que faltam políticas adequadas e faltam reflexões mais abrangentes. Nesse sentido existem iniciativas louváveis, mas que ainda “derrapam” em discussões pontuais, circunstanciais, tratam de questões que não são o problema em si, mas efeitos de uma questão central ainda não percebida. É como tratar de sintomas sem perceber que doenças os estão gerando. De qualquer forma, há um crescente interesse pela questão do idoso. São gerados muitos discursos, intenções, que oscilam do oportunismo à busca de caminhos alternativos. O importante é que o assunto permaneça na pauta e que as contradições sejam expostas. No SESC, nós temos uma grande vantagem: um dos nossos maiores ativos é o fato de juntarmos a prática à teoria, ou seja, temos a ação e refletimos sobre ela. Nós discutimos, nós falamos, nós debatemos, nós informamos... nós estamos fazendo. E isso, lado a lado com os idosos. Para atacar muito incisivamente a questão do idoso, por exemplo, dispomos de uma variedade de metodologias de ação, que migraram, ou estão migrando, de uma posição mais conservadora e assistencialista para uma posição mais participativa, construtiva e avançada.

REVISTA – *Você se refere a um trabalho de vanguarda?*

DANILO – De vanguarda e de proposição. Por exemplo, quando trabalhamos com um grupo da Terceira Idade fechando, segregando, separando, dividindo, confinando num espaço exclusivo, com ações exclusivas, com modos exclusivos de agir, aceitando muitas vezes o desejo de alguns quanto a ter sua “vidinha” própria, estamos realizando um trabalho pouco educativo, um trabalho limitado. Então, à medida que partimos para uma ação mais participativa, mais envolvida, que confronte, que exige, que desafie, que não segregue, mas que integre o idoso às demais gerações, por exemplo, dessa forma, sim, temos uma proposta inovadora.

REVISTA – *Como é que você vê a questão da integração das gerações? Muitos ressaltam um conflito entre as gerações, enfatizando as diferenças de valores.*

DANILO – O conflito de gerações é um fato da vida humana, sempre existiu e



sempre existirá. É saudável na medida em que não se transforma em embate. O conflito é a mola propulsora para o diálogo, a troca de idéias, a busca do consenso. Administrar um conflito não é impedir que ele ocorra, mas que ela se reverta em transformação. É interessante reunir a rebeldia natural do jovem, com a maturidade e a experiência do idoso. É normal ao jovem a não-aceitação da autoridade paterna e materna, da autoridade do professor, a tentativa de buscar alguma coisa diferente e alternativa, um comportamento meio fora dos padrões e até marginal. Esse é um processo natural que deve ser administrado. É claro que não se pode permitir aquilo que se mostra anti-social ou perigoso. É o momento de estabelecimento de limites.

REVISTA – *O jovem experimenta até onde dá para ir?*

DANILO – Exatamente. Nesse momento é desejável que aconteça isso. Seria muito difícil, muito complicado, para um pai, não perceber no filho ou na filha esse momento de transição. Essa turbulência é absolutamente natural. Numa sociedade composta por essas diversas gerações, que entendem e sentem o mundo de forma diferente, certamente será mais saudável a convivência, o conhecimento, a troca. Assim, aprecio o desenvolvimento de um trabalho intergeracional no SESC.

REVISTA – *Como você está vivendo os seus 60 anos de idade, completados recentemente?*

DANILO - Eu me sinto na plenitude da vida. Do ponto de vista formal, já estou até meio aposentado, já tenho a previdência oficial, mas estou na absoluta plenitude. Acho que a gente acumula informação, vê melhor, vê de mais alto, vê mais longe e tem condição, assim, de poder entender melhor e ajudar melhor. Enfim, eu nunca tive uma percepção tão positiva das coisas à minha volta como tenho hoje. O envelhecimento aumenta demais a sensibilidade, aumenta demais a capacidade não apenas de perceber, mas de contribuir. Você se sente impelido a contribuir de uma forma muito efetiva e o faz. Eu faço isso no meu trabalho, na minha família, no meu grupo social, em todas as oportunidades que tenho. Nunca enxerguei tanta beleza à minha volta como vejo hoje. Você sabia que os ipês-rosas estão floridos atualmente em toda a cidade de São Paulo? Eu nunca percebi isso, e moro em São Paulo há 40 anos. Quando se presta atenção à natureza, se vê o crescer, o aparecer, o definhar de maneira muito mais clara, isso é uma conquista. O meu olhar sobre essa cidade massacrante, cinza, opressora, nunca foi tão apurado para enxergar a beleza, primeiro dos ipês-rosas, depois dos jacarandás, depois das paineiras, depois dos ipês-amarelos. Eu tenho hoje em São Paulo o ciclo da beleza efetiva da cidade. Essa capacidade de perceber do ponto de vista visual é a mesma capacidade de perceber do ponto de vista imaterial, espiritual, das intenções, dos sentimentos das pessoas. Isso é uma coisa maravilhosa, é um olhar absolutamente novo.

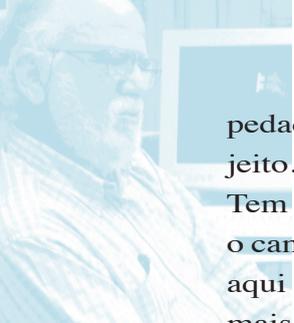
REVISTA – *É um momento de maior tolerância?*

DANILO – Sem dúvida nenhuma. Você se torna uma pessoa muito mais compreensiva. Percebo que a questão do processo de envelhecimento é um farol para

a frente, eu tenho futuro. Para mim, futuro é uma realidade, não estou naquela de que vou viver mais 10 ou 20 anos e, então, vou ficar ancorado no passado. É farol à frente e não lanterna para trás. É claro que tenho um passado, a minha história; não tenho grandes arrependimentos, algumas coisas que podia ter feito de outro jeito, mas não coisas graves. Tenho relação com muita gente, muitos amigos, tenho uma excelente relação familiar. Sou um forasteiro em São Paulo, vim sozinho para cá, sozinho. Saí do seminário e

vim batalhar em São Paulo, a cidade mais difícil do país. Vim buscar emprego, entrei para o SESC, construí minha vida aqui. Casei nesta cidade, tenho amigos aqui. Completei 60 anos este ano e recebi uma grande homenagem dos amigos, de minha família. Juntei muita gente amiga e parentes, gente que veio do Brasil inteiro. Foi emocionante para mim, receber nessa festa a minha madrinha. Ela tem 84 anos. É uma das irmãs ainda vivas da minha mãe. Madrinha Diná, firme e forte. Foi realmente um fato... comovente. Então, eu acho que o meu olhar sobre o envelhecimento é um olhar muito positivo. Tenho uma casinha na serra, vou para lá, fico perdido, olhando a natureza. Tenho essa relação com o mundo absolutamente diferente, mas também uma perspectiva de contribuição grande, imensa, graças a toda essa trajetória que mencionei. E mais do que isso, essas reflexões todas eu quero partilhar, quero discutir com as pessoas, quero debater, quero estar presente. Por exemplo, o Fórum Cultural Mundial, do qual eu sou responsável, presidente em São Paulo, e que vai acontecer no ano que vem, é uma coisa decorrente da minha ação no SESC e, mais do que isso, é decorrente da minha trajetória de vida. A intenção desse fórum é discutir essas questões: a centralidade, a importância da cultura, a necessidade de políticas culturais adequadas, de buscar modos de fazer adequados, modos de financiar adequados, evoluir adequadamente. O fórum mundial, que é objeto de uma atenção especial de minha parte e de algumas pessoas à minha volta, visa uma vinculação com a cidade de São Paulo, com o Brasil: um olhar sobre o Brasil hoje. Estou com 60 anos e acho que muita gente com 60 ou mais tem muito a contribuir, porque acumularam conhecimento. Mas, o mais importante não é acumulá-lo, é saber trabalhar com esse conhecimento. Honestamente, nunca estive com uma sensação tão plena quanto atualmente. E não digo isso demagogicamente. É uma coisa que vem naturalmente, em decorrência do reconhecimento do nosso trabalho. Considero essa perspectiva do “nosso” alguma coisa muito profunda na minha vida. Desde a origem, aprendi sempre a dizer nós, nosso, o coletivo. Sei que

“Nós discutimos, nós falamos, nós debatemos, nós informamos, estamos fazendo. Por exemplo, para atacar muito claramente a questão do idoso, temos uma variedade de metodologias de ação, mas migrando de uma posição mais conservadora e assistencialista, que ainda temos, para uma posição mais participativa, construtiva, mais avançada.”



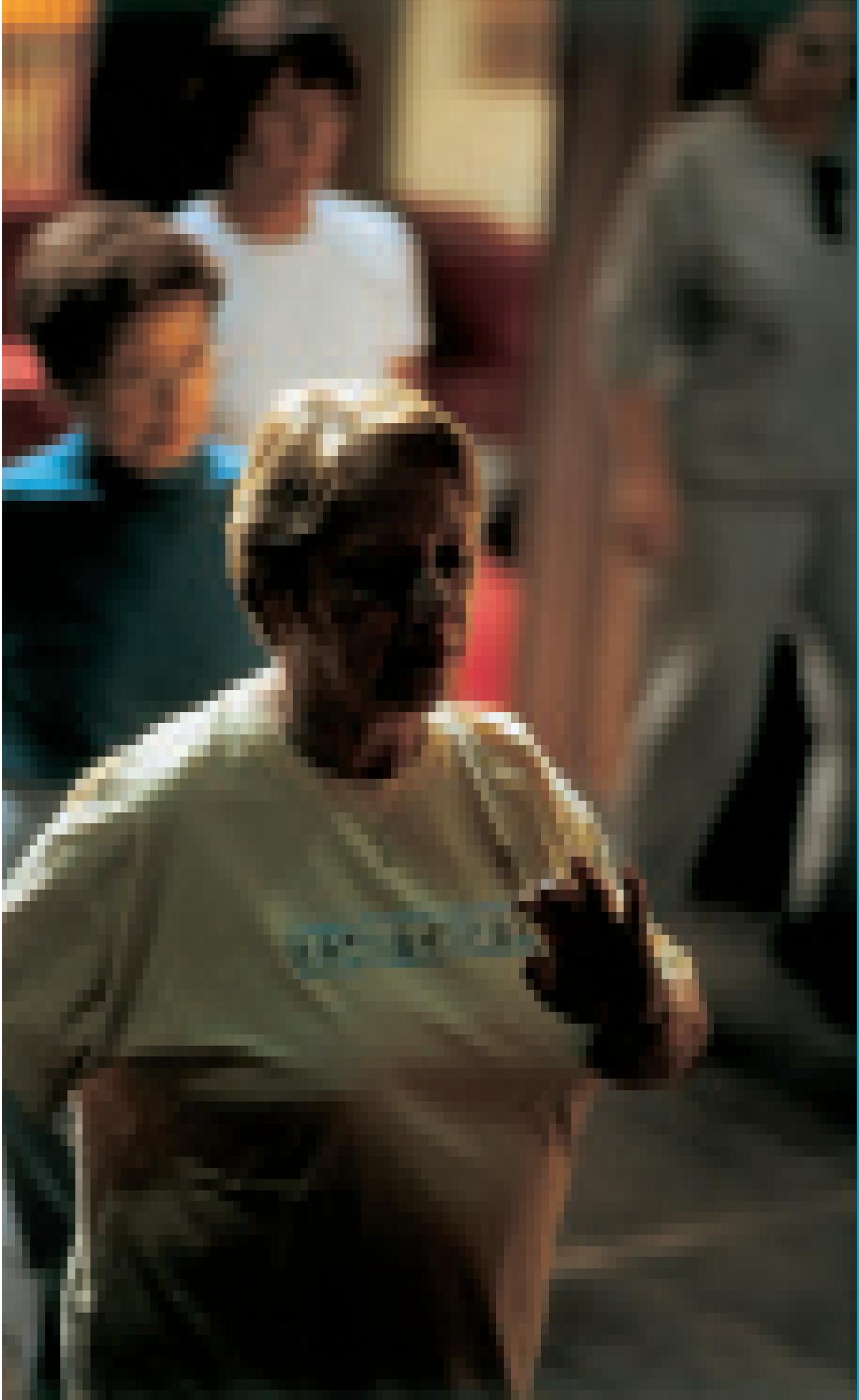
pedaço importante da instituição. Se não fosse eu, provavelmente não seria desse jeito. Seria de outro jeito e tudo bem. Mas o trabalho é nosso, somos nós juntos. Tem a colaboração do empresariado, do nosso presidente Abram Szajman, que abre o caminho, que cria condições. Eu não me sinto melhor do que ninguém que sentou aqui antes de mim, não mesmo. Mas tive mais oportunidades de uma ação muito mais completa e profunda dos que me antecederam. E tenho consciência disso. A humanidade vive um momento de perplexidade, um certo impasse no mundo. Mas eu, particularmente, não me sinto com impasse nenhum. Não tenho dúvida nenhuma sobre o que penso, sobre a minha vida, sobre o que tenho pela frente. Mas percebo que o mundo em geral vive hoje um impasse, que não é somente uma crise de valores. É um impasse sobre o que fazer agora, para onde nós vamos, que tipo de perspectiva.

REVISTA – *Há uma falta de modelos?*

DANILO – É preciso criar modelos ou perceber o que vem pela frente. No passado recente, vivemos uma ditadura militar e cultural, uma hegemonia definida e única. Antigamente havia a bipolaridade que não existe hoje, sobretudo política e militar. Isso é um fato novo. E eu tenho para mim que esse fato cria um impasse: e agora, para onde nós vamos? Estive agora na Bienal de Veneza. Os artistas que percebem as coisas, os profetas do mundo novo, estão perplexos também. Estão perdidos. Estão com propostas, mas que refletem o drama do impasse. Tanto que um dos motes que a gente coloca para discussão no fórum é o famoso poema de Drummond, que é “E agora, José?” Para onde nós vamos? Eu não tenho a perspectiva desse impasse. Honestamente, mantenho uma relação com o entorno razoavelmente equilibrada. Minha família é uma família pequena, minha mulher e duas filhas, uma está em Nova York estudando na melhor universidade de artes. Foi conquista dela. É claro que a gente facilitou, mas foi ela que pesquisou, que prestou concurso e conseguiu viabilizar o fato de estar lá na universidade. A outra está montando a vida dela aqui, trabalhando, batalhando, buscando seu caminho no campo que lhe é específico. É o que temos que fazer. Não me sinto realizado, mas realizando, com muita perspectiva positiva. Acho que deixo um legado positivo e promissor. Não me sinto vaidoso por isso. Não vejo a coisa do ponto de vista material. Esse nunca foi o balizamento da minha vida.

**“Nós somos pioneiros por uma questão institucional,
por uma questão de vocação, de descoberta, de preparo das pessoas,
de preocupação com recursos humanos.**

**Nossa estrutura institucional, com todos os problemas
que ela possa ter, dá oportunidade às pessoas de estudarem,
de se prepararem, de discutirem, de irem atrás de seus objetivos.”**



CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

2002-2004

Presidente

Abram Szajman

Efetivos

Carlos Eduardo Gabas
Cícero Bueno Brandão Júnior
Eduardo Vampré Do Nascimento
Eládio Arroyo Martins
Fernando Soranz
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Ivo Dall'acqua Júnior
José Maria De Faria
José Santino De Lira Filho
Luciano Figliolia
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Valdir Aparecido Dos Santos
Wallace Garroux Sampaio

Suplentes

Amadeu Castanheira
Arnaldo José Peralini
Henrique Paulo Marquesin
Israel Guinsburg
Jair Toledo
João Herrera Martins
Jorge Sarhan Salomão
José Maria Saes Rosa
Mariza Medeiros Scaranci
Mauro José Correia
Mauro Zukerman
Rafik Hussein Saab
Vagner Jorge

Representantes do Conselho Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos

Abram Szajman
Euclides Carli
Raul Cocito

Suplentes

Aldo Minchillo
Manoel José Vieira de Moraes

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

SESC
SÃO PAULO

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 29 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia, turismo social e cinema.

Trabalho Social **4** com Idosos

ANOS
SESC
SÃO PAULO

**O ENCONTRO DE GERAÇÕES NA
HISTÓRIA DO SESC SÃO PAULO**

DANILO SANTOS DE MIRANDA / BRASIL

**AS RELAÇÕES ENTRE GERAÇÕES
E OS PROCESSOS EDUCATIVOS:
TRANSMISSÕES E TRANSFORMAÇÕES**

JEAN CLAUDE FORQUIN / FRANÇA

**A EDUCAÇÃO PARA A PAZ
COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO
DAS GERAÇÕES**

XESÚS R. JARES / ESPANHA

**O RELACIONAMENTO ENTRE AS GERAÇÕES
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

RICARDO MORAGAS / ESPANHA

Congresso Internacional Co-Educação de Gerações

21 ▶ 24 outubro 2003
Sesc Vila Mariana
São Paulo Brasil

Tel: 5080 3142 www.sescsp.org.br



Helmeister
ARTE COLLAGES TIDE HELMEISTER

Trabalho Social com Idosos

40 ANOS

SESC
SÃO PAULO

ENCONTRO NACIONAL DE IDOSOS 2 A 8 DE SETEMBRO SESC BERTIOGA
LANÇAMENTO DE CATÁLOGO COMEMORATIVO / ABERTURA DA EXPOSIÇÃO TEMPO EM CARTAZ 30 DE SETEMBRO SESC POMPÉIA
PRÉ-ESTRÉIA DO DOCUMENTÁRIO UMAS VELHICES 9 DE OUTUBRO CINESESC
CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES 21 A 24 DE OUTUBRO SESC VILA MARIANA
0800-118220 WWW.SESCSP.ORG.BR